PPGCI Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
IBICT - UFRJ

VANESSA SOUZA MENDONÇA

Competência em Informação e perfil dos bibliotecários da área de Ciências da Saúde: investigando os hospitais universitários

Dissertação de Mestrado
Março de 2015

UFRJ

ibict

VANESSA SOUZA MENDONÇA

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E PERFIL DOS BIBLIOTECÁRIOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE: investigando os hospitais universitários

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Orientadora: Jacqueline Leta

Rio de Janeiro

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Mc

Mendonça, Vanessa Souza
Competência em informação e perfil dos bibliotecários da área de ciências da saúde: investigando os hospitais universitários / Vanessa Souza Mendonça. -- Rio de Janeiro, 2015.
191 f.

Orientadora: Jacqueline Leta.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2015.

1. Competência em informação. 2. Perfil profissional. 3. Bibliotecário. 4. Hospitais Universitários. 5. Ciências da Saúde. I. Leta, Jacqueline, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

VANESSA SOUZA MENDONÇA

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E PERFIL DOS BIBLIOTECÁRIOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE: investigando os hospitais universitários

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Aprovada em:

_____

Profa. Dra. Jacqueline Leta (Orientadora)
PPGCI/IBICT - ECO/UFRJ

_____

Prof. Dr. Jorge Calmon de Almeida Biolchini
PPGCI/IBICT - ECO/UFRJ

_____

Profa. Dra. Rosali Fernandez de Souza
PPGCI/IBICT - ECO/UFRJ

_____

Profa. Dra. Maria Cristina Soares Guimarães
Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde - ICICT/Fiocruz

_____

Dr. Francisco Sérgio Strauss Vasques Filho
Instituto de Bioquímica - IBqM/UFRJ

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, Lourdes e Messias.

Ao meu amado marido, Antônio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, Pai Onipotente e presente em todos os dias de minha vida, pela oportunidade de chegar até aqui e completar mais uma etapa das várias que ainda estão por vir.

A minha orientadora profa. Jacqueline Leta, por todo o apoio e atenção a mim dedicada durante a minha trajetória de mestrado. Pela seu interesse, entusiasmo e disponibilidade para me ensinar e guiar no desenvolvimento deste trabalho. Os aconselhamentos e os conhecimentos recebidos foram e continuarão sendo fundamentais na minha caminhada de estudos.

Aos professores Rosali Fernandez de Souza, Jorge Calmon de Almeida Biolchini, Eloísa da Conceição Príncipe de Oliveira, Maria Cristina Soares Guimarães e Francisco Sérgio Strauss Vasques Filho por aceitarem meu convite para compor a banca e contribuírem com meu aprendizado.

Aos professores e funcionários do PPGCI/IBICT, por toda atenção, paciência e carinho com que sempre fui recebida.

Aos amigos que fiz durante o mestrado do PPGCI/IBICT, aos quais me proporcionaram uma convivência muito agradável e de muito aprendizado, em especial Leila, Alexandre, Gustavo, Rodrigo e Homero.

À amiga Eliana Rosa pelo incentivo, ajuda e por todo o apoio fornecido para a realização desse mestrado.

A minha família, por todas as palavras de incentivo e de acolhimento nos momentos que precisei.

À Antonio, pela compreensão, carinho, apoio e pelo amor verdadeiro e incondicional.

"O conhecimento é de duas espécies. Podemos conhecer nós mesmos, um assunto ou saber onde encontrar informações a respeito".

Samuel Johnson

RESUMO

MENDONÇA, Vanessa Souza. **Competência em Informação e perfil dos bibliotecários da área da saúde:** investigando os hospitais universitários. Orientadora: Jacqueline Leta, 2015. 188f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015.

Pesquisa de caráter qualitativo, cujo objetivo geral foi verificar como os bibliotecários com diferentes perfis de atuação, médico, clínico ou informacionista, desenvolvem a competência em informação na área da saúde. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório e um estudo de caso dos bibliotecários que atuam nas bibliotecas dos hospitais universitários federais e estaduais. A técnica para coleta de dados utilizada foi o questionário do tipo *online.* A análise de conteúdo foi a ferramenta metodológica empregada para análise dos dados coletados. Os resultados apontam que os profissionais bibliotecários são predominantemente do sexo feminino, acima dos quarenta anos, com mais de dez anos de formação e menos de dez anos de vínculo institucional. Realizam atividades predominantemente relacionadas ao perfil do bibliotecário médico e as habilidades e competências exigidas durante a prática profissional têm relação com o mesmo perfil. Buscam se atualizar e se capacitar, tendo como preferência cursos presenciais e/ou a distância para desenvolver a competência em informação. Indicaram como barreiras para capacitação a dificuldade para fazer cursos, dificuldade com o uso dos termos técnicos da área e dificuldades na relação com público. Apresentam, em sua maioria, uma perspectiva otimista para o futuro da profissão no ambiente do hospital universitário. Esta pesquisa aponta a importância da educação continuada e especializada como forma do bibliotecário se capacitar e se atualizar para melhor adquirir e desenvolver a competência em informação, especialmente na área da saúde.

Palavras chave: Competência em Informação; Perfil Profissional; Bibliotecário; Hospitais Universitários; Ciências da Saúde.

ABSTRACT

MENDONÇA, Vanessa Souza. **Competência em Informação e perfil dos bibliotecários da área da saúde:** investigando os hospitais universitários. Orientadora: Jacqueline Leta, 2015. 188f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015.

Qualitative research that aimed to verify how librarians with different performance profiles, medical, clinical or informationist, develop information literacy in health. It is a descriptive exploratory research by a case study about librarians who work in libraries at federal and state university hospitals. The method used to collect data was online questionnaire. Content Analysis was the methodological technique applied for data analysis. Results point out that librarians are predominantly females, above forty years old, with more than ten years after graduation and less than ten years working at his/her institution. They also perform activities mainly related to the medical librarian profile. The skills and literacy required are also related to the same profile. Librarians prefer to improve themselves in information literacy by classroom courses and/or online learning. They indicated the difficulty to take courses, the difficulty with technical words and relationship with target audience as barriers to achieve self-development. Most of the respondents have an optimistic perspective about the future of their profession within university hospitals. This research indicates the significance of continued and specialized education as a way to librarians improve and, consequently, develop better information literacy, particularly in health.

Keywords: Information Literacy; Professional Profile; Librarian; Universitary Hospital; Health Sciences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Critérios exigidos para certificação de acordo com a Portaria IM nº 2400/2007 31

Figura 2 Mapa conceitual do conceito *Competência em Informação* 53

Figura 3 Número de hospitais universitários federais que apresentam ou não uma biblioteca 92

Figura 4 Hospital Universitário Alcides Carneiro 93

Figura 5 Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza 94

Figura 6 Hospital Universitário de Brasília 95

Figura 7 Hospital Universitário Clementino Fraga Filho 97

Figura 8 Hospital Universitário Gaffrée e Guinle 98

Figura 9 Hospital Universitário Grande Dourados 99

Figura 10 Hospital Universitário Lauro Wanderley 100

Figura 11 Hospital Universitário Pedro Ernesto 101

Figura 12 Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago 102

Figura 13 Hospital Universitário Regional de Maringá 102

Figura 14 Hospital Universitário da Universidade de São Paulo 103

Figura 15 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da UEL 104

Figura 16 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da UFJF 105

Figura 17 Biblioteca do Centro de Ciências da UFRJ 106

Figura 18 Biblioteca J. Baeta Viana 107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Evolução histórica dos hospitais.....	23
Quadro 2	Marcos das mudanças do conceito *Information Literacy*.....	47
Quadro 3	Cursos de Biblioteconomia existentes por região.....	58
Quadro 4	Atuação, atividades, habilidades e competências dos diferentes perfis de bibliotecários da área da saúde.....	72
Quadro 5	Relação dos hospitais universitários federais e estaduais com bibliotecários que participaram da pesquisa.....	83
Quadro 6	Características dos grupos H e S.....	108
Quadro 7	Número de respostas à questão 9: usuários mais frequentes na biblioteca dos HUs e do CCS.....	110
Quadro 8	Número de respostas à questão 10: serviços de referência procurados com mais frequencia pelos usuários das bibliotecas.....	111
Quadro 9	Número de respostas à questão 15: atividades na rotina dos bibliotecários dos HUs e do CCS.....	115
Quadro 10	Número de respostas à questão 16: frequencia das atividades relacionadas a cada um dos perfis: médico, clínico ou informacionista referente aos bibliotecários dos HUs (Grupo H).....	116
Quadro 11	Número de respostas à questão 16: frequencia das atividades relacionadas a cada um dos perfis: médico, clínico ou informacionista referente aos bibliotecários dos CCS (Grupo S).....	117
Quadro 12	Número de respostas à questão 17: competências exigidas aos bibliotecários dos HUs e do CCS, no último mês.....	118
Quadro 13	Número de respostas à questão 19: formas de atualização e capacitação profissional dos bibliotecários dos HUs e do CCS.....	120
Quadro 14	Número de respostas à questão 20: indicação de cursos específicos a quem atua na área da saúde.....	121
Quadro 15	Número de respostas à questão 22: Nível de dificuldade.....	123
Quadro 1c	Distribuição das respostas dos participantes na questão 13: *"Para cada um dos tipos de usuários abaixo, indique a frequencia média que eles usaram a biblioteca no último mês letivo"*.....	166
Quadro 2c	Distribuição das respostas dos participantes na questão 15: *"Para cada um dos tópicos abaixo, indique a frequencia média que serviços e produtos da biblioteca foram divulgados no último mês letivo"*.....	167
Quadro 3c	Distribuição das respostas dos participantes na questão 18: *"Preencha as afirmativas abaixo: Desde que assumi o cargo de bibliotecário (a) desta biblioteca, eu"*.....	168
Quadro 4c	Distribuição das respostas dos participantes na questão 21: *"Abaixo são listadas algumas competências relacionadas ao fazer do bibliotecário indique como você se sente em relação a elas"*.....	169
Quadro 5c	Distribuição das respostas dos participantes na questão 22: *"Considerando os tópicos abaixo, você considera que foram barreiras para o seu desenvolvimento profissional"*.....	170

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA	American Library Association
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ABRAHUE	Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino
APCIS/RJ	Associação dos Profissionais de Informação e Documentação em Ciências da Saúde do Rio de Janeiro
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FIDEPS	Fator de Incentivo ao Desenvolvimento do Ensino e da Pesquisa Universitária
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GBICS/SC	Grupo de bibliotecários de informação em Ciências da Saúde de Santa Catarina
HU	Hospital Universitário
HUAC	Hospital Universitário Alcides Carneiro
HUBFS	Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza
HUCFF	Hospital Universitário Clementino Fraga Filho
HUGD	Hospital Universitário da Grande Dourados
HU-USP	Hospital Universitário da Universidade de São Paulo
HUGG	Hospital Universitário Gaffrée e Guinle
HUB	Hospital Universitário de Brasília
HULW	Hospital Universitário Lauro Wanderley
HUPE	Hospital Universitário Pedro Ernesto
HUPPEST	Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago
HUM	Hospital Universitário Regional de Maringá

IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
FID	International Federation for Information and Documentation
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
LA	Library Association
MLA	Medical Library Association
MEDLARS	Medical Literature Analysis and Retrieval System
MeSH	Medical Subject Headings
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
NIH	National Institutes of Health
NLM	National Library of Medicine
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
SUS	Sistema Único de Saúde
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO**..... 16

2 **HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS, A BIBLIOTECA HOSPITALAR UNIVERSITÁRIA E O BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA**..... 20

2.1 HOSPITAIS: DA HISTÓRIA AO SURGIMENTO DOS HOSPITAIS DE ENSINO..... 20

2.2 HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL..... 26

2.2.1 **O lugar do ensino, assistência e da pesquisa em saúde**..... 26

2.2.2 **Distribuição, certificação e a exigência de bibliotecas**..... 30

2.3 HOSPITAL UNIVERSITÁRIO: O LUGAR DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E DO BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA..... 32

2.3.1 **A biblioteca universitária**..... 32

2.3.2 **Serviço de referência das bibliotecas**..... 37

2.3.3 **O bibliotecário de referência**..... 40

3 **BIBLIOTECÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE: COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E PERFIL PROFISSIONAL**..... 45

3.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: BREVE HISTÓRICO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS..... 45

3.2 FORMAÇÃO, HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO..... 54

3.2.1 **Atuação profissional do bibliotecário no Brasil**..... 61

3.2.2 **Competências e habilidades do Bibliotecário**..... 63

3.3 PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE..... 67

3.3.1 **Bibliotecário médico**..... 74

3.3.2 **Bibliotecário clínico**..... 76

3.3.3 **Informacionista clínico**..... 77

4 **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**..... 80
4.1 QUESTÕES DE PESQUISA E OBJETIVOS..... 80
4.2 METODOLOGIA..... 81
4.2.1 **Campo e população de estudo**..... 82
4.2.2 **Coleta de dados**..... 85
4.2.3 **Questionário final**..... 87
4.3 ANÁLISE DOS DADOS..... 88

5 **COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO DA ÁREA DA SAÚDE: DESCREVENDO O CONTEXTO E EXPLORANDO O QUESTIONÁRIO**..... 91
5.1 AS BIBLIOTECAS PARTICIPANTES..... 91
5.1.1 **Bibliotecas participantes que estão localizadas no ambiente do HU**..... 93
5.1.1.1 O Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC)..... 93
5.1.1.2 O Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza (HUBFS)..... 94
5.1.1.3 O Hospital Universitário de Brasília (HUB)..... 95
5.1.1.4 O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF)..... 96
5.1.1.5 O Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG)..... 97
5.1.1.6 O Hospital Universitário da Grande Dourados (HUGD)..... 98
5.1.1.7 O Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW)..... 99
5.1.1.8 O Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE)..... 100
5.1.1.9 O Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago (HUPPEST)..... 101
5.1.1.10 O Hospital Universitário Regional de Maringá (HUM)..... 102
5.1.1.11 O Hospital Universitário de Universidade de São Paulo (HU-USP)..... 103
5.1.2 **Bibliotecas participantes que estão localizadas fora do ambiente do HU**..... 104
5.1.2.1 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina..... 104
5.1.2.2 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Goiás..... 105
5.1.2.3 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Juiz de Fora..... 105

5.1.2.4 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de

Janeiro..... 105
5.1.2.5 Biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense..... 106
5.1.2.6 Biblioteca J. Baeta Viana da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais..... 107
5.2 EXPLORANDO O QUESTIONÁRIO..... 107
5.2.1 **Sobre o perfil pessoal e profissional dos respondentes**..... 108
5.2.2 **Sobre o ambiente e a rotina de trabalho**..... 110
5.2.3 **Tarefas, competências e capacitação dos bibliotecários**..... 114
5.2.4 **Dificuldades e perspectivas na profissão**..... 122

6 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 130

REFERÊNCIAS..... 136

APÊNDICE A - RELAÇÃO DOS HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS E CONTATO DAS BIBLIOTECAS..... 152
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PILOTO..... 156
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PILOTO: ANÁLISE DO RESULTADO 165
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO FINAL..... 174
ANEXO A - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA..... 183

1 INTRODUÇÃO

A informação é um bem imprescindível para a sociedade contemporânea, devido ao seu valor estratégico, político e econômico. Desde o final do século XX, o termo Sociedade da Informação "passou a ser utilizado [...], como substituto para o conceito complexo de Sociedade Pós-Industrial e como forma de transmitir o conteúdo específico do 'novo paradigma técnico-econômico'." (WERTHEIN, 2000, p.72). Esta Sociedade pode ser entendida como aquela economicamente alicerçada na informação, que é matéria prima para as tecnologias de informação e comunicação (TICs). As TICs, por sua vez, possibilitam o acesso, a armazenagem, o processamento e a mediação/disseminação da informação, cujo resultado deste processo é o conhecimento (VALENTIM, 2002).

Para a Ciência, uma das consequências mais marcantes da Sociedade da Informação é o crescimento exponencial das pesquisas e das publicações científicas. Este panorama é influenciado pelas TICs que também têm afetado outros segmentos da sociedade atual, como por exemplo, a Educação, especialmente a Educação Superior, impactando os processos de produção, comunicação e disseminação da informação, assim como os serviços dos sistemas de informação e, consequentemente, a atuação do profissional que está a frente deste serviço: o bibliotecário[1] (BERAQUET; CIOL, 2009).

> A Biblioteconomia que se envolve com a organização em todas as áreas, mostra-se uma profissão extremamente interdisciplinar com uma fundamentação teórica que precisa ser ampla e flexível de modo a corresponder à expansão do conhecimento geral. O campo de atuação do bibliotecário é muito amplo porque, além de diferentes instituições, ao ingressar no mercado de trabalho, ele pode atuar em áreas específicas, que requerem habilidades e competências também específicas para o seu desempenho (BERAQUET; CIOL, 2009, p.2).

Uma área onde se identifica a relevância da atuação do bibliotecário, é a área de Ciências da Saúde decorrente do grande volume de informação técnica e científica e da necessidade de rápida disseminação dessa informação. Nesta área, destacam-se também as bibliotecas dos hospitais universitários, consideradas serviços especializados que procuram reunir informações de caráter técnico e científico para apoio dos profissionais de saúde, incluindo-se os docentes e estudantes. Estas unidades têm como finalidade a promoção do acesso, a disseminação e o uso da informação especializada dando suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão.

---

[1] Nesta pesquisa, optou-se por usar o termo bibliotecário no masculino.

Os hospitais universitários são considerados “centros de formação de recursos humanos e de desenvolvimento de tecnologia para a área de saúde” (BRASIL, 2012). As transformações ocorridas nestas instituições e todos os avanços na saúde são consequências, mas também reflexo, da ação de todos aqueles que trabalham na área e também em outras afins, como é o caso da Biblioteconomia. No Brasil, o bibliotecário não tem disponível uma capacitação específica voltada para atuação na área da saúde. Desta forma, a capacitação e o desenvolvimento de competências em informação na referida área, frequentemente, ocorre durante o serviço, no convívio com usuários especializados e/ou através de cursos extracurriculares (CIOL; BERAQUET, 2003).

Em pesquisa sobre a capacitação dos profissionais de informação em Ciências da Saúde, Pinto destaca as diferentes competências destes profissionais, tal como mostra o trecho a seguir:

> A realidade atual demanda um bibliotecário que esteja apto a lidar com a informação em saúde, a selecionar e avaliar a informação adequada que, por sua vez, irá contribuir no processo de tomada de decisão e no desenvolvimento da pesquisa em saúde; que seja integrado à equipe médica ou a um serviço de informação especializado. (PINTO, 2005, p.5)

A profissão de bibliotecário tem sido investigada por diversas dimensões, como formação, atuação, perfil, competências, entre outras. Interessa neste estudo a dimensão perfil, cuja literatura nacional e internacional (LAMB; JEFFERSON; WHITE, 1975; MEDICAL LIBRARY ASSOCIATION, 1992; DAVIDOFF; FLORENCE, 2000; CRESTANA, 2003; BERAQUET; CIOL, 2009) apresenta três tipologias de bibliotecários que atuam em hospitais universitários: i) o bibliotecário médico, que atua diretamente nas bibliotecas hospitalares; ii) o bibliotecário clínico, que integra equipes clínicas e multidisciplinares e gerencia a informação; iii) o informacionista clínico, que também integra equipes clínicas e multidisciplinares, porém atua como uma ponte entre a experiência e conhecimento tácito do profissional da saúde com a informação baseada nas melhores evidências científicas disponível na literatura.

A dimensão perfil do bibliotecário será, então, discutida e investigada juntamente com outra dimensão, sua qualificação, que será tratada a partir do conceito de competência em informação. Nesta pesquisa, será adotado o termo competência em informação, tal como recomendado na obra "*Overview of information literacy resources worldwide*" (HORTON, 2013) publicada pela UNESCO. A escolha por este termo também levou em conta o fato dele ter sido proposto, segundo Hatschbach e Olinto (2008, p.23) desde 2004, na primeira mesa redonda sobre Competência em Informação, no XIII Seminário Nacional de Bibliotecas

Universitárias (SNBU, Natal/RN, 2004), e ser reconhecido e utilizado desde então, por muitos pesquisadores da área.

Nesta dissertação, o conceito de competência adotado é o de Miranda (2006, p.108) entendido como "um conjunto de recursos e capacidades colocados em ação nas situações práticas do trabalho: saber (conhecimentos), saber-fazer (habilidades) e saber ser/agir (atitudes)". Já as competências profissionais seguem a definição fornecida por Valentim (2002), que são entendidas como um conjunto de habilidades, destrezas e conhecimentos que um profissional precisa contar para cumprir suas atividades especializadas.

Com relação ao conceito de competência em informação será adotada, nesta pesquisa, a definição de Dudziak (2001, p.143), que é apresentada como o "processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida".

Assim, considerando os conceitos chaves, a competência em informação, perfil do bibliotecário/a da área da saúde e o campo de atuação deste profissional que tem características muito específicas (o saber científico, a necessidade de atualização constante de seus profissionais, a alta especialização, o grande volume da literatura e de produção científica), pergunta-se: Como estes profissionais desenvolvem as competências em informação exigidas para o exercício de suas funções? Considerando os diferentes perfis de atuação dos bibliotecários da área da saúde, médico, clínico ou informacionista, qual perfil prevalece nos hospitais universitários? Quais barreiras eles enfrentam? Quais são as suas perspectivas a respeito da atuação em hospitais universitários?

Para responder as questões de pesquisa foi desenhada uma estratégia metodológica que adota a técnica de questionário do tipo *online* para a coleta de dados e a análise de dados com abordagem quantitativa e qualitativa. O estudo é descritivo, exploratório e um estudo de caso dos bibliotecários que atuam nas bibliotecas dos hospitais universitários federais e estaduais.

Importante destacar que a proposta desta pesquisa foi motivada a partir da realidade profissional da autora, que exerce função de bibliotecária da área da saúde. Em três anos, atuando em uma biblioteca de um hospital universitário, foi necessário aprender a manusear as diversas fontes de informação da área, além de aprender alguns conceitos específicos da saúde, tais como: prática baseada em evidências, meta-análise, revisão sistemática, entre outros. Apesar de continuamente buscar atualização, é perceptível que algumas lacunas precisam ser preenchidas, afim de melhor atender a demanda solicitada pelos usuários da

biblioteca. O desafio se torna ainda maior, por estar em ambiente universitário onde a pesquisa e os estudos estão sempre presentes.

Soma-se a esta motivação pessoal, a escassez de literatura nacional que abrace esses dois conceitos, perfil do bibliotecário e competência em informação. Na área da Ciência da Informação existem poucos, porém interessantes dissertações que versam sobre a atuação, formação e competências do bibliotecário na área da saúde (CRESTANA, 2002; PEREIRA, 2005; PINTO, 2005; MARTINEZ-SILVEIRA, 2005; ANTUNES, 2006; AZEVEDO, 2009). Especificamente sobre as competências do bibliotecário que atua na área da saúde, destacam-se os estudos de Vera Silvia Marão Beraquet, professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e Renata Ciol, consultora de informação do Departamento de Ortopedia e Traumatologia do Hospital e Maternidade Celso Pierro da PUC de Campinas (BERAQUET; CIOL, 2007, BERAQUET; CIOL, 2009; BERAQUET; CIOL, 2010).

A presente pesquisa está organizada em seis seções. A primeira seção é a Introdução, que apresenta os conceitos chave, as questões de pesquisa, e as motivações para o estudo; a segunda seção trata dos hospitais universitários brasileiros e das bibliotecas destas instituições, ambientes estes de interesse desta pesquisa; apresenta o serviço de referência e o bibliotecário de referência, profissional que lida diretamente com as necessidades de informação dos usuários. A terceira seção traz um breve histórico do conceito de competência em informação, trata da formação e das competências pessoais e profissionais do bibliotecário e apresenta os perfis deste profissional que atua na área de Ciências da Saúde. A quarta seção é a Metodologia que apresenta os objetivos gerais e específicos, o campo empírico e a população de estudo, os métodos utilizados para a coleta de dados, a organização do questionário piloto e do questionário final e o método de análise de conteúdo. A quinta é o estudo empírico, descreve as bibliotecas participantes e apresenta a análise das respostas do questionário final. A sexta e última seção traz as considerações finais desta dissertação.

2 HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS, A BIBLIOTECA HOSPITALAR UNIVERSITÁRIA E O BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA

Esta seção traz o contexto desta pesquisa, iniciando por um breve histórico sobre a origem dos hospitais, desde o período em que se constituíam como espaços de caridade até se constituírem como espaços terapêuticos, onde passam a ser utilizados também para o ensino médico. Apresenta o surgimento dos primeiros hospitais no Brasil e traz um panorama da assistência hospitalar no país. Em seguida, o capítulo se dedica aos hospitais universitários brasileiros tratando da pesquisa, assistência e ensino nestas instituições e apresentando os requisitos exigidos pelo Ministério da Educação (MEC) para a certificação dos Hospitais de Ensino. Por último, são apresentadas as bibliotecas hospitalares universitárias, sua importância e papel no ambiente acadêmico, o serviço de referência e suas atividades e o bibliotecário de referência trazendo as competências, qualidades e comportamentos exigidos a quem atua nesta função.

2.1 HOSPITAIS: DA HISTÓRIA AO SURGIMENTO DOS HOSPITAIS DE ENSINO

A palavra hospital tem raiz latina *Hospitalis*, vem de *hospes* (hóspedes), pois antigamente as casas de assistência recebiam peregrinos, pobres e enfermos. A palavra hospital tem, atualmente, o mesmo sentido de *nosocomium,* de fonte grega, cujo significado é "tratar os doentes". Sob o nome de hospital ficaram designadas as casas reservadas para tratamento temporário dos enfermos (CAMPOS, 1944).

A origem do hospital teria sido anterior à era cristã, porém foi durante o cristianismo que os serviços de assistência foram impulsionados, segundo Campos (1944). Para o autor, os Templos de Saturno, existentes séculos antes de Cristo, no Egito, são considerados os primórdios da escola médica, pois tais templos se caracterizariam como instituições hospitalares. Para Araújo e Leta (2014), é frequente o reconhecimento de que os primeiros hospitais foram criados no Império Romano, em Constantinopla. Inclusive foi "a partir do hospital bizantino e romano, que [se] iniciou a história formal dos hospitais no mundo ocidental" (ARAÚJO; LETA, 2014, p. 1263).

De acordo com Campos (1944), a atribuição ao surgimento dos hospitais acontece na era cristã, com a criação do hospital de São Basílio, fundado no século IV, em 368. Para Dalton (1900), os anos anteriores a fundação do hospital, na época da Grécia e da Roma Antiga, pode ser considerado como um período obscuro. Portanto, o século IV é tido como o

marco da "história formal dos hospitais, a partir do qual passaram a ser reconhecidos como a instituição que cuida dos enfermos e das enfermidades" (MILLER, 1985 *apud* ARAÚJO; LETA, 2014, p. 1262).

Os hospitais sob os cuidados de instituições religiosas receberam um grande impulso e tomaram novos rumos nos séculos seguintes. Tiveram seu apogeu, segundo Antunes (1991), nos séculos XII e XIII, com a expansão e o enriquecimento das ordens monásticas. No entanto, nessa época era grande a mortalidade, devido às precárias condições e à falta de higiene nos hospitais, onde muitas vezes provocavam doenças ao invés de curá-las (MORAES, 2005). Com isso, a atuação dos médicos se dava essencialmente em ambiente domiciliar, especialmente para as populações mais abastadas (ANTUNES, 1991).

Foucault (1979) chama a atenção para o fato de que os hospitais da idade média não foram concebidos para curar, pois o "personagem ideal" não era o doente, mas o pobre que estava morrendo. Era tido como local em que a pessoa deveria ser assistida material e espiritualmente, "alguém a quem se deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta era a função essencial do hospital" (FOUCAULT, 1979, p.59). Nesse contexto, Araújo e Leta (2014, p. 1264) relatam que o hospital "era, portanto, um lugar de assistência, mas também de exclusão, sem preocupação com a cura, mas a espera da morte".

Nesse período, os hospitais eram tidos como de caridade, pois se constituíam como lugar de acolhida de doentes, pobres, órfãos e peregrinos. Além de instituições de caridade, também eram considerados locais de quarentena, espaço de assentamento aos que podiam afetar a harmonia da comunidade, principalmente nos períodos de pestes (MORAES, 2005).

Com relação à prática médica, Foucault afirma que a medicina, até então, havia se desenvolvido distante do ambiente hospitalar:

> [...] individualista da parte do médico, qualificado como tal ao término de uma iniciação assegurada pela própria corporação dos médicos que compreendia conhecimento de textos e transmissão de receitas mais ou menos secretas ou públicas. A experiência hospitalar estava excluída da formação do ritual do médico. O que qualificava era a transmissão de receitas e não o campo de experiências que ele teria atravessado, assimilado e integrado (FOUCAULT, 1979, p. 60).

Esse cenário começa a mudar, a partir do século XVIII, quando os médicos começam a frequentar os hospitais (MORAES, 2005). Isso ocorre por conta de melhorias nas instalações e nos equipamentos do ambiente hospitalar, advindos de auxílios monetários do cooperativismo (CAMPOS, 1944). Para Foucault (1979), a consciência de que o hospital poderia e deveria ser um instrumento destinado a curar aparece claramente em torno de 1780,

período em que foram realizadas visitas inquéritos e feitas comparações que determinaram reformas e construções dos hospitais. Araújo e Leta (2014, p. 1264) indicam que neste período o hospital "passa a ser percebido como uma instituição com potencial terapêutico, ou seja que tem a capacidade de intervir sobre a doença e o doente, proporcionando a cura".

Com isso, os hospitais também se tornaram local de estudo médico, transformando-se em centros de estudos e ensino das doenças que atingiam a população (ARAÚJO, 2007). É nesse momento que a concepção do hospital muda, pois conforme descrevem Araújo e Leta (2014, p.1265) "o hospital passa a ser visto não mais como um espaço de morte dos excluídos e de doentes de guerra, mas cada vez mais, como um espaço de cura e formação de profissionais".

A partir de então, médico e hospital se integram formando uma associação homogênea, fato que refletiu na figura do médico como autoridade máxima técnica e administrativa do hospital (FOUCAULT, 1979). Em outras palavras, ocorreu a medicalização dos hospitais[2].

No final do século XIX, a concepção de hospital como local de caridade e de isolamento havia se perdido e já na primeira metade do século XX, os avanços científicos permitiram conhecer os mecanismos de ação de muitas doenças e chegar às suas origens, permitindo assim uma maior sobrevida dos pacientes (MORAES, 2005).

Conforme apresentado, desde o seu surgimento até os dias de hoje, os hospitais passaram por várias mudanças conceituais, organizacionais, sociais e políticas, incluindo aí mudanças também na formação e no conhecimento médico a partir dos primeiros hospitais de ensino. O Quadro 1 apresenta as principais mudanças que marcaram a evolução histórica dos hospitais, inclusive o surgimento dos hospitais de ensino, a partir do século XVIII, foco de interesse desta pesquisa.

[2] Entendendo-se por processo de medicalização do hospital as transformações que ocorreram na forma de organização hospitalar e que levaram o ato terapêutico a assumir o papel fundamental dentro das atividades hospitalares. Deixou de ser assistência moral e religiosa e passou a ser a assistência terapêutica. O poder no hospital deixou de ser das autoridades religiosas e passou a ser das médicas. (FOUCAULT, 1979)

Quadro 1 - Evolução histórica dos hospitais

Papel central do hospital	Período	Características
Cuidar da saúde	Século IV ao VII	Pequenas construções para o abrigo de doentes
Cuidar do espírito	Século X a XVII	Hospitais ligados a instituições religiosas
Isolar doentes	Século XI	Refúgio de pacientes com doenças infecciosas
Cuidar dos mais carentes	Século XVII	Instituições filantrópicas e do Estado
Curar e ensinar doença	Século XVIII ao XIX	Medicalização do hospital; assistência-ensino
Curar, ensinar e buscar a cura	Século XX	Natureza biológia da doença; assistência-ensino-pesquisa
Curar, ensinar e buscar a cura e melhoria dos sistemas de saúde	Século XX e XXI	Ensino-pesquisa-assistência Abordagem biológica e social da saúde Humanização e interdisciplinaridade da assistência

Fonte: ARAÚJO; LETA, 2014, p. 1263

Ao se falar dos hospitais de ensino é preciso lembrar que a educação médica passou por importantes transformações em todo o mundo, principalmente na metade do século XIX (PAGLIOSA; ROS, 2008). Entretanto, foi no início do século XX que o ensino médico sofreu um grande impacto com a publicação e difusão do Relatório Flexner. Em 1910, Abraham Flexner, educador norte-americano, publicou o estudo *Medical Education in the United States and Canada - A report to the Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching,* documento este que revolucionou para sempre o ensino médico dos Estados Unidos e do mundo (PAGLIOSA; ROS, 2008).

O Relatório Flexner apresentou um extenso diagnóstico da situação das escolas e da educação médica nos Estados Unidos e Canadá, identificando problemas relacionados à educação médica desses países. Dentre os problemas encontrados estavam a falta de relação entre a formação científica e o trabalho clínico e a falta de controle administrativo e organizacional das escolas médicas sobre os hospitais de ensino que serviam de campo prático para seus alunos (ARAÚJO; LETA, 2014).

Para Lemle, a mensagem de Flexner seria a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa. De acordo com o autor, a prática médica e o laboratório se constituíam como "aposentos de uma mesma moradia, [onde] não poderiam mais existir escolas médicas só com ambulatórios, enfermarias e salas de aula, [pois] seria como treinar mecânicos sem oficinas" (LEMLE, 1989, p.331).

Segundo Landmann (1984 *apud* ARAÚJO, 2007), o modelo flexneriano contribuiu não só para a educação médica, mas também para a educação superior. No Brasil, o relatório Flexner só foi amplamente difundido a partir da Reforma Universitária de 1968, atingindo a estrutura organizacional de todas as universidades brasileiras (PAULA, 2002).

O mais antigo hospital do Brasil, segundo Almeida (1944), foi o da Santa Casa da Misericórdia de Santos, fundada em 1543 por Braz Cubas, fidalgo português e líder do povoado de São Vicente. Porém, autores como Salles (2004) e Lima (2004) afirmam que o primeiro hospital brasileiro foi a Santa Casa de Salvador, fundada em 1549, no mesmo ano de fundação da cidade.

No Rio de Janeiro, a inauguração da Santa Casa ocorreu somente dois séculos depois, em 1738 (ARAUJO, 2007). Segundo Moraes (2005), o objetivo da criação destes hospitais era atender aos viajantes e também aos marinheiros que chegavam na cidade exaustos e debilitados fisicamente após a longa e difícil travessia do oceano atlântico. Durante quase todo período colonial a assistência hospitalar a população esteve a cargo dos Jesuítas e posteriormente das Santas Casas de Misericórdia (MORAES, 2005).

A assistência hospitalar à população brasileira, desde o início da colonização, era oferecida basicamente pelas Santas Casas e por outras instituições filantrópicas em geral. Durante o século XIX, o principal problema de saúde da população brasileira eram as pestes, principalmente a varíola e a febre amarela (MORAES, 2005). Nessa época, a organização dos serviços era precária e os conhecimentos estavam baseados nas concepções pestilentas das doenças, conforme descreve Moraes:

> Para combater as doenças e proteger a população, as ações públicas se preocupavam com o espaço urbano e com a circulação do ar e da água. Até este momento estas questões eram de responsabilidade de autoridades locais que tomavam medidas contra sujeira das ruas e das casas. Os indigentes e os pobres eram assistidos em instituições filantrópicas ligada à igreja católica, ou em entidades ligadas às colônias de imigrantes. O restante da população ou procurava um médico particular ou outros profissionais como cirurgiões, barbeiros, sangradores, curandeiros, parteiros e curiosos. (MORAES, 2005, p. 12)

Nesse período os hospitais filantrópicos ficavam lotados, pois não havia leitos hospitalares em número suficiente para atendimento à enorme demanda de doentes. A partir de 1850, o Estado Imperial inaugurou os primeiros hospitais de isolamento e enfermarias destinadas à atenção e segregação dos enfermos das epidemias. Os hospitais de isolamento, criados por instâncias do Estado, as clínicas privadas, voltadas para o público com mais condições financeiras e os hospitais de ordens religiosas ou de entidades filantrópicas eram o

os tipos de hospitais que ofertavam assistência hospitalar à população brasileira no século XIX (MORAES, 2005).

Sanglard relata que o século XIX foi marcado por um considerável crescimento da rede hospitalar na cidade do Rio de Janeiro, embora permanecesse muito dependente das associações de auxílio mútuo e de caráter privado, conforme enumera:

> a rede passou a contar, além do Hospital da Misericórdia, com o Hospital dos Lázaros, mantido pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Candelária; o Hospital Real Militar e o Hospital Central da Marinha, destinados às Forças Armadas; e os hospitais para irmãos leigos ou confessionais das diversas Irmandades e Ordens Terceiras, como o Hospital da Venerável e Archiepiscopal da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo e o Hospital da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. O século XIX viu surgir o Hospital da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (1813); o Hospital do Corpo de Bombeiros (1841); o Hospital da Brigada Militar (1848); o Hospital de São João de Deus (1854); o Hospital da Real e Benemérita Sociedade de Beneficência Portuguesa; o Hospital Paula Cândido (1853); a Policlínica Geral do Rio de Janeiro (1882); o Hospital de São Sebastião (1889); o Hospital Copacabana (1890); e o Hospital Evangélico do Rio de Janeiro (1896). Nesse período, a Misericórdia ganhou novos hospitais, com a abertura do Hospício Pedro II para alienados (1841), seguido do Hospício de São João Baptista da Lagoa (1852); do Hospício de Nossa Senhora da Saúde (1853); do Hospício de Nossa Senhora do Socorro (1855); e do Hospital de Nossa Senhora das Dores (1884) (SANGLARD, 2007, p.260).

Com relação ao ensino médico, até o início do século XIX, o país não dispunha de uma Escola de Medicina. A situação só se modificou, segundo Araújo (2007), em 1808, com a chegada da família real, quando finalmente foram criados os primeiros cursos médicos-cirúrgicos, um na cidade de Salvador e outro na cidade do Rio de Janeiro.

Fundadas em 1813, as escolas médicas só conseguiram autorização para emissão de diplomas e certificados de conclusão dos cursos de Medicina em 1826, através de um Decreto-Lei assinado por D. Pedro I (ARAÚJO, 2007). Segundo Gadelha (1982 *apud* ARAÚJO; LETA, 2014, p.1266), durante um longo período, hospitais e escolas médicas seguiram caminhos distintos, tendo ocorrido uma "associação formal entre as duas instituições" somente em 1982.

A partir da primeira metade do século XX, foram criadas doze faculdades de medicina no país (CARVALHO, 1967 *apud* ARAÚJO, 2007, p.26). Nesse período, surgiu o primeiro hospital escola próprio, o Hospital São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte. "Construído a partir de um convênio entre a Escola de Medicina de Belo Horizonte e o Instituto de Assistência e Proteção à Infância de Belo Horizonte, inaugurado em 1928 e oficialmente doado à Escola de Medicina em 1931" (ARAÚJO; LETA, 2014, p.1266). Na década de 1940,

a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, inaugurou o Hospital das Clínicas (ARAÚJO; LETA, 2014).

Apesar da criação desses dois hospitais escolas, a maioria dos estudantes dos cursos de medicina tinham que "se dividir entre a exposição teórica no campus da faculdade e a prática nos hospitais associados situação que se apresentava como uma prática exaustiva, já que a maioria dos hospitais associados eram distantes das escolas médicas" (ARAÚJO, 2007, p.26).

De acordo com Caldas Júnior (1999), até as décadas de 1940 e 1950, as atividades de ensino das poucas faculdades de medicina existentes eram exercidas em instituições filantrópicas que cediam seus espaços e pacientes para tal fim. Havia, entretanto, diferença de missão entre as instituições de ensino, voltadas para a formação de recursos humanos em saúde, e as instituições filantrópicas, direcionadas para a assistência (CARMO, 2006).

Este cenário só se modifica a partir da década de 1970, período no qual houve um significativo aumento das faculdades de medicina no país e, simultaneamente, a criação de hospitais próprios para o ensino (CALDAS JÚNIOR, 1999). Segundo Carmo (2006), os hospitais universitários vieram para suprir a necessidade de unidades assistenciais nas quais se articulassem ensino, pesquisa, assistência e a habilitação de profissionais de saúde.

Com o intuito de compreender mais sobre o cenário nacional destas instituições, foi elaborada a seção a seguir.

2.2 HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL

Esta seção apresenta a expansão dos hospitais universitários brasileiros, suas características, bem como a importância da integração entre as missões institucionais de ensino, assistência e pesquisa em saúde. Mostra a distribuição dos hospitais de ensino pelas regiões brasileiras e trata dos requisitos exigidos para a certificação destas instituições, segundo o Ministério da Educação, incluindo a disponibilidade e acesso a uma biblioteca na área da saúde.

2.2.1 **O lugar do ensino, assistência e da pesquisa em saúde**

Os hospitais de ensino médico quando vinculados a uma universidade são denominados Hospitais Universitários (HUs). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS *apud* LOBO *et al*., 2010), os HUs têm um importante papel na assistência de alta complexidade, pois apresentam forte envolvimento com atividades de ensino e pesquisa,

agregando uma alta concentração de recursos físicos, humanos e financeiros, além de exercerem papel político nas comunidades onde se inserem.

Para Médici, os HUs são instituições caracterizadas por:

> a) um prolongamento de um estabelecimento de ensino em saúde (de uma Faculdade de Medicina, por exemplo);
> b) prover treinamento universitário na área da saúde;
> c) ser reconhecido oficialmente como hospital de ensino, estando submetido à supervisão das autoridades competentes;
> d) propiciar atendimento médico de maior complexidade (nível terciário) a parcela da população. (MÉDICI, 2001, p.150)

A história e a expansão dos HUs no Brasil têm relação com a publicação do Relatório Flexner que serviu de base a Reforma Universitária de 1968 e cujas ideias centrais favoreceram o surgimento de um novo paradigma, não apenas de educação superior brasileira como um todo, mas especialmente na educação médica (ARAÚJO, 2007). Segundo Landmann, entre essas ideias estão:

> i) Fim das cátedras e início dos departamentos;
> ii) treinamento clínico dos estudantes em hospitais filiados às faculdades de medicina;
> iii) valorização docente, através do regime de dedicação exclusiva;
> iv) inclusão da pesquisa nos programas de ensino médico;
> v) a fragmentação do currículo em disciplinas específicas de acordo com a segmentação do organismo (favorecendo as especializações);
> vi) a dicotomia entre os ciclos básicos e profissional. (LANDMANN, 1984 *apud* ARAÚJO, 2007, p.28)

Segundo Caldas Júnior (1999), os hospitais universitários tornaram-se a base dos sistemas de formação de médicos e um dos principais centros de atendimento de alta complexidade do país (CALDAS JÚNIOR, 1999). A importância desta instituição para o ensino, pesquisa e assistência foi destacada por Fraga Filho, um dos pioneiros na área médica:

> O Hospital Universitário tem que encontrar o equilíbrio entre dois objetivos fundamentais da Universidade – o ensino e a pesquisa – e as exigências de saúde da comunidade. A qualidade da assistência prestada será sempre melhor num meio de constante indagação e fermentação intelectual, como o que identifica as atividades de ensino e pesquisa. Em benefício dos doentes, é preciso que se conjuguem todas as forças e que se empenhem todos os que trabalham na instituição – professores, alunos e profissionais de todas as classes e categorias. (FRAGA FILHO, 1983 *apud* STRAUSS, 2007, p.75)

De acordo com Strauss (2007, p.75), a fala do professor Fraga Filho demonstra a ideia original que fundamentou a implantação dos HUs, "um lugar onde o ensino, a assistência e a pesquisa deveriam desenvolver-se em paralelo e de forma complementar". Porém, segundo o autor em meados da década de 1970, a maioria dos hospitais universitários ainda não dispunha de condições necessárias para a realização de pesquisas (STRAUSS, 2007).

Segundo Lemle (1989), isso seria um reflexo da concepção antiquada dos HUs em relação à pesquisa, pois em sua maioria, não foram concebidos e nem construídos para realizarem pesquisa institucionalizada e profissionalizada. Foram construídos por arquitetos que projetaram órgãos assistenciais, embora com muitos anfiteatros e salas de aula. Para o autor, à maioria dos HUs faltam desde infra-estrutura administrativa para pesquisa até salas de permanência para os docentes, alunos e funcionários poderem usar seu tempo integral e eventualmente, dedicação exclusiva lendo, interpretando dados, recalculando, revendo imagens e escrevendo (LEMLE, 1989). Mais recentemente, Araújo e Leta (2014) chegaram à conclusão que os HUs nasceram e continuam com a vocação principal voltada ao ensino e a assistência.

Atualmente, a definição de hospital universitário fornecida pelo Ministério da Educação (MEC) deixa claro o papel central da pesquisa na instituição. Segundo o MEC, os HUs são considerados:

> [...] centros de formação de recursos humanos e de desenvolvimento de tecnologia para a área da saúde. A efetiva prestação de serviços à população possibilita o aprimoramento constante do atendimento e a elaboração de protocolos técnicos para as diversas patologias. Isso garante melhores padrões de eficiência, à disposição da rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, os programas de educação continuada oferecem oportunidade de atualização técnica aos profissionais de todo o sistema de saúde. Os hospitais universitários apresentam grande heterogeneidade quanto à sua capacidade instalada, incorporação tecnológica e abrangência no atendimento. Todos desempenham papel de destaque na comunidade onde estão inseridos (BRASIL, 2012).

Para Médici (2001), o tipo de pesquisa que deve predominar nos HUs é a pesquisa clínica através da observação dos pacientes. De acordo com Strauss (2007), a pesquisa clínica já existia antes da era dos hospitais universitários, o que mudou, foi o significado de pesquisa clínica que hoje é fundamentada na epidemiologia clínica, modelo esse "que se afirmou mundialmente e vem, pouco a pouco ocupando seu lugar entre as demais missões acadêmicas na Faculdade de Medicina da UFRJ" (STRAUSS; LETA, 2010, p.1041).

Ainda no contexto da Faculdade de Medicina da UFRJ, Strauss e Leta (2010) apontam que tanto a assistência quanto o ensino colaboram para o fortalecimento da pesquisa e que, apesar desta última missão ainda ser iniciante, ela já faz parte da parte da referida instituição. Porém, ainda existem barreiras a serem vencidas, pois segundo os autores, a questão dos baixos salários e da falta de políticas institucionais são fatores "que desfavorecem a rápida incorporação de novos pesquisadores" (STRAUSS; LETA, 2010, p.1041).

De acordo com Machado e Kuchenbecker (2007), em 2006, a criação da Rede Nacional de Pesquisa Clínica se mostrou uma oportunidade ímpar para que os HUs consolidassem sua atuação em pesquisa acadêmica de modo sustentável e alinhado às necessidades nacionais. Segundo os autores, isso implica na capacidade por parte dessas instituições de implantar e fortalecer mecanismos próprios de apoio e fomento à pesquisa e de formação de redes envolvendo departamentos, institutos e hospitais (MACHADO; KUCHENBECKER, 2007).

Em pesquisa recente realizada com treze gestores de hospitais universitários federais, Araújo e Leta (2014) identificaram que "apesar da maioria dos HUs já terem introduzido formalmente a atividade de pesquisa junto às missões de ensino e assistência, na prática, o binômio ensino-assistência prevalece como marca dessas instituições" (ARAÚJO; LETA, 2014, p. 1261).

Para as autoras, o fraco desempenho dos HUs no cenário da pesquisa pode ter diferentes razões:

> [...] íntima e complexa associação com as unidades acadêmicas, especialmente as faculdades de medicina. Embora os HUs sejam um dos principais lócus dos estudos conduzidos pelas unidades, são estas, e não eles, que mais frequentemente aparecem como responsáveis pela produção do conhecimento. Esse fato, no entanto, contrasta com o cenário internacional, em que os hospitais universitários se apresentam não somente como o campo do estudo, mas sobretudo, como detentores desse estudo. Assim, a realidade dos HUs que investigamos mostra que ainda estamos longe de identificar em nossas instituições um cenário semelhante àquele que encontramos nos exemplos internacionais (ARAUJO; LETA, 2014, p. 1279).

A partir do cenário apresentado, as autoras chamam a atenção para a urgência na criação de mecanismos que permitam aos hospitais universitários a integração plena da pesquisa às missões institucionais de assistência e ensino. Tal ação contribuirá para uma formação científica na graduação e na pós-graduação na área da saúde, além de despertar o interesse pela carreira científica na referida área e possibilitar a atuação de profissionais mais críticos, reflexivos e resolutivos em suas práticas (ARAÚJO; LETA, 2014).

2.2.2 **Distribuição, certificação e a exigência de bibliotecas**

De acordo com a Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino[3] (ABRAHUE, 2014), atualmente, existem no Brasil 154 hospitais de ensino vinculados à instituições Federais, Estaduais, Municipais e Filantrópicas. A maior concentração destes hospitais está na região sudeste, seguido da região nordeste, sul, norte e região centro-oeste. Segundo a ABRAHUE (2014), 45 destes hospitais de ensino são hospitais universitários federais e 10 são hospitais universitários estaduais.

Machado e Kuchenbecker (2007) enfatizam que existe uma "substantiva heterogeneidade" entre os HUs públicos federais, a se iniciar pela sua distribuição entre as regiões do país. Segundo os autores, as regiões norte e sul apresentam, respectivamente a mais baixa e a mais alta proporção de leitos de HU por 100.000 habitantes. Com relação ao porte, os autores indicam que os HUs de maior porte estão situados nas regiões sul e sudeste. Outro ponto avaliado pelos autores foi a variação no perfil docente-assistencial dos HUs e no dimensionamento de pessoal envolvido na assistência direta, onde a média nacional é de 6,1 funcionários por leito. Sobre o percentual de docentes com mestrado ou doutorado, a média nacional foi de 60,7% (MACHADO; KUCHENBECKER, 2007).

Os HUs também diferem em relação ao perfil da assistência prestada. Segundo a Secretaria de Ensino Superior do MEC, 11 HUs são caracterizados como prestadores de atenção de baixa complexidade, 14 de média complexidade, 7 de alta complexidade e 8 não foram definidos (MACHADO; KUCHENBECKER, 2007).

Uma padronização dos hospitais de ensino brasileiros, segundo Machado e Kuchenbecker (2007) deu-se a partir da criação do Fator de Incentivo ao Desenvolvimento do Ensino e da Pesquisa Universitária (FIDEPS)[4], em 1991 pela Portaria MS/SNAS nº 15. Para fins do FIDEPS, foram definidos como hospitais de ensinos aqueles reconhecidos pelo Ministério da Educação com funcionamento regular há pelo menos cinco anos e caracterizado

---

[3] www.abrahue.org.br

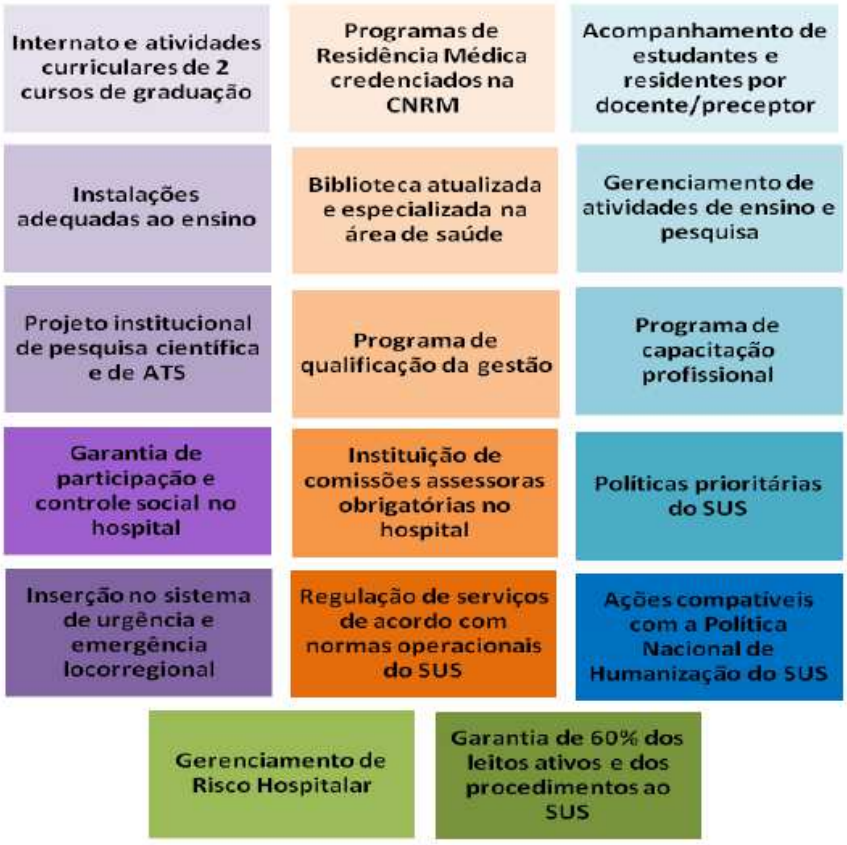
[4] O FIDEPS era um adicional de pagamento fornecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mensalmente, aos hospitais de ensino reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC). Este adicional poderia ser de 25%, 50% ou 75% sobre a receita das internações de acordo com o atendimento aos critérios específicos estabelecidos pela portaria. O objetivo do FIDEPS era criar estímulos à integração dos hospitais universitários ao SUS e à prática de atividades didáticas e de formação profissional nos hospitais da rede de serviços, para incentivar a melhora da qualidade tanto dos serviços prestados quanto dos profissionais (RIBEIRO, 2011).

como centro de referência nacional no Sistema Integrado de Procedimentos de Alta Complexidade.

Em 2004, considerando a importância dos hospitais de ensino dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), o então Ministro da Saúde cria a portaria Interministerial MEC-MS nº 1000 que define novos requisitos para que um hospital seja considerado de ensino. Esses requisitos são mais abrangentes que àqueles utilizados para o recebimento do FIDEPS. Em 2007, a Portaria Interministerial nº 2.400 revoga a portaria anterior e define novos requisitos para a certificação dos hospitais de ensino. Uma vez certificados, os hospitais de ensino passam a pactuar metas de assistência, ensino e pesquisa com os respectivos gestores locais de saúde (LOBO *et al.*, 2010).

Dentre os vários itens exigidos para certificação, conforme apresentado na Figura 1, está a disponibilidade ou acesso à biblioteca "atualizada e especializada na área da saúde, com instalações adequadas para estudo individual e em grupo, e para consulta a Bibliotecas Virtuais, de acordo com os critérios vigentes para a avaliação das condições de ensino da Residência Médica" e Multiprofissional (BRASIL, 2007, p. 2).

Figura 1 - Critérios exigidos para certificação de acordo com a Portaria IM nº 2.400/2007



Fonte: PALMEIRA; MATTOS; PETERS, 2012, p. 26.

A organização dos critérios tal como está na Figura 1 demonstra que a biblioteca aparece no mesmo nível de outros dois itens exigidos para certificação: as instalações adequadas ao ensino e o gerenciamento das atividades de ensino e pesquisa. Ambos os campos - ensino e pesquisa - fazem parte do contexto de uma biblioteca, especialmente a universitária, pois o acesso à informação científica é a razão de ser da biblioteca, constituindo-se como uma ferramenta que reflete, de forma considerável, o interesse científico do hospital de ensino, que se constitui um centro onde convergem alunos, professores, profissionais e pesquisadores, com o objetivo de satisfazerem suas inquietudes de informação acadêmica e profissional (PALMEIRA; MATTOS; PETERS, 2012).

A biblioteca hospitalar adquire, assim, qualidade instrumental como recurso de apoio ou fonte de consulta para o melhor cumprimento das funções da instituição. Este ambiente, bem como o profissional bibliotecário que atua no serviço de referência desta biblioteca serão tratados na seção a seguir.

2.3 HOSPITAL UNIVERSITÁRIO: O LUGAR DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E DO BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA

Esta seção apresenta a biblioteca universitária, sua função, características e atribuições, bem como seu papel na missão organizacional da universidade. Trata da biblioteca hospitalar, visto que foram poucos os trabalhos encontrados que abordassem, especificamente, a biblioteca hospitalar universitária. Apresenta resultados de estudos estrangeiros e nacionais que demonstram a importância da biblioteca hospitalar tanto para o meio acadêmico, quanto para o cuidado ao paciente. Traz um breve histórico do serviço de referência até os dias de hoje, apontando as principais mudanças advindas nas atividades deste serviço a partir do uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Apresenta o bibliotecário de referência, as atividades que desenvolve e as competências pessoais e profissionais exigidas a quem atua nesta função.

2.3.1 **A biblioteca universitária**

Estudos sobre a teoria das organizações vêem a biblioteca como um serviço suporte dentro da organização, uma característica que lhe dá ao mesmo tempo a condição de ser uma organização sem autonomia própria (TARAPANOFF, 1997). Considerando uma biblioteca universitária, podemos, portanto, supor que as características da universidade, tais como se

apresentam na descrição de suas funções, estrutura, grau de autonomia, influências que recebe do meio ambiente, etc., irão refletir sobre a própria biblioteca que irá absorver e reprocessar as características da organização à qual pertence (TARAPANOFF, 1997).

A universidade enquanto geradora de conhecimentos tem na biblioteca universitária suporte para preservação, organização e disseminação da informação. Estando vinculada ao ensino superior, a instituição biblioteca se constitui como uma peça fundamental de auxílio ao processo de aprendizagem. "Seu papel é suprir as necessidades de informações técnicas, científicas e literárias ao ensino, à pesquisa e à extensão" (SILVA; CONCEIÇÃO; BRAGA, 2004, p.135).

A biblioteca universitária desempenha um importante papel na missão organizacional de uma universidade, na medida que desenvolve os seus valores e contribui para a realização do seu plano pedagógico e científico (ANTUNES, 2007). Além disso, também apóia a construção do conhecimento e se constitui como ambiente de aprendizagem, conforme descrevem Santos, Gomes e Duarte:

> A biblioteca universitária pode ser entendida como um ambiente que favorece o processo dialógico entre sujeitos, seja em um mesmo momento histórico, com os debates e trocas de informações que podem ocorrer em seus espaços físicos e/ou virtuais, ou ainda em tempos históricos distintos, quando os usuários da informação têm acesso aos conhecimentos registrados. [...] ao se apropriarem de uma informação, os sujeitos são capazes de produzir, desenvolver e registrar novos conhecimentos, que direta ou indiretamente poderão auxiliar outros sujeitos, mantendo ativa a produção e o desenvolvimento científico. (SANTOS; GOMES; DUARTE, 2014, p.3)

Atualmente, as bibliotecas, bem como a sociedade, tornaram-se dependentes das novas tecnologias de informação. O livro impresso deixou de ser o instrumento exclusivo do acesso ao saber. Devido à tecnologia, as bibliotecas universitárias evoluíram de sistemas baseados em catálogos e índices manuais para bases de dados de publicações *online*. Com tais recursos informacionais disponíveis em rede, qualquer usuário da biblioteca pode acessar as publicações digitais sem a necessidade de ir a uma biblioteca. Nesse contexto, compreende-se que a biblioteca moderna tornou-se também uma fornecedora de serviços de informação em meio eletrônico (REBELO, 2011).

É importante lembrar que mesmo com as novas tecnologias, a função primordial da biblioteca universitária continua a ser a de proporcionar acesso aos recursos de informação necessários para produzir conhecimento quer seja para o estudo, o ensino ou a pesquisa (REBELO, 2011). Compete também à biblioteca, não só dar acesso à informação, mas ensinar a utilizá-la. Portanto, cabe a biblioteca universitária a formação de seus usuários, tendo em

vista uma efetiva utilização dos serviços e produtos disponibilizados na e a partir da biblioteca (REBELO, 2011).

De forma geral, a biblioteca universitária é um local que reúne uma série de funções, características e atribuições e é, geralmente, especializada oferecendo coleções específicas a cada área de acordo com o público de estudantes, professores e pesquisadores (ACCART, 2012).

Especificamente sobre a biblioteca hospitalar universitária, que é o campo de estudo desta dissertação, vale lembrar que a formação destas bibliotecas em hospitais e centros de saúde é bastante antiga. Já no século XV, o Hospital S. Bartolomeu, na Inglaterra, iniciou uma pequena coleção de livros para uso do seu corpo clínico. Nos Estados Unidos, Inglaterra, países escandinavos e outros países europeus já havia bibliotecas hospitalares nos séculos XVII e XVIII (LIMA, 1973). No Brasil, as primeiras bibliotecas médicas surgiram com as escolas de medicina: a Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, em Salvador, fundada em 1808, e a Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Hospital Militar do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, criada em 5 de novembro de 1808, por D. João VI, através da Carta Régia (CRESTANA, 2002).

As bibliotecas brasileiras, especialmente na área de saúde, enfrentaram sérios desafios para cumprir seu objetivo social de provedora de informação atualizada e de alta relevância para satisfazer as necessidades informacionais dos seus usuários, diante da carência de recursos financeiros para formar a coleção e desenvolver seus serviços (ALMEIDA, 2008). Tais dificuldades, no entanto, parecem crônicas tal como destaca Aragão, na Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, narrando as palavras de Santos (1854) sobre a biblioteca:

> A fundação da nossa bibliotheca não tem menos que dever à boa vontade dos professores. Enquanto com as mesquinhas quantias, que arrecadava de matrículas e verificações de títulos, se esforçava a Schola em fazer sob sua responsabilidade encomenda de livros para dar mais algum alimento à intelligencia dos professores e dos alumnos, lhe estorvava a administração pública os bons desejos, já determinado que se não fizesse compras de instrumentos necessários ao ensino, já exigindo que fossem recolhidas aos cofres públicos quantias que a Faculdade destinava à satisfação de suas encomendas. [...] fizeram o então Director Dr. Paula e outros membros da congregação, que em Maio de 1836 chegasse a primeira remessa de livros para a Schola de Medicina, e com estes livros se começou uma livraria, que teve cerca de 400 volumes, que no ano de 1841 se elevava a 900, os quais ficaram a cargo do Porteiro da Faculdade o Sr. Joaquim Coelho do Amaral (ARAGÃO, 1940, p. 292 *apud* ALMEIDA, 2008, p.77).

Após a aquisição dos 400 livros, essa primeira biblioteca médica evolui lentamente, porém, em 1905, um incêndio destrói o acervo de 15.000 documentos. Por outro lado, com todas as dificuldades enfrentadas, é possível perceber, através da história dessa biblioteca, a preocupação dos professores da Faculdade de Medicina da Bahia, há 150 anos, com a atualização dos acervos bibliográficos, visando ao aprendizado médico, com base na informação científica disponível nos melhores periódicos (ALMEIDA, 2008).

De acordo com Almeida (2008) a maioria das bibliotecas brasileiras e, especialmente, as bibliotecas hospitalares, as poucas que existem, continuam enfrentando problemas, como instalações físicas deficitárias, falta de verbas para aquisição de materiais bibliográficos, falta de profissionais, entre outros, que segundo Ferreira:

> [...] a mesma situação de falta de recursos humanos e materiais que sofrem as bibliotecas em geral, ocorre nas bibliotecas hospitalares que, por serem altamente especializadas e dispendiosas, são às vezes consideradas um luxo vivendo em constante ameaça de desaparecimento [...]. (FERREIRA, 1987 *apud* MARTINEZ-SILVEIRA, 2005, p.33)

A importância das bibliotecas hospitalares no cuidado ao paciente e para o meio acadêmico vem sendo avaliado em estudos internacionais. Marshall (1992 *apud* ALMEIDA, 2008) revelou que a informação científica encontrada pelos profissionais de saúde, nas bibliotecas hospitalares, tem impacto nas decisões clínicas, pois médicos revelam que a informação encontrada afeta aspectos específicos do atendimento clínico, como: mudanças no diagnóstico, (25%); exames, (51%); medicamentos, (45%); tempo de internação, (19%); informação passada ao paciente, (72%). E essas mudanças evitam situações adversas ao paciente, como: internação, (12%); mortalidade (19%); infecção hospitalar, (8%); cirurgia, (21%); exames adicionais desnecessários, (49%); e visitas adicionais ao paciente, (26%).

O estudo de O'Connor (2002), uma revisão de literatura sobre as bibliotecas hospitalares, identificou estudos de quatro países (Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia), analisou seus métodos e resultados e concluiu que esses trabalhos demonstraram o impacto da informação obtida através dessas bibliotecas. O estudo também constatou que as bibliotecas hospitalares influenciam os resultados dos serviços de atendimento aos pacientes de várias maneiras, especialmente no diagnóstico e tratamento.

No Brasil, são poucos os estudos sobre o uso das bibliotecas hospitalares por parte dos profissionais de saúde e residentes, bem como sobre as bibliotecas hospitalares universitárias. Martinez-Silveira (2005), em estudo sobre o comportamento informacional do médico residente do Hospital Universitário da Universidade Federal da Bahia, verificou que quando os residentes têm alguma necessidade informacional relacionada a prática clínica,

primeiramente eles buscam o médico supervisor ou mais experiente (91,8%), seguido da coleção particular (82,1%) e as ferramentas de pesquisa não especializadas como o Google (50,7%). Recorrer à biblioteca ou ao bibliotecário, é uma das últimas opções desses residentes (20,5%).

Nesta mesma pesquisa, Martinez-Silveira (2005) aponta que a frequência às bibliotecas especializadas na área da saúde faz parte da rotina de 41,1% dos residentes médicos da UFBA. Porém, a decisão de procurar a informação necessária na biblioteca pode ser impedida pela falta de tempo (49,3%), pela inexistência de uma biblioteca de fácil acesso ou com acervo e serviços adequados (37%) ou pela dificuldade em localizar os documentos pertinentes (15,1%).

Outra pesquisa, de Pereira (2008), realizada com residentes de oftalmologia do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas verificou que os residentes não buscam a biblioteca pelos mesmos motivos citados por Martinez-Silveira (2005), falta de tempo (82%), dificuldade em localizar documentos pertinentes (61%) e a inexistência de uma biblioteca de fácil acesso (57%)

Diante dessa realidade, a biblioteca hospitalar parece estar longe de cumprir com o seu objetivo principal, isto é, facilitar, para todos os usuários, o acesso à informação científica de qualidade, disponível na internet, através das bases de dados bibliográficas e textuais, sendo a maioria existente em instituições especializadas, de acesso gratuito para o usuário final, tais como: Pubmed, Lilacs, Biblioteca Cochrane e o Portal de Periódicos da Capes, que pode ser acessado em qualquer universidade federal brasileira (ALMEIDA, 2008).

Um dos requisitos para a certificação dos hospitais de ensino brasileiros, segundo a portaria interministerial nº 2.400 de 2 de outubro de 2007, é a disponibilidade ou acesso à biblioteca "atualizada e especializada na área da saúde" (BRASIL, 2007, p. 2). Já o Manual Brasileiro de Acreditação Hospitalar (2002) dispensa a obrigatoriedade da biblioteca, embora seu funcionamento e serviços sejam avaliados, quando existentes, contando pontos favoráveis para a instituição.

As bibliotecas hospitalares universitárias podem oferecer uma série de serviços para satisfazer as necessidades de sua comunidade acadêmica, bem como as dos profissionais de saúde que lá atuam, já que, segundo Martinez-Silveira (2005), os bibliotecários são profissionais treinados para localizar informações e podem, dessa forma, reunir coleções representativas dos temas acadêmicos e clínicos. A referida autora reforça que os livros e periódicos impressos e eletrônicos, assim como os serviços de comutação bibliográfica, são indispensáveis, além de pesquisas bibliográficas em bases de dados, treinamento na utilização

de recursos eletrônicos, disseminação seletiva da informação, serviços de alerta, serviços de entrega de documentos, acesso a bases de dados e a textos completos de artigos e livros (MARTINEZ-SILVEIRA, 2005).

Para Almeida (2008, p.19), a biblioteca hospitalar difere das bibliotecas de Ciências da Saúde, pois "além de apoiar com a informação necessária à pesquisa e docência, que se realiza em um hospital, deve ajudar a melhorar a qualidade dos cuidados ao paciente, exercendo assim, a sua função social". Segundo Antunes (2007), a biblioteca universitária contribui significativamente para a missão da universidade, assumindo, deste modo, uma posição de centralização do fluxo de saberes: o aluno. Por outro lado, existe aquele que orienta: o docente. E finalmente figura o indivíduo que abre o caminho crítico da construção do conhecimento: o bibliotecário de referência.

2.3.2 **Serviço de referência das bibliotecas**

Em português, o verbo *refferir* (referir), surge no século XV, com o sentido de 'se reportar', 'recorrer a', segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001). Já o termo referência, no sentido biblioteconômico, data de 1858, como uma tradução do inglês *reference*, que é definido como "a ação de remeter ou encaminhar o leitor a um texto, uma autoridade".

A primeira vez que tal conceito é registrado no Brasil, foi em São Paulo, em 1929, quando a bibliotecária norte americana Dorothy Muriel Geddes organizou um curso no então Instituto Mackenzie, onde a atividade de referência era ministrada. No Rio de Janeiro, a biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) foi a primeira a criar uma seção de referência, em 1938, tal como sugere Accart (2012).

Os serviços de referência surgem no final do século XIX nas bibliotecas públicas dos Estados Unidos, com o nome de *reference service* (ACCART, 2012). De acordo com Figueiredo (1992), historicamente, pode-se afirmar que a primeira alusão aos serviços de referência ou auxílio ao leitor ocorreu durante a célebre 1ª Conferência da *American Library Association*[5] (ALA), em 1876, quando foi mencionada por Samuel Sweet Green a relevância do auxílio aos leitores em relação ao uso da coleção.

Grogan (2001) chama a atenção de que o começo do trabalho de referência coincidiu com a imensa expansão da publicação de periódicos em meados e no final do século XIX.

[5] Disponível em: www.ala.org

Segundo Accart (2012, p. 4) "em 1934, Paul Otlet[6] previa os serviços de referência virtuais, ou pelo menos a distância, e a consulta de informações em telas de computadores, a fim de responder a perguntas feitas por telefone" (ACCART, 2012).

O serviço de referência nos Estados Unidos se caracteriza por fornecer informação de qualquer tipo, além de prestar ajuda orientada ao usuário. No Reino Unido, este serviço foi criado na década de 1980 e segue uma orientação generalista, prestando também todo tipo de informação. Na França, os serviços de referência foram importados na década de 1980 dos Estados Unidos, embora essa função já existisse nas bibliotecas francesas, sua orientação difere um pouco dos serviços norte americanos e ingleses, pois são concebidos como serviços onde os bibliotecários fornecem somente informação bibliográfica (ACCART, 2012).

No Brasil, a primeira iniciativa de referência foi da Biblioteca Nacional[7], que, em 1910, inaugurou este serviço no país, mas uma seção específica de referência só ocorreu em 1944, quando estava organizada e realmente pode ser utilizada na busca de informações (GROGAN, 1995 *apud* SIQUEIRA, 2010). No âmbito das bibliotecas universitárias, o serviço de referência ganhou força ao se aliar ao ensino e à pesquisa, o que instaurou a ampliação da consulta a diversas fontes bibliográficas, estendendo, assim, a necessidade de um profissional para auxiliar na busca de informações (SIQUEIRA, 2010).

A partir dos anos de 1990, o serviço de referência adquire uma dimensão mais ampla, uma vez que, com a disponibilidade de recursos informacionais acessíveis diretamente pela Internet, as informações "de interesse de seus usuários passaram a ser não só os recursos internos à biblioteca, que tradicionalmente eram em papel, mas também, e de forma crescente, recursos externos, disponíveis somente na web" (MARCONDES; MENDONÇA; CARVALHO, 2006, p.175).

Nesse contexto, as bibliotecas e, consequentemente, os serviços de referência começam a se transformar com o objetivo de atender o usuário com o máximo de rapidez e eficiência. Com a Internet, surgem novos tipos de biblioteca, destacando-se as bibliotecas

---

[6] Paul Otlet (1868-1944) foi um dos fundadores da documentação. A documentação nasceu de um movimento surgido no final do século XIX e início do século XX, com o objetivo de encontrar alternativas para organizar a massa crescente de documentos produzidos. Esse movimento ficou conhecido como Movimento Bibliográfico. A intenção de Paul Otlet, ao participar deste movimento era dar à documentação, um caráter científico. Suas propostas estão expostas no *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*, publicado em 1934, obra que representa a maturidade do seu pensamento sobre a organização e o acesso ao conhecimento (SANTOS, 2007).

[7] Disponível em: www.bn.br

digitais, também denominadas eletrônicas e/ou virtuais (MARCONDES; MENDONÇA; CARVALHO, 2006).

Tais mudanças no serviço de referência se refletem no crescente número de serviços ofertados a partir das novas tecnologias, conforme enumera Rebelo:

> i) **fornecimento de documentos**: envio de artigos ou normas, em pdf, via e-mail; criação de *links* no catálogo online para anais, teses, dissertações, periódicos, relatórios e outros recursos em livre acesso;
> ii) **auxílio bibliográfico**: questões de referência colocadas através de mensagens instantâneas nos *chats*, via *Skype, Facebook, Moodle* diretamente ou através de formulários próprios; localização de material; levantamento de bibliografia especializada;
> iii) **serviços de alerta**: divulgação de novos serviços ou produtos oferecidos pela biblioteca; divulgação de boletim informativo; divulgação de formações; exposições; lista de novas aquisições ou disponibilização de novos recursos;
> iv) **orientação ao utilizador**: tutoriais, manuais de normas e estilos; disponibilização do índice de assuntos. (REBELO, 2011, p.49)

Além de novos serviços criados, surgiram também novos instrumentos de pesquisa que passaram a fazer parte do serviço de referência, a saber:

> i) **Diretórios e índices de assunto**: organizam os recursos informacionais eletrônicos em classificações temáticas. Consistem em listas hipertexto de categorias e subcategorias que dependem hierarquicamente uma das outras;
> ii) **motores de busca**: ferramentas de pesquisa que usam *hiperlinks*, como o Google e seus afins;
> iii) **sites de bibliotecas**: onde são disponibilizados os catálogos (OPAC's) onde podemos encontrar resumos e imagem do documento catalogado, *links* para recursos específicos e de interesse para os utilizadores, como revistas online, repositórios, portais, etc.;
> iv) **bases de dados bibliográficas**: incluem conjunto de informação registrada e organizada em suporte eletrônico num servidor. As bases de dados mais utilizadas dos documentos é a sua localização, e as bases de dados em texto integral, que apresentam documentos na íntegra;
> v) **revistas científicas online**: estas revistas disponibilizadas pelas editoras ou pela associação a quem pertencem, mediante pagamento ou em livre acesso, apresentam os resumos e o texto integral dos artigos que publicam;
> vi) **obras de referência eletrônicas**: dicionários, enciclopédias, glossários, tesauros, disponíveis na internet;
> vii) **mídias online**: jornais, revistas, rádios, televisão;
> viii) **recursos em livre acesso**: recursos gratuitos, onde os autores autorizam a publicação dos seus trabalhos, como repositórios ou revistas (REBELO, 2011, p. 48).

É importante salientar que essas mudanças não ocorrem apenas na estrutura física das bibliotecas, mas também no perfil do usuário e no papel do bibliotecário, sobretudo o bibliotecário de referência, cujas características, atribuições e perfil são apresentados a seguir.

2.3.3 **O bibliotecário de referência**

O profissional bibliotecário reconhecido, originariamente, como organizador e guardião de livros transforma-se ao longo do tempo de mero tecnicista em gerenciador da informação. A concepção do profissional preso a biblioteca e ao livro deu lugar a novos campos de atuação e áreas do conhecimento (ACCART, 2012).

É nesse contexto que se insere o bibliotecário de referência, responsável por promover o acesso e a utilização das novas tecnologias para além do espaço tradicional da biblioteca, assim como auxilia na formação dos usuários, de forma a acompanhar as mudanças e inovações tecnológicas ocorridas na sociedade (REBELO, 2011).

As bibliotecas universitárias concentram seus serviços em paralelo aos compromissos da universidade, que estão dispostos no tripé: ensino, pesquisa e extensão. Atendendo ainda às exigências e à demanda da comunidade científica, que buscam respostas cada vez mais ágeis, na medida em que as tecnologias de informação e comunicação se aprimoram (ACCART, 2012). Nesse sentido, o serviço de referência constitui-se como serviço chave, ao fornecer assistência direta a seus usuários, sejam eles alunos, professores, pesquisadores ou profissionais, que buscam a biblioteca para satisfazerem suas necessidades informacionais.

De fato, o serviço de referência, segundo Grogan (2001) deve permitir que as informações fluam eficientemente entre as fontes de informação e quem precisa de informações. O responsável por essa ponte entre a informação e o usuário é o bibliotecário de referência que deve providenciar um atendimento personalizado ao usuário que o procura na biblioteca e que espera orientações para a resolução das suas necessidades de informação. Para ser um bibliotecário de referência competente é necessário, segundo Accart:

> [...] experiência adquirida no exercício da profissão, além de uma formação sólida, cultura geral, conhecimento da área de atuação, domínio dos métodos e instrumentos e uma disposição especial para enfrentar qualquer tarefa. A função de referência se aprende com o tempo e com a experiência. Reconhece-se um profissional competente graças a certas qualidades que lhe são próprias: curiosidade, empatia e receptividade aos outros. (ACCART, 2012, p. 79)

A competência profissional do bibliotecário de referência vai desde o domínio das fontes de informações, sejam elas materiais ou virtuais, até as habilidades de comunicação com o usuário. Para Almeida e Lima (2013), o bibliotecário é um perito e suas atividades reúnem diferentes técnicas e conhecimentos, que exigem determinadas competências, uma vez que atende a diferentes fins e perfis de usuários. Lembrando que os bibliotecários de

referência "precisam ser competentes em informação. Isto significa conhecer e apropriar-se dela, assimilar conceitos e principalmente saber como buscá-la, acessá-la, organizá-la, avaliá-la e difundi-la" (REBELO, 2011, p. 55).

As qualidades intelectuais e comportamentais estão entre as exigidas com mais frequencia ao bibliotecário de referência, em particular: saber ouvir, ter prazer em se comunicar, mostrar-se disponível, mostrar curiosidade, criatividade, iniciativa, discrição e adaptabilidade. As competências técnicas são igualmente importantes: sentido de antecipação, espírito crítico, espírito de decisão, espírito de equipe, sentido de organização, sentido pedagógico (ACCART, 2012).

Outras qualidades essenciais são a capacidade de análise e síntese, necessárias para que o bibliotecário possa responder bem às questões dos usuários. Lembrando que o bibliotecário de referência precisa conhecer bem a unidade de informação onde atua, bem como a coleção de referência de maneira aprofundada (FARIAS; SOUZA, 2012).

Tantas qualidades pessoais e técnicas, no entanto, são construídas a partir da educação continuada e, principalmente, das demandas e do contato com os usuários, tal como apresenta Melo, Nascimento e Melo:

> o bibliotecário de referência não nasce pronto, e menos ainda qualificado, mas tem acesso a cursos técnicos e/ou de aperfeiçoamento. No entanto, é o contato com o usuário, as buscas com resultados inesperados, os erros e os acertos que aperfeiçoam o profissional do setor de referência. A instituição e o próprio profissional precisam investir também na qualificação referente a linguagens utilizadas em várias áreas e em línguas estrangeiras. Nesse sentido, exigir-se-á desse profissional um perfil multidisciplinar, cruzando habilidades, competências e qualidades, compreendendo as estruturas dos conhecimentos registrados. (MELO; NASCIMENTO; MELO, 2013, p.2)

É com base nestas características e habilidades, que o bibliotecário, como um facilitador do processo de recuperação da informação, conseguirá conduzir com eficiência as etapas que, segundo Grogan (2001) constituem o "processo de referência", formando assim oito passos:

i) **o problema**: dificuldade expressa pelo usuário;

ii) **a necessidade de informação**: desejo de conhecer, compreender ou apenas curiosidade sobre um assunto;

iii) **a questão inicial**: pergunta expressa pelo usuário para obter uma informação;

iv) **a questão negociada**: estabelecimento da questão inicial realizada pelo usuário;

v) **a estratégia de busca**: definição das categorias onde serão realizadas as buscas;

vi) **o processo de busca**: realização da busca no acervo,

vii) **a resposta**: resultado da busca;

viii) **a solução**: avaliação da resposta.

Com certa frequencia, o bibliotecário de referência recebe pedidos de informação imprecisos onde o dado principal da pesquisa não está explicitamente enunciado. Nesses casos, o bibliotecário deve fazer uma entrevista de referência, que segundo Grogan (2001), objetiva elucidar as questões trazidas pelo usuário. Para Accart (2012), a finalidade da pesquisa precisa ser identificada claramente desde o início, pois ela condiciona também o tipo de resposta a ser dada e os instrumentos de referência que serão utilizados.

Esse processo de referência se inicia por um problema, por exemplo: como eu - usuário - faço para obter a produção em câncer de mama dos últimos 40 anos? Uma vez identificado o contexto da pesquisa, o bibliotecário estará em condições de precisar os termos (junto ao usuário) a serem utilizados nas estratégias de busca e selecionará as fontes de informação adequadas a partir do pedido de pesquisa (ampla ou restrita; limitada a um período; país ou língua). Obtidos os primeiros resultados o usuário e o bibliotecário verificam se correspondem à necessidade de informação manifestada inicialmente. Se a pesquisa não der os resultados esperados será preciso reformulá-la.

Mesmo que o serviço de referência esteja relativamente predefinido, quanto ao conteúdo e ao processo de execução, o usuário não é um mero consumidor desse serviço. Ele participa do serviço que lhe é proporcionado nas diferentes fases do processo de execução. Nesse contexto, tanto o usuário quanto o bibliotecário têm papéis a cumprir durante o serviço de referência, os quais, conforme Accart, são definidos:

> **O papel do usuário** na relação de serviço consiste em: i) fornecer informações suficientes para o profissional de referência adotar medidas necessárias para a execução do serviço; ii) avaliar a adequação da resposta à sua pergunta, torná-la mais específica, reformulá-la, confirmá-la ou recusá-la; iii) participar pessoalmente na elaboração de uma resposta a sua pergunta.
>
> **O papel do profissional de referência** na relação de serviço é plural: i) receber o usuário: ter atitude amigável e atenciosa, orientar-se diretamente para aquilo que o usuário lhe pergunta. Se a consulta for de ordem prática (uma indicação, uma orientação) ou se implicar uma pesquisa de informação (uma pergunta pontual, factual ou minuciosa), a acolhida por parte do profissional deve revelar seu empenho no esforço concreto de ajudar e resolver uma dada consulta; ii) ouvir atentamente a consulta do usuário, certas consultas precisam ser mais bem especificadas, faltam-lhes detalhes, o contexto da consulta (histórico, geográfico, social etc.) carece ser determinado; iii) a partir dos elementos obtidos, o profissional proporá algumas pistas para resolver a consulta e encontrar a resposta apropriada. (ACCART, 2012, p. 18-19(

Além do papel que precisa exercer no serviço de referência, o bibliotecário também tem direitos e deveres a cumprir, na medida em que exerce uma profissão que presta serviço em contato direto com o público. O Conselho Federal de Biblioteconomia dispõe sobre o Código de Ética, na resolução CFB n.42 de 11 de janeiro de 2002. Este código entende que os diretos e deveres do bibliotecário se exercem em relação ao usuário, ao empregador, à informação e à profissão em seu conjunto. Com vistas ao interesse desta pesquisa, foram destacado aqui somente os direitos e deveres do bibliotecário em relação ao usuário e à informação, conforme descreve o CFB:

> **Em relação ao usuário:**
> - acesso à informação: o profissional facilita o acesso a qualquer documento de que o usuário precise para sua própria informação;
> - respeito aos usuários: não se deve adotar qualquer restrição baseada na etnia, condição social, nacionalidade, origem social, opção política ou religiosa;
> - confidencialidade: as informações que o profissional detém sobre os usuários e suas pesquisas são confidenciais, e não podem ser divulgadas nem arquivadas por longo período.
> Em relação a informação:
> - responsabilidade no que toca ao acervo de documentos do qual é depositário;
> - respeito aos direitos de autor no que se refere às fontes de informação citadas e utilizadas;
> - validação e reconhecimento da importância do trabalho bibliográfico, principalmente os produtos de informação
>
> **Em relação a informação:**
> - responsabilidade no que toca ao acervo de documentos do qual é depositário;
> - respeito aos direitos de autor no que se refere às fontes de informação citadas e utilizadas;
> - validação e reconhecimento da importância do trabalho bibliográfico, principalmente os produtos de informação;
> - sigilo profissional no que se refere a certas informações que lhe são confiadas.(CFB, 2002)

O acesso à informação pode assumir formas complexas e difíceis de identificar pelo usuário: quais bases de dados existem sobre tal assunto? Qual delas escolher? Como fazer a consulta? Como usar os mecanismos de busca? Oferecem resultados pertinentes? Capacitar o usuário em pesquisas de informação é um dos desafios que o bibliotecário de referência deve enfrentar. Posicionar-se como formador decorre de uma visão diferente de seu papel clássico. É uma extensão de seu papel inicial que o obriga a indagar sobre seu próprio conhecimento, a questioná-lo, e finalmente, a evoluir (ACCART, 2012).

No ambiente universitário os bibliotecários de referência ofertam treinamentos e/ou cursos de capacitação para os alunos desenvolvendo, assim, um papel educativo ao orientar e

ensinar os estudantes na utilização das ferramentas de recuperação das fontes e recursos de informação, além de passar os valores éticos na obtenção e no uso da informação obtida (ANTUNES, 2007). A capacitação informacional dos alunos é praticamente uma obrigação devido ao número potencial de usuários a serem treinados. Antunes (2007) destaca que esse aprendizado tem consequências na qualidade e eficiência do trabalho dos alunos e em sua futura autonomia pessoal e profissional.

Os objetivos do desenvolvimento da competência em informação dos alunos visa: i) o conhecimento das fontes de informação em geral e as que, especialmente, são oferecidas pelo serviço de referência; ii) a apropriação dos meios disponíveis de busca de informações; iii) a determinação de critérios para a pesquisa e avaliação da informação; iv) o domínio da metodologia de pesquisa de informação; v) a autonomia do usuário (ACCART, 2012).

Segundo Accart (2012) dois fatores facilitam a capacitação do usuário em matéria de informação: a competência em informação dos bibliotecários de referência na busca de informação e a disponibilização num mesmo lugar de diferentes recursos de informação. Conceito chave desta dissertação, a competência em informação será detalhada no capítulo a seguir.

3 BIBLIOTECÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE: COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E PERFIL PROFISSIONAL

O discurso da competência em informação se desenvolve em torno de quatro aspectos, segundo Campello (2003): a sociedade da informação, as teorias educacionais construtivistas, a tecnologia da informação e o bibliotecário. Esta pesquisa tem como objetivo compreender o aspecto do profissional bibliotecário. Nesta seção é apresentado um breve histórico do conceito de competência em informação (Quadro 2) e a chegada deste na literatura científica nacional, trazida pela Ciência da Informação, nos anos 2000. Apresenta definições sobre a competência em informação, bem como expressões relacionadas ao tema e suas características. Em seguida, o capítulo se dedica ao tópico sobre a formação do bibliotecário, trazendo o surgimento dos cursos de Biblioteconomia, a importância da educação continuada por parte deste profissional, e os dados atuais sobre o mercado de trabalho no Brasil. São apresentadas também as competências pessoais e profissionais exigidas do bibliotecário pelo mercado de trabalho e por último, são apresentados os três perfis deste profissional na área da saúde: bibliotecário médico, bibliotecário clínico e informacionista clínico.

3.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: BREVE HISTÓRICO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.

Nas últimas décadas, a competência em informação tornou-se um conceito central para estudos das mais variadas áreas entre as quais a Educação, a Psicologia, a Comunicação, o *Marketing*, o Direito e a Informática, porém a origem deste termo foi na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, cujo predomínio de artigos e pesquisas produzidos sobre o assunto é evidente (DUDZIAK, 2010). Segundo Vitorino e Piantola (2009), a definição deste conceito continua ainda sendo objeto de estudo, pois como observa Ward (2006, p. 398), "a noção de competência informacional não é estática e limitada, mas configura-se como um conceito dinâmico que continua a crescer para incorporar uma gama cada vez maior de habilidades necessárias aos indivíduos inseridos na era da informação."

De acordo com Dudziak (2001), Campello (2003) e Horton (2013) a educação de usuários pode ser considerada precursora da competência em informação. Dudziak (2001) ressalta que a principal diferença entre os conceitos de educação de usuários e competência em informação é que o primeiro tem sua origem na biblioteca, sendo fruto do esforço de bibliotecários que, preocupados com seus usuários, procuram formas de auxiliá-los em sua

busca pela informação. E o segundo, competência em informação refere-se ao aprendizado ao longo da jornada acadêmica e/ou profissional, constituindo-se na edificação de conhecimento necessário à compreensão e interação constante com o ambiente informacional.

O conceito de competência em informação é uma tradução da expressão "*information literacy*" que apareceu pela primeira vez na literatura em 1974, em um relatório intitulado *The information service environment relationships and priorities*, de autoria do bibliotecário norte-americano Paul Zurkowski. Neste relatório, Zurkowski sugeria que os recursos informacionais deveriam ser aplicados às situações de trabalho, para a resolução de problemas, a partir do aprendizado de técnicas e habilidades no uso de ferramentas de acesso à informação (DUDZIAK, 2003).

Ainda na década de 1970, o conceito de *information literacy* reapareceu na literatura ligado a uma série de habilidades e conhecimentos no uso da informação para a resolução de problemas e tomadas de decisão (DUDZIAK, 2003), mas foi no final da década de 1980 que surgiu uma das primeiras definições de competência em informação, elaborada pela *American Library Association* (ALA), que indica a responsabilidade das escolas e faculdades para este conceito:

> Para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Para produzir esse tipo de cidadania é necessário que escolas e faculdades compreendam o conceito de competência informacional e o integrem em seus programas de ensino e que desempenhem um papel de liderança preparando indivíduos e instituições para aproveitarem as oportunidades inerentes à sociedade da informação. Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas (ALA, 1989 *apud* CAMPELLO; ABREU, 2005, p. 179).

Com o intuito de apresentar um breve histórico do conceito *information literacy*, foi elaborado o Quadro 2, que baseia-se no artigo da autora Dudziak (2003). O quadro está organizado a partir da década de 1970, quando surgiu a expressão, até a década de 1990, período de sua disseminação pelo mundo.

Quadro 2 – Marcos das mudanças do conceito *Information Literacy.*

Década de 70	Década de 80	Década de 90
1974 - surgimento do conceito *Information Literacy* aplicado aos recursos informacionais em situações de trabalho, na resolução de problemas por meio do aprendizado de técnicas e habilidades no uso de ferramentas de acesso a informação. **1976** - o conceito ganha maior abrangência seja na busca de informação, seja no uso dela para tomada de decisões. **1976** - novo significado para o conceito *Information Literacy:* instrumento de emancipação política. Incluia-se a noção dos valores ligados à informação para a cidadania. **1979** - volta da ênfase da *Information Literacy* como habilidades técnicas no uso de ferramentas informacionais.	**Início dos anos 80** - popularização do conceito *Information Literacy* com o sentido de capacitação em tecnologia da informação. **1985** - bibliotecários começam a prestar atenção às conexões existentes entre bibliotecas e educação, a *Information Literacy* e o aprendizado ao longo da vida. **1987** - criam-se as bases para a educação voltada para *Information Literacy*, com foco no ser humano e em seu aprendizado. **1989** - Introdução do conceito da Educação Baseada em Recursos (R*esource-Based Learning*). **1989** - relatório da *American Library Association* (ALA) preparado por um grupo de bibliotecários e educadores apresentando uma das primeiras definições de *Information Literacy*.	**Início dos anos 90** - definição da ALA amplamente aceita e uma série de programas educacionais voltados para a *Information Literacy* começaram a ser implementadas ao redor do mundo. **1994** - traçadas as diretrizes da *Information Literacy*, considerando-as um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos e valores ligados à busca, acesso, organização, uso e apresentação da informação na resolução de problemas. **1997** - Introdução de um novo entendimento a respeito da *Information Literacy* como modelo relacional, partindo do pressuposto de que a *Information Literacy* está acima do desenvolvimento de competências; como uma questão situacional experimentada pelos sujeitos. **1997** - criação do *Institute for Information Literacy* da ALA, destinado a treinar bibliotecários e dar suporte à implementação de programas educacionais no ensino superior.

Adaptação de: DUDZIAK (2003)

A partir desse quadro é possível notar que na década de 1970, após o surgimento do conceito, este adquiriu novos significados e foi se tornando mais abrangente. Inicialmente voltada para as habilidades técnicas no uso de ferramentas informacionais, a *information literacy*, em 1976, passou a ser vista como um instrumento de emancipação política, onde os cidadãos adquiriam a noção dos valores ligados ao uso da informação, tendo melhores condições de tomar decisões relativas à sua responsabilidade social. Nesse contexto, a década

de 1970 se caracterizou pela admissão de que a informação é essencial à sociedade (DUDZIAK, 2003; CAMPELLO, 2003).

Já a década de 1980, foi marcada pela influência das novas tecnologias da informação que alteraram as rotinas de controle, guarda, disseminação e acesso à informação. A concepção da *information literacy* com o sentido de capacitação em tecnologia da informação se popularizou e foram dados os primeiros passos para a implementação de programas educacionais voltadas a competência em informação. Houve o aparecimento de diretrizes que procuraram definir com mais clareza a função pedagógica do bibliotecário, em parceria com professores e dirigentes escolares (DUDZIAK, 2003; CAMPELLO, 2003). Nesse período foi constituído "um novo modelo de aprendizado, voltado para a resolução de problemas, de forma contextualizada, a fim de incutir nos aprendizes o hábito de busca e utilizar criticamente a informação" (DUDZIAK, 2003, p.26).

Fechando o quadro histórico, pode-se dizer que a década de 1990 abriu espaço para a busca de novos caminhos na *information literacy*, período no qual surgiram vários neologismos relacionados ao conceito como: *digital literacy* e *multimidia literacy.* Esse período também foi marcado pela busca de uma fundamentação teórica e metodológica sobre o conceito. Houve ênfase na busca da informação enquanto processo cognitivo para resolução de problemas e também aos processos ligados as tecnologias da informação e aos ambientes eletrônicos. Foi nessa época que a *information literacy* ganhou dimensões mundiais disseminando-se nos vários continentes (DUDZIAK, 2003).

Com a expansão da *information literacy* nos anos 2000, os estudos antes realizados por bibliotecários e educadores passaram a ser originados em grupos específicos e em áreas como as Ciências Médicas, Direito, Comunicação, Informática, *Marketing* e Administração (VITORINO; PIANTOLA, 2009). A partir desse cenário, estudos interdisciplinares foram sendo realizados com mais frequência e em maior número. Devido a ampliação do tema em outras áreas, apareceram diretrizes com o intuito de organizar os estudos sobre a *information literacy*, nos Estados Unidos, conforme assinalam Hatschbach e Olinto:

> Em 2000, a *Association of College & Research Libraries* (ACRL 2000), dos Estados Unidos, publicou uma agenda de pesquisa para instrução bibliográfica e competência em informação, contendo diretrizes para a realização de estudos na área, dividindo-a em quatro setores de aplicação: estudantes, ensino/docência, contexto organizacional e avaliação. Essa agenda ratificava o que vinha acontecendo na prática: a *information literacy* tinha ampliado consideravelmente seu escopo, principalmente no meio acadêmico, agregando profissionais que não eram mais apenas aqueles vinculados diretamente às bibliotecas. (HATSCHBACH; OLINTO, 2008, p. 23)

No Brasil, o primeiro uso da expressão "*Information Literacy*", na Ciência da Informação, foi feito por Sônia Eliza Caregnato, em 2000, propondo a adoção do termo "alfabetização informacional" (CAREGNATO, 2000). Em 2002, Bernadete Campello propõem uma outra tradução para o termo: "competência informacional", pensando na perspectiva da biblioteca escolar. Neste estudo, Campello (2002) sinalizava o potencial desse conceito como catalisador das mudanças do papel da biblioteca em face das exigências da educação no século XXI.

Nacionalmente, na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, destacam-se os estudos sobre a competência em informação de Caregnato (2000); Campello (2002; 2003); Dudziak (2003); Belluzzo (2005) e as dissertações de Dudziak (2001) e Hatschbach (2002) que tratam especificamente das teorias e aplicações da *Information Literacy.*

Mesmo propondo o conceito de alfabetização informacional, Caregnato (2000) optou pelo emprego da expressão "habilidade informacional" como equivalente à *information literacy* na língua portuguesa. Sugeria a expansão do conceito de educação de usuários, destacando a necessidade das bibliotecas acadêmicas desempenharem um papel central no processo educacional, oferecendo novas possibilidades de desenvolver nos alunos habilidades para interagir no ambiente digital. A autora ressalta ainda que, a partir de serviços voltados para o aprendizado de métodos e técnicas de busca e uso da informação, o aluno aproveitaria os recursos informacionais seja na sua rotina de estudos como em sua vida profissional (CAREGNATO, 2000).

Acerca da *information literacy,* Dudziak (2001) apresenta em sua dissertação uma abordagem teórico-documental de análise e discussão de práticas e conhecimentos sobre o conceito. Segundo a autora, a *information literacy* pode ser entendida como uma forma de adquirir habilidades para lidar com o ambiente informacional:

> A *information literacy* é o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2001, p.143).

Enfocando as aplicações da *information literacy* no ambiente acadêmico, Hatschbach (2002) traz, em sua dissertação, uma abordagem dos aspectos conceituais e históricos do conceito. *Information literacy*, para autora tem a ver com a destreza no uso da informação:

> é uma área de estudos e de práticas que trata das habilidades acerca do uso da informação em relação à sua busca, localização, avaliação e divulgação, integrando a utilização de novas tecnologias e a capacidade de resolução de problemas de informação. (HATSCHBACH, 2002, p.95)

Campello (2002; 2003) volta-se ao movimento da competência informacional, no ambiente escolar. Destaca que se deve levar em conta "o panorama dos estudos sobre letramento que é o conceito utilizado no âmbito do ensino básico para designar o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler ou escrever" (CAMPELLO, 2003, p.36). Belluzzo (2005) também segue o movimento da competência em informação no ambiente escolar afirmando que "o ideal é que esta seja desenvolvida desde os primeiros anos de escola e ao longo de toda a vida, em crescentes níveis de autonomia, levando ao aprender a aprender" (BELLUZZO, 2005, p. 14).

Com relação aos estudos relacionados à competência em informação no Brasil, Lecardelli e Prado (2006) afirmam que o maior percentual da produção científica brasileira sobre o conceito, no período de 2000 a 2005, estaria relacionado à tecnologia da informação, devido as pesquisas estarem associando a competência em informação às questões tecnológicas, de acesso e disponibilização de informações. Hatschbach e Olinto (2008) indicam que pesquisas com enfoque na mensuração da competência em informação de estudantes de nível superior estariam crescendo consideravelmente e destacam que a área da saúde é uma das que mais tem produzido.

Atualmente, segundo Gasque (2013), as pesquisas nacionais estão voltadas para uma melhor compreensão sobre o significado do conceito e de temas relacionados, o que Dudziak (2010, p.18) complementa ao confirmar que "ainda persistem barreiras à plena compreensão e apropriação do conceito, a começar pela falta de consenso quanto à terminologia e significado".

O conceito de *information literacy*, antes de ser considerado um conceito reconhecido e consolidado, foi alvo de intensas discussões já que historicamente se entende *literacy* apenas em seu nível básico de aquisição de habilidades, mais especificamente de leitura e escrita. Por isso termos como *library skills*, *library use* ou *bibliographic instructions* foram utilizados como sinônimos de *information literacy* (VITORINO, PIANTOLA, 2009).

Na América Latina os estudos sobre o conceito começaram a se expandir no final da década de 1990. Em espanhol, o termo *alfabetizacíon informacional* foi o conceito que se expandiu devido a sua maior utilização, mas também são utilizadas expressões sinônimas como *alfabetizacíon en información*, *competencia informacional* e *desarrollo de habilidades informativas*, este último mais utilizado no México (HATSCHBACH; OLINTO, 2008).

Em Portugal, o termo mais utilizado é *literacia informacional*, mas também são empregados alguns sinônimos como: *literacia da informação* e *competências da informação* (HATSCHBAH; OLINTO, 2008). No Brasil não é diferente, o termo *competência em*

informação é o mais utilizado na literatura nacional (HORTON, 2013), porém, ainda persiste certa dificuldade de conceituação, conforme assinala Dudziak:

> No Brasil, a questão da tradução da expressão *information literacy* ainda suscita discussão e não há consenso. Alguns bibliotecários e pesquisadores da área utilizam a expressão alfabetização informacional, outros adotam letramento informacional, enquanto muitos utilizam competência informacional. Dado que, no país, a alfabetização tem seu significado fortemente associado às fases iniciais da educação, ao passo que a literacia e o letramento ligam-se predominantemente ao universo das palavras, é preciso refletir sobre a terminologia mais adequada e representativa. A adoção da tradução do conceito como competência informacional ou competência em informação parece ser a melhor escolha, por ter significado mais abrangente, além de ser aceita e valorizada tanto na área educacional quanto nos círculos profissionais. (DUDZIAK, 2010, p.8)

Essa dificuldade de conceituação, segundo Terso e Silva (2008), pode ser explicada em razão da problemática linguística, devido a tradução do vocábulo *literacy*, já que não existe, na língua portuguesa um termo preciso que represente tal conceito. Os referidos autores mencionam que teóricos da área de Educação e Letras propuseram o termo 'letramento' para traduzir o vocábulo *literacy* (TERSO; SILVA, 2008).

Gasque (2010) frisa que os termos ‘competências’, ‘habilidades’, ‘letramento’, ‘literacia’ e ‘alfabetização’ pertencem a categorias de ideias similares, porém, estes precisam ser bem definidos para que reflitam com exatidão o contexto em que estão sendo aplicados. Segundo ponto de vista da referida autora, diferentes sentidos vinculam-se à diferentes expressões:

> **Letramento informacional:** processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar a informação na resolução de problemas ou tomada de decisões.
>
> **Alfabetização informacional:** refere-se à primeira etapa do letramento informacional, isto é, abrange os contatos iniciais com as ferramentas, produtos e serviços informacionais.
>
> **Habilidade informacional:** realização de cada ação específica e necessária para alcançar determinada competência.
>
> **Competência informacional:** refere-se à capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação (GASQUE, 2013, p.5-6)

Alguns autores (CAMPELLO, 2003; MIRANDA, 2004; BELLUZZO, 2005; VITORINO, 2008) entendem que as diferentes expressões podem ser consideradas sinônimas, e reconhecem que o conceito *information literacy* tem sido traduzido, comumente, como 'competência informacional' e/ou 'competência em informação'.

No campo da Ciência da Informação, inicialmente, a competência informacional foi associada ao contexto das bibliotecas escolares, a partir da necessidade de se ampliar "a função pedagógica da biblioteca ou, em outras palavras, de se construir um novo paradigma educacional para a biblioteca, ampliando o conceito de educação de usuários e repensando o papel do bibliotecário no processo de aprendizagem" (CAMPELLO; ABREU, 2005, p.179).

Para Dudziak, a competência em informação tem como objetivo formar indivíduos que:

- Saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão;
- conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma efetiva e eficaz;
- avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos;
- usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais;
- considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, observando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência;
- Sejam aprendizes independentes;
- Aprendam ao longo da vida. (DUDZIAK, 2003, p. 28-29)

Nesse contexto, o mapa conceitual apresenta as habilidades essenciais para uma busca eficaz, a partir do uso de recursos informacionais necessários que permitam reconhecer, aplicar, buscar e transformar a informação em conhecimento, conforme Figura 2:

Figura 2 - Mapa conceitual do conceito *competência em informação*

Fonte: LISTON; SANTOS, 2008, p.294

O conceito de competência em informação apresenta características ligadas ao desenvolvimento de habilidades e a construção de conhecimento no uso da informação, conforme descreve Dudziak:

> É um processo de aprendizado contínuo que envolve informação, conhecimento e inteligência. É transdisciplinar, incorporando um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos, valores pessoais e sociais; permeia qualquer fenômeno de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões. (DUDZIAK, 2003, p.29)

O conceito de competência em informação, segundo Belluzzo (2007, p. 37), tem definições de "natureza vária, muito embora o assunto central esteja relacionado à questão de orientação do usuário/receptor na obtenção de conhecimento amplo das fontes de informação e ao desenvolvimento das capacidades relacionadas ao uso da informação". Vitorino e Piantola (2009) ressaltam o caráter holístico da competência informacional, visto que não deve ser restrito à mera junção descontextualizada de habilidades. Trata-se, na verdade, de um processo informacional que relaciona aspectos sociais, físicos e textuais de uma informação em determinado contexto.

No contexto da saúde, a relação da competência em informação com a referida área é conhecida como *health information literacy* que segundo a *Medical Library Association* (MLA, 2003) pode ser entendida com um conjunto de habilidades necessárias para: reconhecer a necessidade de informação em saúde; identificar fontes de informação adequadas e utilizá-las para recuperar informações relevantes; avaliar a qualidade da informação e sua aplicabilidade a uma situação específica; e analisar, compreender e empregar esta informação para tomar decisões adequadas em saúde. A *health information literacy* é voltada tanto para o paciente quanto para a sociedade que utiliza a internet em busca de maiores informações médicas com o objetivo de utilizar essas informações na promoção da sua saúde (SCHARDT, 2011).

Nesse contexto, Freitas, Saraiva e Batista afirmam que a população precisa ter acesso a informação em saúde como forma de conservarem sua saúde:

> Para que uma sociedade seja mais saudável e tenha consciência de aspectos preventivos de doenças e facilitadores da manutenção da saúde de forma geral, é necessário o insumo primário, viabilizado por informações assertivas. A informação em saúde, em grande parte, é mediada e transmitida por profissionais da área, tais como médicos, professores, enfermeiros, dentistas entre outros profissionais que possuem em sua rotina de trabalho a responsabilidade de fazer a transferência da informação em saúde e contribuir com a sociedade bem informada, de modo que cada indivíduo receba informações e as agregue na forma de conhecimentos. (FREITAS; SARAIVA. BATISTA, 2011, p.160)

A *Medical Library Association* (MLA, 2003) reforça que os bibliotecários, que atuam em hospitais, estão em uma posição única para ajudar os profissionais de saúde e as suas instituições a satisfazerem as necessidades de informação dos pacientes e consumidores, bem como, capacitá-los para que adquiram competência em informação. Nesse contexto, Hartt e Guimarães (2013, p.3) apontam que "a internet traduz-se em espaço de popularização da ciência e promoção da saúde, e por sua natural heterogeneidade permite a convivência de leigos e especialistas em um mesmo ambiente".

Apesar de sua relevância, o conceito de competência em informação em saúde, traduzindo para o português o conceito de *health information literacy*, por estar voltado para uma competência em informação em uma área específica, a saúde, especialmente, a saúde do paciente e do cidadão não é foco dessa pesquisa, que se debruçará sobre o conceito mais amplo, competência em informação, a ser investigado no contexto dos profissionais bibliotecários do serviço de referência em bibliotecas de hospitais universitários.

3.2 FORMAÇÃO, HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

A formação do bibliotecário, desde a criação do primeiro curso de Biblioteconomia até a realidade atual, fundamentada nas novas tecnologias de informação e comunicação, passou por inúmeros momentos, onde as prevalências entre a técnica e o humanismo foram se intercalando, gerando uma mudança no perfil deste profissional.

A pioneira no ensino da Biblioteconomia foi a *École Nationale des Chartes*, fundada em Paris, em 1821, que propunha uma formação erudita e humanista. Nos Estados Unidos, o curso de Biblioteconomia começa a ser oferecido em 1887 na *School of Library Economy*, fundada por Melvil Dewey na *Columbia University,* que trazia uma formação de orientação técnica (FONSECA, 2007).

A *American Library Association* (ALA), fundada em 1876, teve um importante papel no ensino da Biblioteconomia nos Estados Unidos, pois esta associação reconhecia as escolas de Biblioteconomia, estabelecendo normas, além de promover estudos e debates sobre a área. A *Library Association* (LA), fundada um ano depois da ALA, em 1877, também desenvolveu um importante papel na Inglaterra, ao reconhecer bibliotecários, em exames semelhantes com os realizados no Brasil atualmente, na área jurídica, pela Ordem dos Advogados do Brasil (FONSECA, 2007).

Enquanto a ALA se concentrou nos limites dos Estados Unidos e posteriormente no Canadá, a LA procurou dar à formação de bibliotecários uma amplitude internacional, contando, para tanto, com a colaboração da *International Federation of Library Associations and Institutions*[8] (IFLA) e da *International Federation for Information and Documentation* (FID) (FONSECA 2007).

No Brasil, o ensino da Biblioteconomia teve início em 1915, na Biblioteca Nacional (BN), "sem qualquer planejamento curricular e sem perspectiva de atender necessidades alheias a esta instituição [...] onde formavam um profissional com perfil de erudito-guardião" (CASTRO, 2002, p.27). Este curso propunha uma formação humanista, sob influência francesa da *École Nationale des Chartes* (Paris) centrada em disciplinas como: Bibliografia, Paleografia, Diplomática, Iconografia e Numismática, formando bibliotecários focados na cultura, artes, preservação e guarda de documentos (CASTRO, 2002).

Em São Paulo, o curso de Biblioteconomia foi criado pelo Instituto Mackenzie, em 1929, sob a influência técnica norte-americana. Em 1936, o curso do Mackenzie, no entanto, encerrou suas atividades, sendo, então, criado o curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo que tinha como objetivo atender as necessidades das bibliotecas que não tinham o acervo característico da Biblioteca Nacional. Centrava-se em disciplinas técnicas como a Catalogação e Classificação (CASTRO, 2002).

A partir da década de 1940, ocorreram significativas alterações curriculares nos cursos de Biblioteconomia, com a reforma do curso da Biblioteca Nacional, mudando a ênfase curricular de preparação humanista para a ordem técnica, consolidando-se no Brasil o modelo pragmático norte-americano. Na década de 1950, com a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), ocorreram outras modificações curriculares, com o intuito de incorporar referenciais teóricos e práticos da documentação e para formar profissionais especializados no tratamento de informações técnico-científicas (CASTRO, 2002).

Entretanto, apesar das alterações nos saberes e nas práticas bibliotecárias, não havia até então um currículo mínimo que orientasse e uniformizasse o ensino de Biblioteconomia no país, o que, segundo Russo (1968 *apud* CASTRO, 2002), gerava uma grande crise na área no Brasil. A origem dessa crise estava na formação do bibliotecário, eminentemente técnica e distanciada da cultura geral e humanística. A causa para o não-estabelecimento de um currículo mínimo no Brasil, antes dos anos de 1960, estava na ausência de uma unidade de

[8] Disponível em: www.ifla.org

ponto de vista entre as escolas de Biblioteconomia, onde cada escola determinava o seu programa curricular, julgado sempre o ideal (CASTRO, 2002).

As mudanças começaram com a regulamentação da profissão, o que ocorreu com a Lei 4.084, de 30 de junho de 1962 e através do Decreto nº 56.725 de 16 de agosto de 1965, que em seus artigos reiteram as atribuições do bibliotecário, associadas à criação, nesta mesma década, do Conselho Federal de Biblioteconomia. Regulamentada a profissão e com o Conselho criado, o novo desafio era melhorar e organizar o ensino da Biblioteconomia no país (CASTRO, 2002).

No final da década de 1970, começaram a surgir as primeiras pós-graduações em Biblioteconomia e Ciência da Informação, com o objetivo da formação de docentes para o curso de graduação e para o desenvolvimento da pesquisa e extensão na área, o que proporcionou o surgimento dos primeiros periódicos científicos especializados na área (AZEVEDO, 2009). Em 1982, surge um novo currículo para os cursos de graduação de Biblioteconomia, que "tentou expressar uma nova concepção de ensino para a área, somando às disciplinas de conteúdo específico outras que contemplam o aspecto humanista da profissão" (BREGLIA; RODRIGUES, 1995 *apud* RODRIGUES, 2002, p.90).

Para Castro (2002, p.44), é necessário compreender o currículo como "uma construção cultural que propicia a aquisição do saber de forma articulada com a sociedade e os interesses dos alunos". Com a preocupação em adequar a formação do bibliotecário a realidade do século XXI foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Biblioteconomia, CNE/CES nº 492 de 03 de abril de 2001, que trata da flexibilização curricular, a integração escola/comunidade, graduação/pós-graduação, avaliação do processo formativo e incentivo a projetos políticos pedagógicos.

Este cenário, segundo Pinto (2005, p.10) reflete, especificamente, na formação do bibliotecário, "o despertar para o espírito crítico-reflexivo, a integração com a comunidade, a humanização do conhecimento, o saber ser, o saber fazer e o aprender a aprender". É possível observar que a formação em Biblioteconomia no Brasil, sofreu diferentes e significativas influências que marcaram o seu pensar e agir, porém conforme destaca Rodrigues, os cursos de graduação estão em busca de uma formação que atenda a sociedade:

> Apesar do modelo tecnicista ter marcado fortemente a formação do bibliotecário no Brasil, atualmente a área se encontra num momento em que procura romper com essa concepção de profissional eminentemente técnico. Os cursos de graduação estão buscando, através de novas propostas curriculares, um perfil profissional de natureza mais interdisciplinar que possa dar conta de uma realidade heterogênea, em um tempo de rápidas, constantes e profundas mudanças, com um aparato tecnológico,

> constantemente em aperfeiçoamento e com usuários cada vez mais exigentes. (RODRIGUES, 2002, p. 90)

Em países sob a influência da Biblioteconomia anglo-americana, a formação bibliotecária dá-se ao nível de pós-graduação (BERAQUET *et al* 2000). Nos Estados Unidos, a obtenção do mestrado é condição básica para a atuação do bibliotecário em bibliotecas públicas, escolares, especializadas e universitárias. O doutorado, por sua vez, é geralmente voltado para o ensino em universidades e a pesquisa (MOTA; OLIVEIRA, 2005).

No Brasil, cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação são oferecidos em diferentes níveis, a saber: graduação, pós-graduação *lato sensu* (especialização) e pós-graduação *stricto sensu*. O título de bacharel em Biblioteconomia é obtido em cursos de graduação e a Ciência da Informação titula mestres e doutores em programas de pós-graduação *stricto sensu*. É importante lembrar que, no que diz respeito aos estudos curriculares, a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação[9] (ABECIN) tem exercido um importante papel assegurando questões pertinentes à formação dos bibliotecários e cientistas da informação, tanto em nível de graduação, quanto de pós-graduação, respectivamente (MOTA; OLIVEIRA, 2005).

Atualmente, no Brasil, segundo o Conselho Federal de Biblioteconomia[10] (CFB, 2014), existem 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação entre universidades federais, estaduais e particulares, distribuídos da seguinte forma:

Quadro 3 - Cursos de Biblioteconomia existentes por região

Regiões	**Quantidade de cursos**		**TOTAL**
	Federais/Estaduais	**Particulares**	
Norte	2	0	2
Nordeste	8	0	8
Centro-Oeste	3	2	5
Sudeste	7	10	17
Sul	6	1	7
TOTAL	**26**	**13**	**39**

Fonte: CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (CFB). **Carreira.** Cursos. 2014. Disponível em: <http://www.crb6.org.br/carreira.php>. Acesso em: 15 nov. 2014.

[9] Disponível em: www.abecin.org.br

[10] Disponível em: www.cfb.org.br

Santos (2002) chama a atenção para o fato que a formação dos bibliotecários tende a se tornar obsoleta no período de alguns anos devido a constante atualização das novas tecnologias. Este cenário, segundo Carvalho exige do bibliotecário a busca por uma capacitação contínua:

> A aceleração tecnológica torna obsoletos conhecimentos adquiridos e, por este motivo, o desenvolvimento da educação continuada torna-se uma realidade. O profissional da informação necessita de um aprendizado continuado para enfrentar as constantes mudanças que ocorrem no seu espaço de trabalho que, considerando a realidade nacional, necessita de um profissional duplamente envolvido com a informação para a cidadania e também para a transmissão do conhecimento científico (CARVALHO, 2002, p.8).

Para Pinheiro (2002, p.4), a rápida obsolescência das tecnologias e dos respectivos conhecimentos "é tão multifacetado e dinâmico que transcende os cursos de graduação [...], assim, esses conteúdos devem ser canalizados para cursos de especialização (pós-graduação *lato sensu*), e mesmo cursos de extensão e aperfeiçoamento".

A educação continuada parece ser, então, o caminho não só para enfrentar as constantes mudanças tecnológicas mas para aprofundar seus conhecimentos, desenvolvendo, assim, suas capacidades de inovação e criatividade em sua área de atuação, além de potencializar o desenvolvimento de habilidades e competências. Segundo Santos (2002, p.114), a educação continuada "dá ao profissional uma nova visão, a abertura em face das mudanças e a oportunidade de atualizar-se sempre".

O bibliotecário deve ser o responsável pela sua educação continuada, conforme Valentim:

> O profissional da informação precisa buscar informação e conhecimento de forma contínua, pois estes são os mais valiosos recursos estratégicos. Investir nisso é muito importante para o crescimento profissional. Por uma questão de atitudes profundamente arraigadas, a maioria dos profissionais espera que a organização faça isso, isto é, seja a única responsável pela sua educação continuada. O profissional deve ter consciência de que a responsabilidade pela sua educação continuada [...] é da organização em que atua, mas não só dela, é também dele mesmo. (VALENTIM, 2002, p. 119)

A educação profissional para bibliotecários no Brasil, segundo Valentim (2002, p.120-121), pode ser caracterizada nos seguintes níveis e da seguinte forma:

> **Cursos de Extensão (maioria)**: através de escolas, associações, conselhos de classe e da própria empregadora, buscam a atualização pontual de alguma técnica, forma de gestão ou domínio de algo no campo da atividade profissional em que está envolvido;

> **Cursos de Especialização (minoria)**: através das escolas, buscam a complementação do ensino de graduação e o conhecimento para viabilizar novas formas de atuar no mercado de trabalho;
>
> **Cursos de Mestrado e Doutorado (poucos)**: através das escolas buscam o crescimento profissional e humano, visando um atendimento profundo de algum problema na área de conhecimento, qual seja, Ciência da informação. (VALENTIM, 2002, p. 120-121)

Para Beraquet *et al* (2000), o bibliotecário pode atuar em diferentes áreas devido a sua formação generalista e à natureza do objeto de seu trabalho, a informação, porém, como o perfil e desempenho profissional estão fortemente ligados à formação educacional, acredita-se que a capacitação direcionada e/ou especializada seja uma importante alternativa para minimizar as complexidades da provisão da informação na área escolhida para atuação deste profissional, como a saúde, por exemplo.

No que se refere à formação tematizada de bibliotecários, no Brasil, tem-se os seguintes exemplos, segundo Galvão e Leite (2008, p.185):

> - Curso de graduação em Ciência da Informação que possui ênfase em informação em saúde, como o da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto, que formou sua primeira turma no ano de 2006;
>
> - Curso de especialização em Ciências da Saúde para bibliotecários e documentalistas, oferecido pela Biblioteca Central da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com a contribuição do Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde da Organização Pan-Americana da Saúde da Organização Mundial da Saúde (BIREME/OPAS/OMS)[11];
>
> - Curso de especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde e o Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, ambos da Fundação Oswaldo Cruz[12] (FIOCRUZ).

Em sua dissertação sobre o profissional da informação em ciências da saúde, Rosemeire Rocha Pinto (2005) propõe a estrutura de um curso de Informação e Ciências da Saúde, que teria carga horária de 400 horas aula, a saber:

> 1. **Módulo de contextualização dos cenários adotados**: visão sistêmica da instituição e sua missão ou outro cenário pertinente, abordando estrutura organizacional, políticas e objetivos próprios em relação a política nacional de saúde; estudo das políticas públicas nacionais em saúde; informação em saúde na sociedade da informação;

[11] Disponível em: www.bireme.br

[12] Disponível em: portal.fiocruz.br

> 2. **Módulo de metodologia, planejamento e elaboração de projetos**: metodologia da pesquisa científica, planejamento, elaboração de projetos;
>
> 3. **Módulo de gestão da informação em saúde:** gestão de produtos e serviços informacionais; identificação e seleção de material e fontes de informação; desenvolvimento de coleções; desenvolvimento de parcerias; marketing; editoração científica; lei de Copyright; produtos e serviços institucionais;
>
> 4. **Módulo de técnicas e recursos para o tratamento da informação**: estrutura de thesaurus e vocabulário controlado em saúde (DeCS e MeSH); indexação e classificação de documentos; normas técnicas adotadas para documentos em saúde; técnicas de resumo; ferramentas de administração e disseminação da informação; técnicas de bibliometria;
>
> 5. **Módulo de pesquisa, análise e interpretação**: recursos e fontes de informação em saúde; formulação da pergunta de pesquisa; estratégias e mecanismos de busca da informação; tipos de estudo e métodos para sua avaliação; análise crítica e avaliação do resultado da pesquisa;
>
> 6. **Módulo tecnologias de informação em saúde**: redes e sistemas de informação em saúde; construção de banco de dados; metadados; metodologias específicas (adotadas pela instituição ou adequadas a propósitos específicos; informática médica;
>
> 7. **Módulo de estudo de usuários**: ética profissional; usuários em Ciências da Saúde (tipos de usuários e suas necessidades específicas);
>
> 8. **Módulo de capacitação para docência**: política pública nacional para educação superior; teorias do processo ensino-aprendizagem; currículo; práticas de ensino e aprendizagem; educação de adultos; processos de avaliação (PINTO, 2005, p. 89-90).

A formação tematizada, segundo Galvão, Ferreira e Daura (2011), permitiria que o bibliotecário fosse conhecedor das problemáticas da informação em saúde, o que se constituiria como potencial gerador de soluções podendo assumir posição cooperativa na equipe multiprofissional da saúde, viabilizar a gestão da informação para a tomada de decisões, além de subsidiar pesquisas e a prática médica de outras profissões da saúde.

Apesar dos exemplos citados, os bibliotecários brasileiros, em sua maioria têm uma formação generalista. Para isso, é necessário que estes profissionais busquem uma formação continuada que lhes permita ter uma base para uma profissão consolidada, assim como base para ser um profissional competente. A educação continuada e/ou a capacitação direcionada também possibilita a definição de um perfil profissional, no qual o bibliotecário poderá ocupar espaços a ele destinados, no mercado de trabalho.

3.2.1 **Atuação profissional do Bibliotecário no Brasil**

Atualmente, o Brasil conta com cerca de 20 mil bibliotecários atuando no mercado de trabalho, segundo informações do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB, 2014). Com a criação da Lei Federal nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil, serão necessários mais bibliotecários. Porém, até 2020, prazo máximo para a instalação dos acervos nas escolas, esse número precisará chegar a quase 180 mil (CFB, 2014).

Com relação ao mercado de trabalho nacional para os bibliotecários, Valentim (2000) a organiza em três grupos: o tradicional, incluindo bibliotecas no geral; o pouco ocupado, incluindo instituições privadas, editoras e livrarias; e de tendências, onde novos ambiente de trabalho podem ser ocupados por bibliotecários:

> **Mercado informacional tradicional**: presentes nos diversos setores da economia e que se concentram majoritariamente no ramo da administração pública, que no geral assiste a população no acesso à cultura, lazer e recreação. Esta tipologia de mercado é bem conhecida e compreende bibliotecas em geral (públicas, escolares, especializadas e universitárias), centros de cultura, arquivos e museus;
>
> **Mercado informacional existente e pouco ocupado**: em que predominam instituições cuja atividade principal é voltada para organização e recuperação da informação. O que se pode observar desta fatia do mercado é que poucas organizações que buscam este tipo de serviço contratam bibliotecários, em função do desconhecimento da profissão. Neste ramo mercadológico estão as editoras, livrarias, jornais e empresas privadas.
>
> **Mercado informacional de tendências**: considerado um mercado de fronteiras em que profissionais de diferentes nichos podem competir. Destaca-se neste grupo a vantagem dos que trabalham com tecnologia da informação, pois o foco do mercado está direcionado para estes profissionais inseridos nesta nova tendência tecnológica. Portanto a abrangência desse mercado se limita a esta área, com atuação em: base de dados, intranet, internet e serviços de consultoria ou assessoria. (VALENTIM, 2000, p.122)

Com relação as áreas de atuação, Mota e Oliveira apontam possibilidades que permitem ao bibliotecário atuar em diferentes áreas do conhecimento, tais como a jurídica e a da saúde, a saber:

> **Indústria e negócios:** no atendimento a empresários executivos que necessitam de informações precisas, que os mantenham em nível de competição com outras empresas;
>
> **Pesquisa jurídica:** no gerenciamento de bibliotecas ou unidades de informação (públicas e/ou particulares) no campo jurídico, fornecendo informações sobre leis, estatutos, andamento de processos, entre outros;

> **Saúde:** no processamento de informações (utilização de descritores, metadados, definição de linguagens de indexação e terminologias), desenvolvimento e gerenciamento de sistemas de informação, como registros eletrônicos em saúde, prontuários eletrônicos dos pacientes, no gerenciamento de bases de dados estatísticas e bibliográficas, por exemplo, sobre epidemias, cuidados com a saúde, no fornecimento de informações que possam auxiliar médicos e enfermeiros nos processos de tomada de decisão, subsidiar políticas públicas na área da saúde e promover programas de prevenção de doenças;
>
> **Bancos e finanças:** na recuperação e análise de informações estratégicas e competitivas determinantes para transações comerciais e financeiras de sucesso;
>
> **Poder público:** em diversas instâncias que vão desde a atuação em universidades e centros de pesquisa até a gestão de banco de dados;
>
> **Ciência e tecnologia:** no fornecimento de informações para o embasamento e a consolidação de pesquisas de profissionais de todas as áreas do conhecimento (MOTA; OLIVEIRA, 2005, p.105-106)

Todas essas áreas apresentam possibilidades reais de atuação diretamente associadas à capacidade de gestão de informações, à comunicação e à interdisciplinaridade com outros campos, tendo na tecnologia uma forte aliada. Contudo, para que a atuação do bibliotecário se efetive na prática, é preciso que eles desenvolvam habilidades e competências exigidas pelo mercado de trabalho.

3.2.2 **Competências e habilidades do Bibliotecário**

Como agente na divulgação e na disseminação de informações, o bibliotecário tem como ponto forte de sua atuação as interações pessoais, o que exige que esteja capacitado para executar com habilidade e competência as atividades e processos sob sua responsabilidade. De acordo com Castro Filho, Faria e Santos (2013), as competências e habilidades exigidas no exercício da atuação profissional do bibliotecário têm se modificado gradativamente e em conjunto com as transformações ocorridas na área.

Segundo Miranda (2006, p.108), a competência pode ser entendida como "um conjunto de recursos e capacidades colocados em ação nas situações práticas do trabalho: saber (conhecimentos), saber-fazer (habilidades) e saber-ser/agir (atitudes)". Para Fialho *et al* (2010, p.95), a competência é uma "combinação de conhecimentos, habilidades e características pessoais que resultam em atitudes e ações que podem ser observados e analisados".

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)[13] (2002) indica uma grande variedade de competências pessoais que o bibliotecário deve ter e/ou desenvolver: a) manter-se atualizado; b) liderar equipes; c) trabalhar em equipe e em rede; d) demonstrar capacidade de análise e síntese; e) demonstrar conhecimento de outros idiomas; f) demonstrar capacidade de comunicação; g) demonstrar capacidade de negociação; h) agir com ética; i) demonstrar senso de organização; j) demonstrar capacidade empreendedora; k) demonstrar raciocínio lógico; l) demonstrar capacidade de concentração; m) demonstrar pró-atividade; e n) demonstrar criatividade. Acrescenta-se que tais competências permanecem atuais com relação ao que se é exigido dos bibliotecários no mercado de trabalho nos dias de hoje.

As competências profissionais que, segundo Valentim (2002), podem ser entendidas como um conjunto de habilidades, destrezas e conhecimentos que um profissional precisa contar para cumprir suas atividades especializadas, foram organizadas por Fialho *et al* (2010, p.101) nas seguintes categorias:

> **competências técnicas:** caracterizadas como 'competências específicas', em que o profissional da informação exerce atividades de catalogação e classificação, que são atividades específicas que determinam uma alto grau de conhecimento, de ferramentas aplicativas da Biblioteconomia;
>
> **competências intelectuais:** que estão relacionadas com aplicação de 'aptidões mentais', como o gerenciamento de unidades de informação, em que o processo de tomada de decisões está presente;
>
> **competências cognitivas:** tratam da 'capacidade intelectual' do indivíduo como domínio de conhecimento. Exemplo: a elaboração de um produto e ou serviço de informação, a partir do exercício de uma atividade de aplicação de conceitos e teorias de determinado serviço, ou na elaboração e planejamento de uma unidade de informação, que requer especificidades e terminologias específicas da Biblioteconomia;
>
> **competências relacionais:** que envolvem habilidades de relações e interações entre seus pares, e entre os diversos setores e/ou áreas. O bibliotecário se destaca nessa competência, pois os conhecimentos que possui são direcionados a determinado fim, o usuário. Assim, a relação e interação entre os recursos de informação e o usuário se tornam primordiais no fluxo da unidade de informação;
>
> **competências sociais e políticas:** envolvem diretamente a sociedade. Pode-se observar tal competência na relação do profissional da informação com grupos específicos de usuários de uma determinada área do conhecimento;
>
> **competências didático-pedagógicas:** relacionadas ao ensino. Nesse aspecto, o bibliotecário deve organizar para os usuários treinamentos de busca e recuperação da informação, de forma a utilizar metodologias e

[13]Disponível em: www.mtecbo.gov.br

> ferramentas adequadas, na obtenção de resultados satisfatórios para aprendizagem;
>
> **competências de liderança:** que tratam de uma habilidade pessoal, uma vez que o profissional as utiliza quando exerce um cargo de maior representatividade que o torna capaz de administrar a unidade de informação e comandar trabalhos em equipe;
>
> **competências empresariais e organizacionais:** que traçam o relacionamento do profissional da informação com o gestor da informação, de recursos humanos, de estratégia, de qualidade entre outras.

O entendimento do conceito de competências profissionais exigidas na atuação do bibliotecário engloba todas estas competências inter-relacionadas uma vez que elas são dependentes e, se aplicadas isoladamente, comprometem a excelência do trabalho do profissional da informação. "Ter competências técnicas e não relacionais, por exemplo, implica em não atender satisfatoriamente as necessidades dos usuários" (CASTRO FILHO; FARIA; SANTOS, 2013, p.23).

Segundo Valentim (2002), o mundo atual precisa de profissionais com conhecimentos e competências específicos, porém, que estejam integrados em concepções gerais sem restrições ao espaço determinado do campo de atuação que escolheu para trabalhar. Pereira (2005, p.54) salienta que ao bibliotecário "não caberá mais apenas a função de executor de tarefas, mas a de um indivíduo conhecedor de seu potencial e capaz de atuar em equipes multidisciplinares dentro de sua instituição".

Mota e Oliveira afirmam que as novas tecnologias de informação e comunicação têm exigido do bibliotecário mudanças nas atitudes, nos conhecimentos e nas concepções da profissão bibliotecária como um todo:

> As novas tecnologias de informação alteraram a rotina de vários segmentos e instituições sociais e, nessa esteira, também provocaram impacto na forma de organização, disseminação e uso das bibliotecas e outras unidades de informação. Tais alterações repercutiram incisivamente na formação e no perfil de bibliotecários e demais especialistas de informação. Tais profissionais passaram a se deparar com um novo contexto que lhes exigia, e exige, não só um corpo de conhecimentos especializados, mas também conhecimentos e habilidades no uso de tecnologias para organizar, processar, recuperar e disseminar informações, independentemente do suporte no qual elas estejam registradas (MOTA; OLIVEIRA, 2005, p.99).

Nesse sentido, o profissional da informação precisa adaptar-se aos novos serviços conhecendo melhor os recursos informacionais eletrônicos para utilizá-los como principal ferramenta para disseminação da informação, afim de atingir o objetivo de sua habilidade profissional em atender as necessidades de informação dos usuários.

Diante desta realidade, o bibliotecário deixa de ser um profissional de apoio e intermediação e "passa a ocupar uma posição onde a análise da informação é fundamental" (PEREIRA, 2005, p.53). Porém, ao mesmo tempo que exerce novas funções, os bibliotecários continuam a executar tarefas consideradas tradicionais como a catalogação, classificação e indexação.

Com relação a sua função técnica de formador e organizador de acervos, o bibliotecário a extrapola quando interage com seus usuários, assumindo também uma função educativa. Tal função é destacada por Campello e Abreu que afirmam que o bibliotecário deve ser capaz de:

> [...] construir um novo paradigma e de contribuir para a educação de pessoas competentes em informação, onde o próprio bibliotecário deve ser competente em informação e dominar as habilidades necessárias para realizar o processo de pesquisa adequadamente. (CAMPELLO; ABREU, 2005, p.179)

Nesse contexto, Santos e Belluzzo (2013) chamam a atenção para a responsabilidade dos cursos de Biblioteconomia contribuírem efetivamente para o desenvolvimento da competência em informação como fator representativo para a sociedade em geral e, especialmente, para o ensino/pesquisa em particular, devendo inserir conceitos e princípios teórico-práticos em seus projetos pedagógicos. Tamanha é a importância dessa discussão que:

> [...] este assunto foi abordado na Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação desenvolvida em 2011 no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBD), realizado em ação conjunta entre a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições[14] (FEBAB), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia[15] (IBICT) e Universidade de Brasília (UNB). Esta declaração, assim como outras criadas em diferentes países e eventos internacionais, consiste em transmitir à sociedade a importância da inserção e desenvolvimento da competência em informação em bibliotecas e outras instituições relacionadas com a informação e a integração da mesma aos projetos político-pedagógicos de escolas em Biblioteconomia e Ciência da Informação (SANTOS; BELLUZZO, 2013, p.15).

Segundo Beraquet e Ciol (2010, p.132), um dos maiores desafios para o bibliotecário, é "educar a si próprio e aos outros para aprender a aprender constantemente, o que exige o

[14] Disponível em: www.febab.org.br

[15] Disponível em: www.ibict.br

desenvolvimento da competência em informação". Para Valentim, novos paradigmas devem ser assumidos pelos bibliotecários, aos quais a autora enumera:

> a) ter a informação como objeto de trabalho e pesquisa;
> b) aceitar e entender a interdisciplinaridade teórico-metodológica da área;
> c) considerar as tecnologias de informação e telecomunicação, estrutura básica de trabalho;
> d) elaborar novas metodologias de tratamento da informação buscando futuros cenários;
> e) saber trabalhar em equipes multidisciplinares, uma vez que trabalhar com informação é uma atividade complexa;
> f) implementar novas formas de mediação da informação;
> g) reestruturar os canais de distribuição, disseminação e transferência de informação visando otimizar o uso da telecomunicação e das tecnologias da informação;
> h) participar ativamente do planejamento de políticas de informação para o país;
> i) ter a consciência do papel estratégico da informação para o desenvolvimento socioeconômico das empresas e do país.;
> j) compreender o universo informacional existente e sua relação com a globalização econômica;
> k) ser e agir como agente de transformação social;
> l) conhecer realmente as necessidades informacionais dos indivíduos ou grupos que fazem parte da comunidade usuária e de uma determinada unidade de informação;
> m) ser um profissional aberto e crítico, com grande capacidade de adaptar-se as mudanças. (VALENTIM, 2002, p.127-128)

Nesse contexto, Valentim (2002) lembra que é papel dos cursos de graduação em Biblioteconomia, fornecer competências e habilidades durante a formação profissional, porém, manter essas competências e habilidades profissionais após o término da faculdade é papel do próprio bibliotecário, que deve assumir uma postura investigadora e crítica gerando uma disposição de busca incessante, que o tornará competente para atuar em prol da sociedade contemporânea.

Especificamente na área da saúde, o bibliotecário além de buscar a educação continuada, precisa da capacitação direcionada ou específica que segundo Beraquet *et al* (2000) constitui-se em uma importante alternativa para minimizar as complexidades da provisão da informação na área da saúde, atualmente. A atuação do bibliotecário, na referida área, pode se dar em diferentes ambientes, o que caracteriza distintos perfis, que são descritos na literatura científica como: bibliotecário médico, bibliotecário clínico e informacionista clínico. Para melhor compreendê-los foi elaborado o item a seguir.

3.3 PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

O bibliotecário que atua na área das Ciências da Saúde precisa, como qualquer outro que vai atuar em uma área específica, adaptar-se ao ambiente de trabalho onde vai exercer suas atividades. Ao trabalhar em uma unidade especializada, o bibliotecário deve buscar entender, além da estrutura organizacional da instituição, a organização da informação desta área e de seus usuários.

A área da Saúde, assim como outras áreas do conhecimento, é marcada pela sobrecarga informacional e, consequentemente, pelo volume de informação que se estabelece como um desafio aos profissionais da informação que devem estar habilitados para o manuseio das ferramentas disponibilizadas pelos recursos informacionais, bem como para elaborar estratégias de busca em variadas bases de dados, com o objetivo de recuperar a informação solicitada pelos usuários (CIOL; BERAQUET, 2010).

Para Dias (2002), a realização de buscas bem elaboradas está diretamente relacionada ao conhecimento dos usuários e, especialmente, no caso da informação especializada, das complexas fontes de informação e seu acesso. A busca pressupõe conhecimento das estruturas, linguagens e outros elementos essenciais da organização da informação, conforme Giordano e Biolchini:

> A disponibilidade ilimitada de informações oferecidas pela web, associada à capacidade cada vez mais alta de recuperação dos mecanismos de busca, possibilita até mesmo imaginar que este seria o cenário perfeito para atender às mais variadas necessidades de informação dos indivíduos. Porém, [...] ao realizar uma busca sem conhecer ou sem utilizar de maneira apropriada os mecanismos de filtragem disponíveis, o indivíduo depara-se com um número tão volumoso de fontes, que se torna impossível analisar os resultados de forma tão rápida e fácil como se imaginava e se propunha poder. (GIORDANO; BIOLCHINI, 2012, p. 128-129)

O excesso de informação, segundo Liston e Santos (2008), cria barreira que coloca, muitas vezes, os profissionais da área da saúde, bem como discentes e docentes, em situações desconcertantes quanto ao manuseio das novas ferramentas informacionais disponíveis e à falta de habilidade em lidar com tais ferramentas. Essas barreiras mostram a necessidade dos bibliotecários atuarem para integração do aprendizado e saberes referentes à competência em informação destes usuários, como: a) definir suas necessidades informacionais; b) buscar e acessar a informação necessária; c) perceber se ela é relevante ou não; d) estruturá-la; e) transformá-la em conhecimento; e f) aplicá-la (LISTON; SANTOS, 2008). Para isso, o bibliotecário precisa também ser competente em informação, o que pressupõe treinamento e capacitação, além da experiência vivenciada a partir da prática profissional.

Alvarez *et al* (2013), em pesquisa recente, realizada com pesquisadores brasileiros de HIV/AIDS sobre suas percepções com relação as habilidades de pesquisa, uso da informação científica e interação com a biblioteca e com os bibliotecários, indicam que todos os pesquisadores disseram ter tido contato com a biblioteca e assistência de bibliotecários durante pesquisas bibliográficas e na localização de publicações científicas. Porém, com a facilidade de acesso à internet, estes profissionais relataram que raramente fazem uso da biblioteca e do auxílio dos bibliotecários no dia a dia. Por outro lado, todos enfatizaram a importância da implementação de bibliotecários como educadores no campo da competência em informação, acreditando que estes profissionais devem aumentar a assistência aos grupos de pesquisa.

Nessa perspectiva, surge a necessidade de bibliotecários atuantes e cientes tanto do seu potencial de agregar a habilidade de pesquisa à rede de profissionais da saúde, aos alunos e professores, como também da sua responsabilidade social. A *Medical Library Association* (MLA, 1992) publicou documento intitulado: *Plataform for Change. The educational policy statement of the Medical Library Association*, visando fornecer uma agenda de ações detalhadas das competências e habilidades exigidas aos bibliotecários da área da saúde, que inclui:

- Conhecimento em Ciências da Saúde, bem como das políticas da saúde vigentes, problemas e tendências que impactam o ambiente da biblioteca da área da saúde;
- Compreender a liderança, finanças, comunicação e técnicas de gestão;
- Compreender os princípios e práticas relacionadas com o fornecimento de serviços de informação que satisfaçam as necessidades dos usuários;
- Ter capacidade para gerenciar a informação sobre saúde;
- Compreender e utilizar tecnologias e sistemas para gerenciar todas as formas de informações;
- Entender o quadro curricular dos seus usuários e ter a capacidade de ensinar as formas de acesso, organização e utilização de informações;
- Compreender os métodos de investigação científica, ter a capacidade de analisar e filtrar literatura pesquisada em bases de dados.

Em estudo realizado por Beraquet e Ciol (2007, p. 4) com profissionais da informação que atuam na área de saúde da cidade de Campinas, as autoras identificaram que, além de saber trabalhar em equipes multidisciplinares, o bibliotecário da saúde deve ter

conhecimentos em informática e redes, bases de dados e demais fontes de informação em saúde. Também deve ter noções de saúde pública e sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), e capacidade de estabelecer boa relação interpessoal com diferentes profissionais. Além disso, deve ter boa comunicação verbal e escrita, bom senso e ética, flexibilidade e domínio do inglês, bem como dominar as terminologias da área de saúde.

Azevedo, em sua dissertação sobre competência em informação dos bibliotecários médicos, identificou as principais características destes profissionais:

> a) **aptidão com a área médica**: esta característica gera maior motivação para pesquisa em informação em saúde;
> b) **pró-atividade**: lidar com diferentes situações que podem ser apresentadas na comunidade médica;
> c) **saber criar estratégias de busca**: a busca deve se ater à questão primordial, estabelecida na formulação do problema, além de superar o perfil dos bibliotecários convencionais, acostumados a responderem às questões já formuladas;
> d) **excelência na comunicação oral e escrita**;
> e) **aptidão para o ensino**: deve saber transmitir seus conhecimentos aos profissionais da saúde, que muitas vezes, desconhecem os recursos informacionais de sua área de conhecimento;
> f) **conhecer o cenário médico em que está envolvido**: o bibliotecário-médico deve reconhecer as terminologias médicas, assim como as fontes de informação em saúde que visa qualificar o atendimento. (AZEVEDO, 2009, p.74)

Com o objetivo de identificar possíveis meios de inserção do bibliotecário na área da saúde e o trabalho em equipes multidisciplinares, Beraquet *et al.* (2006) realizou uma pesquisa com docentes da área de Ciência da Informação da cidade de Campinas (SP). Os resultados desse estudo podem auxiliar no aprimoramento dos currículos dos cursos de graduação e pós em Biblioteconomia, uma vez que foi possível identificar "as competências necessárias aos bibliotecários para agir em saúde e com isso delinear um perfil que corresponda às expectativas destes profissionais, de seus empregadores e da sociedade como um todo" (BERAQUET *et al.*, 2006, p.7), a saber:

> **Quanto aos conhecimentos necessários ao bibliotecário para atuar em saúde, os docentes da Ciência da informação apontaram**: a) terminologia em saúde; b) noções básicas sobre a saúde e especialidades; c) diversas finalidades de uso da informação em saúde; d) políticas públicas de saúde; e) fluência em um segundo idioma; f) sistema de informação em saúde;
>
> **Em relação ao melhor momento de formação do bibliotecário para atuar em saúde, foram apontados**: a) graduação, no último ano; b) especialização em nível de pós-graduação; c) iniciação científica; d) graduação, no terceiro ano; e) mestrado;
>
> **As disciplinas consideradas fundamentais pelos docentes da Ciência da informação se referem:** a) terminologia em saúde; metodologia de

> pesquisa; organização e disseminação da informação em saúde; d) especialidades básicas em saúde; e) introdução e história da saúde; f) gestão da informação e do conhecimento em saúde; g) políticas públicas da saúde; h) administração hospitalar; i) epistemologia, englobando todas as ciências;
>
> **Para o desenvolvimento de currículo, devem ser observados os seguintes passos:** a) conhecer o público alvo; b) discussão em grupos de pesquisa; c) analisar programas de cursos de saúde; d) especificação do perfil do profissional que se pretende formar; e) identificar e descrever objetivos de programa; f) realizar intercâmbio com profissionais; g) promover experiências práticas; h) divulgar o novo curso.
>
> **Em relação ao exercício da docência no programa, os docentes da Ciência da informação apontaram:** a) ambos os profissionais; b) atuação multidisciplinar (BERAQUET et al., 2006, p. 8-9).

A discussão sobre um perfil do profissional bibliotecário para atuar na área da saúde surgiu na literatura internacional com o intuito de apresentar algumas mudanças conceituais sobre a atuação deste profissional. Esses perfis são conhecidos pela presença de três grupos: bibliotecário médico, bibliotecário clínico e informacionista clínico. Segundo Galvão e Leite (2008), o bibliotecário médico representa o profissional que trabalha em bibliotecas médicas e especializadas; o bibliotecário clínico representa o profissional que trabalha em bibliotecas e também atua em equipes de saúde; e o informacionista representa o profissional que tem conhecimento tanto da organização, quanto da recuperação da informação da área da saúde, participando de forma ativa nas equipes médicas, além de auxiliar na tomada de decisão em saúde.

As atividades bibliotecárias tradicionais que incluem o serviço de referência, a busca em bases de dados, a familiaridade com a tecnologia de informação e a capacitação de usuários, são também atribuições dos três perfis. Segundo Ciol e Beraquet (2009, p. 226), "a diferença entre o bibliotecário da área médica (atuando basicamente em bibliotecas) e o bibliotecário clínico reside na presença deste último nas equipes de saúde, com atividades que serão definidas segundo as circunstâncias do local onde atua".

Já a diferença entre o bibliotecário clínico e o informacionista está na atividade que este último desenvolve, como as análises de informação próprias dos especialistas. Para atuar como informacionista, é exigido deste profissional a formação híbrida da convergência entre Biblioteconomia e Ciência da Informação com as Ciências da Saúde (GALVÃO; LEITE, 2008).

Este bibliotecário, que atua fora do ambiente das bibliotecas, diferencia-se, segundo Beraquet *et al*., por necessitar de capacitação específica para agir em saúde:

> Não se pede que ele tenha necessariamente 'formação básica médica', mas é essencial que seja a pessoa certa para fornecer respostas adequadas a questões que surgem durante o atendimento médico, por meio de provisão de literatura relevante e de qualidade, além de imediata. A mudança que se vislumbra é sair dos serviços de bibliotecas e passar para o serviço de apoio ao processo decisório, permanecendo, porém, a essência do trabalho bibliotecário (BERAQUET *et al*, 2006, p. 5).

No contexto brasileiro, é inexistente a presença do informacionista e escassa a presença do bibliotecário clínico atuando em hospitais, universidades, centros de pesquisa entre outras instituições de fomento à pesquisa e desenvolvimento em saúde, fora do contexto da biblioteca (FAUSTINO; GALVÃO, 2011) Contudo, acredita-se, ser de grande importância, que os profissionais da informação, possam reconhecer a atuação nas equipes de saúde e, consequentemente, na pesquisa clínica, como um campo fértil e promissor de atuação, buscando atualização continua na referida área (FAUSTINO; GALVÃO, 2011) .

Segundo Beraquet *et al.* (2007), os hospitais universitários se constituem um ambiente favorável a atuação do bibliotecário clínico e/ou informacionista, pois esta instituição "além de promover o ensino e a pesquisa acadêmica, visa à recuperação, manutenção e incremento da saúde das pessoas" (BERAQUET *et al.*, 2007, p. 6). Para a autora, estudos visando conhecer as competências exigidas ao bibliotecário clínico favoreceriam a participação deste profissional em equipes clínicas e/ou multidisciplinares nos HUs brasileiros:

> O esforço de melhorar a interação entre os profissionais de informação e os da saúde em hospitais universitários compreende uma definição mais clara da Biblioteconomia Clínica, da forma como esta pode ser inserida no contexto de um hospital universitário brasileiro e, principalmente de ações institucionais visando a capacitação desse profissional. Favorecem a realização dessas metas, os estudos para a identificação das características e habilidades essenciais para a atuação profissional do bibliotecário clínico (BERAQUET *et al*, 2007, p.6-7).

Os bibliotecários da área da saúde são, sem dúvida, "profissionais privilegiados", uma vez que estão inseridos num ambiente que demanda deles uma gama de competências (MARTINEZ-SILVEIRA, 2005, p. 42). Trabalham em bibliotecas universitárias da área, em hospitais públicos, hospitais de ensino, consultorias em projetos, revisão e orientação de trabalhos científicos, etc., com distintas e específicas atividades em cada setor. Tal fato demonstra, segundo Beraquet e Ciol (2010, p.131), "que os campos de atuação tradicionais não são mais as únicas opções para o profissional da informação, que, hoje, pode atuar em áreas antes não imaginadas e sequer consideradas".

Apesar da diversidade de campos de atuação, os hospitais, principalmente os de ensino, se constituem em um campo de grande inserção no mercado de trabalho, mas que

ainda é pouco investigado. O Quadro 4 lista algumas características, inclusive o campo de atuação dos três perfis: bibliotecário médico, bibliotecário clínico e informacionista clínico, que permitem melhor compreender e visualizar as semelhanças e diferenças entre eles.

Quadro 4 – Atuação, atividades, habilidades e competências dos diferentes perfis de bibliotecários da área da saúde.

Atuação	**Bibliotec. Médico**	**Bibliotec. Clínico**	**Informac. Clínico**
Bibliotecas em Ciências da Saúde; Bibliotecas Universitárias em Ciências da Saúde e hospitalares	x	x	
Equipes clínicas/médicas e multidisciplinares		x	x
Atividades desenvolvidas	**Bibliotec. Médico**	**Bibliotec. Clínico**	**Informac. Clínico**
Acesso, recuperação, administração e disseminação da informação em saúde	x	x	x
Realização de pesquisa e levantamentos bibliográficos para os usuários	x	x	x
Mediação na busca da informação em parceria com o usuário visando o uso da informação	x	x	x
Capacitação de usuários no uso de bases de dados	x	x	
Identificação das necessidades de informação dos profissionais de saúde	x	x	x
Avaliação das fontes impressas e eletrônicas para pesquisa da informação em saúde	x	x	
Auxílio a equipe na tomada de decisão fornecendo informações baseadas em evidências		x	x
Acompanhamento a profissionais de saúde, clínicos e residentes em suas rondas médicas		x	x
Localização e sistematização de recursos informacionais para viabilizar que os clínicos encontrem respostas mais adequadas no cuidado com o paciente		x	x
Atividades desenvolvidas	**Bibliotec. Médico**	**Bibliotec. Clínico**	**Informac. Clínico**
Suporte à prática clínica		x	x
Comunicação responsável dos resultados publicados da investigação científica à comunidade médica			x
Atuação como ponte entre a experiência e conhecimento tácito do profissional da saúde com a informação baseada em evidências disponível na literatura			x
Realização de análises de informação próprias dos especialistas			x
Habilidades e competências	**Bibliotec. Médico**	**Bibliotec. Clínico**	**Informac. Clínico**
Conhecer os termos e descritores médicos	x	x	x
Conhecer sobre indexação e análise de assuntos	x	x	X
Saber manusear as ferramentas de busca em bases de dados	x	x	X
Conhecer os métodos de pesquisa	x	x	X
Ter habilidade na prática da recuperação e disseminação da informação	x	x	X

Habilidades e competências	Bibliotec. Médico	Bibliotec. Clínico	Informac. Clínico
Ter habilidade para capacitar o usuário no uso de bases de dados	x	x	X
Conhecer a língua inglesa	x	x	X
Estimular a construção e manutenção de boa relação profissional com médicos e profissionais de saúde		x	X
Ter espírito de equipe para trabalhar junto às equipes de saúde		x	X
Ter vontade de aprender e interesse por questões clínicas e científicas		x	X
Conhecer de pesquisa e noções de epidemiologia		x	X
Conhecer a prática baseada em evidências		x	X
Conhecer sobre anatomia e fisiologia			X
Ter habilidade na prática da recuperação, síntese e apresentação da informação			X

Fonte: Elaborado pela autora

A partir do Quadro 4 é possível notar que o bibliotecário médico é aquele que atua em bibliotecas de medicina, hospitalares ou da área da saúde, mas não integra equipes clínicas, apenas colabora com os profissionais da referida área, cooperando na assistência ao paciente, além de realizar pesquisas acadêmicas para os estudantes, professores e pesquisadores. Das 13 atividades listadas no Quadro 4, o bibliotecário médico se envolve com 6, sendo essas atividades serviços tradicionais da biblioteca. Em relação às habilidades, espera-se que este profissional tenha 7 das 14 listadas no Quadro 4, sendo todas estas habilidades comuns aos outros dois perfis.

O bibliotecário clínico pode atuar dentro do ambiente da biblioteca ou fora dela integrando equipes clínicas e/ou multidisciplinares, conforme apresentado no Quadro 4. Sua participação ocorre durante as reuniões das equipes, rondas médicas, reuniões de orientação e educacionais ou onde houver necessidade de informação. De acordo com as 13 atividades listadas no Quadro 4, este bibliotecário se envolve com 10 atividades, sendo 6 delas relacionadas aos serviços desenvolvidos no ambiente da biblioteca, e 4 atividades voltadas a atuação em equipes de saúde. De acordo com o Quadro 4, espera-se que este profissional tenha 12 das 14 habilidades e competências listadas, sendo as 7 primeiras habilidades comuns ao perfil do bibliotecário médico e as outras 5 comuns ao perfil do informacionista clínico.

O informacionista clínico, de acordo com o Quadro 4, atua em equipes clínicas e/ou multidisciplinares. Assemelha-se ao bibliotecário clínico, no entanto, o informacionista diferencia-se por realizar análises de informação próprias dos especialistas, determinando a validade dos conhecimentos que dão suporte à prática clínica. Este profissional tem qualificações adicionais devido sua formação em Biblioteconomia/Ciência da Informação e

em Ciências da Saúde. Com relação às 13 atividades listadas no Quadro 4, este profissional se envolve com todas elas, sendo as 6 primeiras relacionadas aos serviços tradicionais desenvolvidos na biblioteca e as 7 restantes relacionadas ao serviço desenvolvido nas equipes de saúde. De acordo com as habilidades e competências apresentadas no referido quadro, espera-se que este profissional tenha todas as 14 listadas sendo as 7 primeiras habilidades e competências comuns ao perfil do bibliotecário médico e as outras 5 comuns ao perfil do bibliotecário clínico. As últimas 2 habilidades listadas são específicas do perfil de informacionista.

Com base nesses três perfis descritos pela literatura científica, foram elaboradas as seções a seguir com o intuito de apresentá-los separadamente, tratando do surgimento de cada perfil, bem como do cenário de atuação destes profissionais no Brasil e no mundo.

3.3.1 **Bibliotecário Médico**

A biblioteconomia médica surgiu nos Estados Unidos, em 1917, para atender a demanda por profissionais especializados nas 174 bibliotecas médicas que existiam na época. Porém, o reconhecimento oficial do cargo de bibliotecário médico nos EUA ocorreu 22 anos depois, em 1939 (SCHACHER, 2001). Em 1943, com o aumento das bibliotecas médicas no país, a *Medical Library Association* (MLA) desenvolveu um programa de treinamento para bibliotecários médicos que foi oferecido no ano de 1947, em Nova Iorque, na *Columbia University School of Library Service* (SILVA, 2005). O segundo curso foi criado em Atlanta, em 1951, da *Emory University*, que incluía aulas no curso de Medicina (GUIMARÃES; CADENGUE, 2011).

Uma forte contribuição para a Biblioteconomia Médica veio de Estelle Brodman, norte-americana, formada em Biblioteconomia, em 1936, pela *Columbia University School of Library Service,* com mestrado na área concluído em 1943 e, o doutorado em História da Medicina, em 1953. Desenvolveu em sua tese uma bibliografia médica, publicada pela MLA, em 1954, constituindo-se um padrão para a referência médica (MCSHEA, 2006). Essa bibliografia continua a ser uma ferramenta útil nos dias de hoje, segundo McShea (2006).

Em 1948, a *National Library of Medicine* (NLM), na tentativa de criar um sistema automatizado de busca de informação, permitindo um controle da literatura e facilitando pesquisas, cria o banco de dados e sistema de computador MEDLARS (*Medical Literature Analysis and Retrieval System*), e em 1969, cria o MeSH (*Medical Subject Headings*), que passa a ser adotado oficialmente como lista de descritores em Ciências da Saúde

(SCHACHER, 2001). Na década de 1960, os currículos de escolas de biblioteconomia norte-americanas tiveram um avanço considerável, abarcando além das rotinas técnicas, aulas temáticas relacionadas à elaboração de resumos documentários, acervos bibliográficos e à disseminação de artigos e documentos (SCHACHER, 2001), que são atribuições do bibliotecário médico.

Segundo Azevedo (2009), o bibliotecário médico não possui reconhecimento formal no Brasil e não há na literatura data ou período que indique em que momento este perfil profissional surgiu no país. Sabe-se, de acordo com Crestana (2003), que as primeiras bibliotecas de medicina de caráter acadêmico existem desde 1808 junto às primeiras Escolas de Medicina, como a "Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, em Salvador (Bahia), fundada em 1808 e a Escola de Anatomia , Medicina e Cirurgia do Hospital Militar do Morro do Castelo criada pelo Príncipe Regente Dom João através da Carta Régia de 5 de novembro de 1808" (CRESTANA, 2003, p.136).

Com relação à atuação dos bibliotecários médicos brasileiros, Crestana (2002); Ciol e Beraquet (2003) ressaltam que no país, grande parte dos bibliotecários médicos atuam em bibliotecas acadêmicas especializadas em saúde e seus usuários são, geralmente, além da comunidade externa, estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de saúde.

3.3.2 **Bibliotecário Clínico**

A profissão de bibliotecário clínico é reconhecida nos Estados Unidos e na Europa há mais de quarenta anos (BERAQUET; CIOL, 2009). O conceito de bibliotecário clínico surgiu nos Estados Unidos, em 1971, através de um projeto chamado *Clinical Medical Librarian* (CML) desenvolvido pela bibliotecária Gertrude Lamb, na Universidade de Missouri, em Kansas. O cargo de bibliotecário clínico surgiu em resposta às questões clínicas que não eram devidamente atendidas. Após financiamento da *National Library of Medicine* (NLM) foi possível apoiar diversas iniciativas de bibliotecários clínicos nos Estados Unidos. Na Inglaterra, a função de bibliotecário clínico foi introduzida por Jean Farmer após uma visita aos Estados Unidos, em 1976. Farmer foi a pioneira no cargo de bibliotecária clínica na *Library Wills,* biblioteca do *Guys Hospital* de Londres, em 1977. Seu objetivo era estabelecer as necessidades de informação da equipe clínica. (HARRISON; BERAQUET, 2009).

Na década de 1980, Cimpl (1985) identificou vinte e três projetos de biblioteconomia clínica em andamento nos Estados Unidos, onde os bibliotecários além de exercerem suas funções habituais, no ambiente da biblioteca, também exerciam a função de bibliotecários

clínicos nas equipes multidisciplinares dos hospitais. Na época, Cimpl (1985) verificou que os bibliotecários gastavam em média três horas por semana em rondas e quatro horas por semana recuperando informações relevantes na literatura.

Em revisão sistemática, realizada por Winning e Beverley (2003), foram selecionados dezoito estudos publicados entre 1992 e 2002. A partir destes estudos, os autores verificaram que a razão mais citada para o uso dos serviços do bibliotecário clínico pelos médicos e profissionais de saúde, tem relação com questões sobre o atendimento ao paciente; outras razões citadas foram: para apresentações de casos clínicos, educação continuada, publicação de artigos e pesquisa para fornecer informações gerais sobre um assunto.

Nesta revisão Winning e Beverley (2003) encontraram três estudos que tinham informações sobre o impacto que a informação fornecida pelo bibliotecário clínico teve na escolha do tratamento ou terapia com mais da metade dos entrevistados destacando positivamente este resultado. Além disso, as informações fornecidas auxiliaram outras questões, a saber: escolha de medicamentos, a duração da estadia, cuidados pós-hospitalar, aconselhamento de pacientes, prevenção da mortalidade; situações sobre cirurgia e/ou infecção. As informações também tiveram impacto sobre o conhecimento dos receptores, em que forneceu novas informações, deu um novo *insight*, e/ou atualizou conhecimento anterior destes profissionais.

Muito embora os estudos apontem para um atuação relevante do bibliotecário clínico com a equipe médica, McShea (2006) relata que nem sempre os médicos e profissionais da saúde são receptivos ao bibliotecário clínico na equipe. Existe uma certa relutância em confiar outras pessoas para fornecer informações relacionadas à assistência ao paciente. Temem também que a posição e autoridade estão sendo desafiados, além da falta de pesquisas que comprovem a efetividade da participação dos bibliotecários clínicos nos resultados ao tratamento dos pacientes.

No contexto brasileiro a experiência com bibliotecários clínicos mais relatada e reconhecida, segundo Ciol e Beraquet (2009), ocorreu em um Programa de Biblioteconomia Clínica implantado, em 1983, pela Fundação Pioneiras Sociais no Hospital das Doenças do Aparelho Locomotor de Brasília. De acordo com as autoras, esse programa não teve continuidade (CIOL; BERAQUET, 2009), porém, não informaram por qual motivo.

Ciol e Beraquet (2009) destacam que as orientações do Sistema Único de Saúde (SUS) têm alterado a prática dos profissionais da saúde e dos gestores, e também dos bibliotecários, inseridos nesse sistema, pois este sistema de saúde aponta para a integração de equipes multiprofissionais e a organização do fluxo de trabalho (e de informação) entre elas. As

autoras afirmam que a biblioteconomia clínica pode constituir uma referência para a atuação interdisciplinar dos profissionais dessas duas áreas, aqui no Brasil. Porém é essencial encontrar os fundamentos para essa prática no contexto brasileiro de saúde. Isso implica buscar nos modelos estrangeiros, as dificuldades e as resistências para sua implementação, bem como os resultados alcançados (CIOL; BERAQUET, 2009).

3.3.3 **Informacionista Clínico**

O termo informacionista foi cunhado pelos autores Davidoff e Florance, a partir de um editorial intitulado: "*The informationist: a new health profession?*", publicado no periódico da área da saúde *Annals of Internal Medicine*, em 2000. Neste editorial, Davidoff e Florance (2000) retomam a proposta de Gertrude Lamb, propondo um profissional com as mesmas habilidades do bibliotecário clínico, porém, com um nível maior de especificidade. Segundo Galvão e Leite (2008), a partir dessa publicação esses autores tornaram-se referência e abriram discussões sobre quem é o informacionista e quais suas aproximações e distanciamentos com o bibliotecário clínico.

Os informacionistas, segundo Davidoff e Florance (2000), devem fazer parte da equipe clínica, fornecendo resposta aos clínicos e disponibilizando seus serviços à equipe médica, aos enfermeiros, técnicos, administradores, bem como à família e ao paciente. Este novo profissional deve ter em sua formação um claro e sólido entendimento da Ciência da Informação e da essência do trabalho clínico. Esta experiência multidisciplinar de troca e de aprendizagem deve incluir um núcleo de conceitos médicos básicos, princípios de epidemiologia clínica, bioestatística, avaliação crítica e gestão da informação. Para Hersh (2002), também é necessária uma compreensão de medicina baseada em evidências, inclusive habilidade para formular perguntas e responder questões, localizar e recuperar a melhor evidência. Ter familiaridade com o ambiente clínico ou área clínica (por exemplo, medicina ou enfermagem) também pode ser útil, mas não essencial.

Nos Estados Unidos, o conceito de informacionista já foi tema de uma conferência patrocinada pela *National Library of Medicine*, em 2002, com a finalidade de definir a profissão (SHIPMAN *et al.*, 2002). No Brasil, não há nenhum registro na literatura de bibliotecários que estejam atuando como Informacionistas. De acordo com Galvão e Leite (2008), os trabalhos sobre o informacionista descrevem esse profissional de acordo com citações do editorial de Davidoff e Florance. Faustino e Galvão (2011) destacam que os papéis desempenhados pelos profissionais da informação no contexto da saúde são múltiplos,

havendo necessidade de maiores estudos acerca de quais conhecimentos e competências são necessários para a atuação neste campo, sobretudo, em outros países que não Canadá e Estados Unidos.

Autores, como Rankin, Grefsheim e Canto (2008) apontam que existem desafios e obstáculos para atuação dos informacionistas, como por exemplo, os que se referem aos ambientes sociais, aos problemas organizacionais, e as opiniões contrárias sobre a necessidade de contribuição do informacionista. Por isso, a atuação deste profissional demanda qualificação, financiamento por parte das organizações, além do enfrentamento de barreiras sociais e de resistência por parte de alguns profissionais com poder já consolidado no contexto da saúde. Nesse sentido, o sucesso e a manutenção do serviço do informacionista estão relacionados não apenas às competências do profissional que o exerce, mas também pela dependência de fatores organizacionais (FAUSTINO; GALVÃO, 2011).

Em 2008, Oliver *et al.* (2008) publicaram um artigo com propostas para o desenvolvimento de um curso voltado aos informacionistas com conteúdos relacionados à medicina baseada em evidências e saúde pública. A proposta do curso foi baseada nos resultados de um seminário intitulado "*Informationist Seminar: bringing the evidence to practice*" que ocorreu na *School of Medicine*, na universidade *Johns Hopkins* em Baltimore, nos Estados Unidos, no mês de outubro 2006. Este seminário foi desenvolvido por profissionais da informação da *National Library of Medicine* (NLM) com o objetivo de desenvolver competências exigidas pelo cargo, no campo da medicina clínica e da saúde pública, tais como: como identificar uma questão; como pesquisar e avaliar criticamente a informação encontrada; como apresentar as provas encontradas para responder uma questão. Para os autores, a proposta deste curso é apresentar uma abordagem que poderia ser replicada em outros centros acadêmicos da área da Saúde (OLIVER *et al.*, 2008).

Com o objetivo de verificar os efeitos da participação de um informacionista em equipes clínicas, Grefsheim *et al* (2010) fizeram um estudo exploratório com grupos focais compostos por pesquisadores e clínicos da *National Institutes of Health* (NIH), entre os anos de 2004 e 2006. A biblioteca da NIH contratou dois informacionistas (bibliotecários com extensivo conhecimento em pesquisa clínica) no ano de 2001, que passaram a integrar equipes médicas. Grefsheim *et al* (2010) concluíram que, ao longo do tempo, as equipes clínicas com informacionistas demonstraram mudanças no comportamento informacional dos clínicos, fazendo com que estes valorizassem a *expertise* deste novo profissional. Como maior benefício, os clínicos e pesquisadores destacaram a customização dos serviços referentes ao atendimento as necessidades de informação.

Já Cooper (2011) ao investigar as diferenças entre as funções dos bibliotecários médicos e os informacionistas identificou que a principal diferença entre eles, além do ambiente de trabalho, está no contexto de atuação destes profissionais, pois o bibliotecário médico trabalha basicamente com especialidades, enquanto o informacionista trabalha estreitamente em domínios de tópicos específicos, como por exemplo, cardiologia, psiquiatria, pediatria, entre outros (COOPER, 2011).

A função de informacionista nos Estados Unidos tem se expandido e vem ocupando cada vez mais espaço em hospitais, nas equipes médicas, enfermarias, em laboratórios clínicos e farmacêuticos e em ambientes acadêmicos. Essa observação foi feita por Cooper (2013) que apresenta uma revisão sistemática com as novas atividades e funções dos bibliotecários das Ciências da Saúde no período de 1990 a 2012. Cooper (2013) identifica novas funções para o informacionista, a partir da literatura tradicional. Além do informacionista clínico, que atua nas equipes clínicas, estão: a) o bioinformacionista que atua no campo interdisciplinar da Bioinformática, desenvolvendo métodos para armazenamento, recuperação e organização de dados da Biologia; b) o informacionista da saúde pública que fornece informações para aqueles que trabalham nos setores que dão suporte a referida área e a decisões políticas.

No Brasil, conforme relatado por Faustino e Galvão (2011), é desconhecida a atuação de bibliotecários no perfil de informacionista clínico.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentadas as questões que motivaram esta pesquisa, o objetivo geral e os específicos, bem como informações sobre a população de estudo e o campo empírico. Traz informações sobre a técnica do questionário tipo *online* utilizada para a coleta de dados e detalhes sobre a aplicação do questionário piloto e do questionário final. Por último, apresenta informações sobre a análise dos dados.

4.1 QUESTÕES DE PESQUISA E OBJETIVOS

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) e o volume de informações técnico-científicas produzidas atualmente alteraram não somente as funções que o bibliotecário vem executando, mas também sua formação. O mercado hoje exige um profissional que seja atualizado sobre as inovações tecnológicas, permeável à mudanças e comprometido com a distribuição igualitária da informação. Para o bibliotecário, a atualização, seja ela formal ou informal tem um caráter especial, pois além de trabalhar com a informação, ele se insere, ao entrar no mercado de trabalho, em áreas específicas do conhecimento, que requerem competências específicas para o seu desempenho (PEREIRA, 2005).

É neste cenário que se encontra o bibliotecário da área da saúde. Esta é uma área que exige desse profissional não apenas as habilidades e competências típicas de qualquer outro bibliotecário, que vão desde a catalogação até a capacitação de usuários no uso de recursos informacionais, mas também habilidades e competências específicas da área, que incluem público e conteúdo informacional altamente especializado. Silva apresenta o mercado de trabalho brasileiro para os bibliotecários que atuam na área da saúde, o seu público, e destaca a importância desse profissional nas equipes de saúde:

> No Brasil, os bibliotecários da área médica desempenham suas atividades nas bibliotecas médicas de instituições de ensino ou de saúde e seus clientes são, geralmente, além da comunidade externa, estudantes, professores, pesquisadores, e profissionais da saúde. Bibliotecários são importantes parceiros das equipes de cuidados de saúde, nas pesquisas médicas e na educação dos profissionais de saúde, assim como no fornecimento de informação de alta qualidade para o público em geral. (SILVA, 2005, p.134)

Considerando, então, a relevância da atualização e de competência em informação muito específicas para a atuação dos bibliotecários no campo da saúde, esta pesquisa parte de alguns questionamentos, tal como foram apresentadas na introdução: como estes profissionais

desenvolvem as competências em informação exigidas para o exercício de suas funções? Considerando os diferentes perfis de atuação dos bibliotecários da área da saúde, médico, clínico ou informacionista, qual perfil prevalece nos hospitais universitários? Quais barreiras eles enfrentam? Quais são as suas perspectivas a respeito da atuação em hospitais universitários?

A partir destas questões motivadoras foi, então delineado o objetivo geral desta pesquisa que é: verificar como estes profissionais, com diferentes perfis de atuação, médico, clínico ou informacionista, desenvolvem a competência em informação na área da saúde.

Para alcançar este objetivo foram traçados alguns objetivos específicos que incluem: (a) conhecer o perfil pessoal e profissional dos bibliotecários com vistas a ampliar o conhecimento em torno destes profissionais; (b) caracterizar o ambiente e a rotina de trabalho dos bibliotecários de referência, bem como as tarefas e habilidades exigidas a estes profissionais com vistas à compreender o cenário de suas bibliotecas e de sua prática profissional; (c) verificar se os bibliotecários da área da saúde procuram capacitar-se e como preferem buscar essa atualização com o intuito de saber se estes profissionais estão desenvolvendo a competência em informação; (d) verificar se permanece a prevalência do perfil do bibliotecário médico, ou se há casos como o perfil clínico ou informacionista com vistas a ter um panorama nacional e atual; (e) identificar as barreiras encontradas pelos bibliotecários no exercício de suas funções com a finalidade de conhecer as dificuldades enfrentadas por estes profissionais no ambiente da biblioteca e do hospital universitário; (f) verificar as perspectivas dos bibliotecários com relação a atuação nos hospitais universitários com vistas a saber suas expectativas para o futuro da profissão no referido ambiente.

4.2 METODOLOGIA

Para viabilizar estes objetivos, a pesquisa priorizou estratégias de coleta e análise de dados com abordagem quantitativa e qualitativa. Trata-se de um estudo descritivo, do ponto de vista de apresentar as características dos bibliotecários, além de proporcionar maiores informações sobre o perfil e a competência em informação dos mesmos. É também exploratório por apresentar um levantamento bibliográfico sobre o perfil do bibliotecário de referência da área da saúde e sobre a competência em informação, bem como o estudo de caso destes profissionais que atuam nas bibliotecas dos hospitais universitários gerais federais e estaduais. De acordo com Alves (2007, p.55), a pesquisa exploratória tem por finalidade

“familiarizar-se com o fenômeno e obter uma nova percepção ao seu respeito, descobrindo assim novas ideias em relação ao objeto de estudo".

A seguir, são apresentados o campo empírico, a população de estudo e detalhes da coleta e análise de dados.

4.2.1 **Campo e população de estudo**

O campo empírico de estudo são as bibliotecas dos hospitais universitários gerais de trinta e seis universidades federais e de sete universidades estaduais (Apêndice A), selecionados por terem hospitais universitários. A população da pesquisa são os bibliotecários de referência que trabalham, preferencialmente, em bibliotecas localizadas no ambiente dos hospitais universitários.

Uma versão preliminar do questionário (Apêndice B) foi encaminhado para quatro bibliotecários para validação quanto à clareza e objetividade das perguntas. Estes respondentes eram das seguintes bibliotecas: biblioteca do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), biblioteca do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Uma segunda versão do questionário (Apêndice D), reformulado após as considerações que foram apresentadas na versão preliminar (Apêndice C), foi encaminhado após contato telefônico com os sistemas de bibliotecas das universidades federais e estaduais. Esse contato teve o intuito de saber da existência de bibliotecas acadêmicas no ambiente dos hospitais universitários gerais. Todas as bibliotecas relacionadas no Apêndice A foram contatadas.

O Quadro 5 apresenta detalhes sobre a existência de biblioteca e bibliotecário nos hospitais, obtidos após este contato inicial. Verificou-se que dos trinta e seis hospitais universitários federais gerais vinculados ao Ministério da Educação (MEC, 2014), treze contam com bibliotecas em seu ambiente, sendo que dois deste grupo não contam com a presença de um bibliotecário. Dos sete hospitais universitários estaduais gerais listados na Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino (ABRAHUE, 2014), quatro têm bibliotecas, sendo que um deles não tem bibliotecário.

Quadro 5 - Relação dos hospitais universitários federais e estaduais com bibliotecários que participaram da pesquisa.

Hospital Federal	Com biblioteca	Com bibliotecário	Respondeu ao questionário
Hospital Universitário Getúlio Vargas, UFAM	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, UFPA	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital Universitário João de Barros Barreto, UFPA	**Sim**	**Sim**	**Não**
Hospital Universitário, UFT	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, UFAL	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Professor Edgard Santos, UFBA	**Sim**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Walter Cantídio, UFC	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, UFMA	**Sim**	**Sim**	**Não**
Hospital Universitário Lauro Wanderley, UFPB	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital Universitário Alcides Carneiro, UFCG	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital das Clínicas, UFPE	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, UFPI	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Ana Bezerra, UFRN	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Onofre Lopes, UFRN	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, UFS	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, UNB	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital das Clínicas, UFG	**Não**	**Não**	**Sim***
Hospital Universitário Júlio Müller, UFMT	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, UFGD	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossi, UFMS	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Antônio Pedro, UFF	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, UNIRIO	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, UFRJ	**Sim**	**Sim**	**Participou do questionário piloto**
Hospital São Paulo, UNIFESP	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Professor Doutor Horácio Carlos Panepucci, UFSCAR	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, UFJF	**Não**	**Não**	**Sim***
Hospital das Clínicas, UFMG	**Não**	**Não**	**Sim***
Hospital das Clínicas de Uberlândia, UFU	**Sim**	**Não**	**Não**

Hospital Escola, UFTM	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Antonio de Moraes , UFES	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital das Clínicas, UFPR	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Junior, FURG	**Sim**	**Sim**	**Não**
Hospital Escola , UFPEL	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, UFSM	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital de Clínicas de Porto Alegre, UFRS	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago, UFSC	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital Estadual	**Com biblioteca**	**Com bibliotecário**	**Respondeu ao questionário**
Hospital Universitário Regional de Maringá, UEM	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital Universitário Regional Norte do Paraná, UEL	**Não**	**Não**	**Sim***
Hospital Universitário do Oeste do Paraná , UNIOESTE	**Sim**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário, USP	**Sim**	**Sim**	**Sim**
Hospital das Clínicas, USP	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital das Clínicas, UNICAMP	**Não**	**Não**	**Não**
Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ	**Sim**	**Sim**	**Participou do questionário piloto**

Nota: na coluna "respondeu ao questionário", os itens marcados com asterisco (*) foram respondidos por bibliotecários dos centros de ciências da saúde da universidade.

Legenda: UFAM - Universidade Federal do Amazonas; UFPA - Universidade Federal do Pará; UFT - Universidade Federal do Tocantins; UFAL - Universidade Federal do Alagoas; UFBA - Universidade Federal da Bahia; UFC - Universidade Federal do Ceará; UFMA - Universidade Federal do Maranhão; UFPB - Universidade Federal da Paraíba; UFCG - Universidade Federal de Campina Grande; UFPE - Universidade Federal de Pernambuco; UFPI - Universidade Federal do Piauí; UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte; UFS - Universidade Federal do Sergipe; UNB - Universidade de Brasília; UFG - Universidade Federal de Goiás; UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso; UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados; UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; UFF - Universidade Federal Fluminense; UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro; UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo; UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos; UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora; UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais; UFU - Universidade Federal de Uberlândia; UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro; UFES - Universidade Federal do Espírito Santo; UFPR - Universidade Federal do Paraná; FURG - Universidade Federal do Rio Grande; UFPEL - Universidade Federal de Pelotas; UFSM - Universidade Federal de Santa Maria; UFRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina; UEM - Universidade Estadual de Maringá; UEL - Universidade de Londrina; UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; USP - Universidade de São Paulo; UNICAMP - Universidade do Estado de Campinas; UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Após o levantamento dessas informações, foi realizado contato telefônico com os bibliotecários que atuam nas bibliotecas dos hospitais universitários gerais para convidá-los para participação do questionário. Todos foram contatados, com exceção da bibliotecária do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Júnior, da Universidade Federal do Rio Grande que estava de licença.

Essas etapas iniciais (primeiro contato com os sistemas de biblioteca e segundo contato com os bibliotecários) foram realizadas durante o mês de outubro de 2014. Finalizado este segundo contato, o questionário final foi enviado para os doze bibliotecários dos hospitais universitários gerais, todos contatados previamente. Destes nove responderam.

Além destes, outros cinco bibliotecários de bibliotecas dos centros de ciências de saúde e/ou de medicina das universidades federais e estaduais mostraram interesse em participar da pesquisa no momento do segundo contato telefônico. Por isso, também foram convidados e todos participaram.

4.2.2 **Coleta de dados**

Nesse trabalho será utilizada para coleta de dados a técnica de questionário do tipo *online* que se constitui como uma forma rápida para avaliar opiniões e preferências de indivíduos. Segundo Gil (2002, p. 128), o questionário pode ser definido como a "técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.".

Uma das vantagens no uso do questionário do tipo *online* é que esta técnica possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica extensa (MARCONI; LAKATOS, 1999). A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Todo questionário a ser enviado deve passar por uma etapa de pré-teste, num universo reduzido para que se possam corrigir eventuais erros de formulação (GIL, 2002).

De acordo com Marconi e Lakatos (1999) um questionário pode ser composto de perguntas fechadas e/ou abertas, onde as perguntas fechadas apresentam alternativas específicas para que o informante escolha uma delas, e as perguntas abertas permitem liberdade ilimitada de respostas, possibilitando, inclusive, o uso de linguagem própria do respondente.

A coleta de dados adotou características da abordagem quantitativa e qualitativa que conforme Minayo (2007, p.21), "os dois tipos de abordagem e os dados delas advindos, não são incompatíveis. Entre eles há oposição complementar que, quando bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações [...]". Enquanto a pesquisa quantitativa utiliza procedimentos estatísticos com o objetivo de descrever determinada situação, testando numericamente as hipóteses levantadas, a pesquisa qualitativa não busca enumerar, e não busca dados estatísticos, faz parte dela lidar com a observação, a descrição e a compreensão e o significado mediante sua "análise interpretativa" (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 23).

Assim, foi elaborado um questionário semi-estruturado com perguntas fechadas (com respostas pré-definidas) e abertas (respostas dos próprios participantes) direcionado aos bibliotecários da área da saúde. Segundo Souza *et al* (2005, p. 133) "os questionários se configuram como dispositivos normatizados e padronizados, que captam a presença ou ausência de determinada característica ou atributo no indivíduo, permitindo medir a magnitude com que essa característica ou atributo se distribui naquele grupo".

Com o objetivo de se obter o relato de fatos reais, na elaboração do questionário final (Apêndice D), foi utilizada a técnica do incidente crítico em duas questões: na questão 17, que solicita ao respondente lembrar quais foram as competências exigidas a ele no último mês de trabalho; e na questão 24, onde é solicitado ao respondente lembrar de alguma ocasião específica em que teve dificuldades para atender à demanda de informação solicitada pelo usuário.

A técnica do incidente crítico, segundo Flanagan (1954), seu idealizador, consiste num "conjunto de processos destinados a reunir as observações diretas do comportamento humano com a finalidade de utilizar estas observações para a solução de problemas práticos e a elaboração de amplos princípios psicológicos" (FLANAGAN, 1954, p.327).

A técnica do incidente crítico consiste em fazer com que o indivíduo lembre um fato ou incidente específico que está na sua memória e a ele se refira quando responde aos questionamentos do pesquisador. Para isso, a utilização de instrumentos como a entrevista e o questionário mostram-se bem adequados (FLANAGAN, 1954).

Para Figueiredo (1979) esta técnica tem se mostrado de grande importância, pois reduz o risco de se obter dados com baixa confiabilidade, fato amplamente conhecido quando se pergunta diretamente às pessoas o que elas fazem.

Os pesquisadores na área de informação em saúde, segundo Martinez-Silveira (2005), aplicam frequentemente o incidente crítico como método de pesquisa do comportamento informacional. Uma das mais amplas pesquisas foi a da *National Library of Medicine* sobre o

uso do *Medline* (base de dados bibliográfica), conduzida com 533 profissionais da área da saúde, entrevistados por telefone, visando a descrição das suas recentes pesquisas na referida base, que tivessem sido especialmente úteis (ou não) no seu trabalho cotidiano (MARTINEZ-SILVEIRA, 2005).

Na área de Biblioteconomia, a técnica do incidente crítico é comumente utilizada nos chamados estudos de usuários que visam saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação, por parte dos usuários de uma biblioteca estão sendo satisfeitas. Através destes estudos, verifica-se por que, como, e para quais fins os indivíduos usam informação, e quais os fatores que afetam tal uso. (FIGUEIREDO, 1979)

4.2.3 Questionário final

A versão final do questionário foi elaborada e encaminhada aos doze bibliotecários de referência dos hospitais universitários federais e estaduais contatados e aos cinco bibliotecários de referência dos Centros de Ciências da Saúde que tiveram interesse em participar desta pesquisa. Este questionário (Apêndice C) tem a seguinte estrutura:

- Pré-questionário: texto introdutório ao questionário *online*: com informações sobre sua estrutura e composição. Contém ainda autorização e o Termo de Concordância do respondente em relação a sua participação e uso das respostas para estudo (TCLE).
- Pós-questionário: conta com 19 perguntas fechadas e 4 abertas, divididas em 4 partes:

  1. A primeira parte, com 5 perguntas, visa definir os dados pessoais dos pesquisados (sexo, idade), dados sobre sua formação (ano de conclusão do curso de graduação) e dados profissionais (ano de admissão e nome da instituição da instituição de vínculo atual);
  2. A segunda parte, composta de 6 perguntas, visa levantar informações sobre a biblioteca, tal como a composição da equipe, o público que mais a frequenta, os serviços de referência mais procurados, os canais de comunicação utilizados para divulgação dos serviços e produtos da biblioteca, a participação em serviços em rede e a demanda de informação mais frequente;
  3. A terceira parte, composta de 8 perguntas, tem o intuito de conhecer o perfil do profissional bibliotecário: o maior nível de formação acadêmica, as atividades que exerce além do serviço de referência, as competências exigidas durante o último mês, a participação em atividades fora do ambiente da biblioteca, as atividades

para manter-se atualizado e participação em grupos de bibliotecários da área da saúde;

4. A quarta parte, composta por 4 perguntas, visa conhecer as necessidades e barreiras encontradas para o desenvolvimento profissional, o relato de alguma ocasião em que teve dificuldade para atender à demanda de informação solicitada pelo usuário e as perspectivas com relação à atuação do bibliotecário em hospitais universitários.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Como método de análise das respostas fornecidas às perguntas abertas (dos próprios participantes) foi utilizada a técnica da análise de conteúdo que consiste em uma sistematização do conteúdo das respostas com o objetivo de se efetuarem deduções lógicas e justificadas das mesmas. Mais especificamente, a análise e conteúdo segundo Bardin (2011, p. 48), constitui:

> [...] um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

De acordo com Bauer (2004, p.190) "a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida".

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo tem duas funções que podem coexistir de maneira complementar:

a) uma função heurística, que visa a enriquecer a pesquisa exploratória, aumentando a propensão à descoberta e proporcionando o surgimento de hipóteses quando se examinam mensagens pouco exploradas anteriormente; e
b) uma função de administração da prova, ou seja, servir de prova para a verificação de hipóteses apresentadas sob a forma de questões ou de afirmações provisórias.

O processo de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, promovido pela análise de conteúdo, é organizado em três etapas, segundo Bardin (2011):

a) a pré análise: fase de organização e sistematização das ideias, em que ocorre a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais

da pesquisa em relação ao material coletado, e a elaboração de indicadores que orientarão a interpretação final;

b) a exploração do material: trata-se da fase em que os dados brutos do material são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto. A codificação envolve procedimentos de recorte, contagem, classificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas; e

c) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação: nessa fase, os dados brutos são submetidos a operações estatísticas, a fim de se tornarem significativos e válidos e de evidenciarem as informações obtidas. De posse dessas informações, o investigador propõe suas inferências e realiza suas interpretações de acordo com o quadro teórico e os objetivos propostos.

Apesar de ser orientada nas três fases descritas anteriormente, a análise de conteúdo propriamente dita, vai depender do tipo de investigação a ser realizada, do problema de pesquisa que ela envolve e do corpo teórico adotado pelo pesquisador. Para Bardin (2011), a análise de conteúdo é empírica e, por este motivo, não pode ser desenvolvida com base em um modelo exato. Contudo, para sua operacionalização, devem ser seguidas algumas regras de base, por meio das quais se parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado.

De acordo com Minayo (2007) existem várias técnicas desenvolvidas para análise de conteúdo: análise temática ou categorial; análise de avaliação ou representacional; análise da expressão; análise das relações; e análise da enunciação. Nesta pesquisa será utilizada a técnica da análise temática ou categorial que consiste em operações de desmembramento do texto em unidades (categorias), segundo reagrupamentos analógicos (MINAYO, 2007).

Para Bardin (2011), os elementos do texto que devem ser considerados são conhecidos como as unidades de registro e de contexto. A unidade de registro "é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial" (BARDIN, 2011, p. 134). As unidades de registro mais utilizadas são: a palavra (nível aparentemente linguístico) e o tema (nível semântico) (BARDIN, 2011).

Para análise das respostas fornecidas no questionário aplicado neste estudo foi utilizada a unidade de registro palavras-chave e para organizar as respostas das questões em aberto foram criadas categorias para agrupá-las.

Na questão 23, que procura conhecer as barreiras encontradas pelos bibliotecários para o desenvolvimento profissional na área da saúde foi possível observar três categorias: i)

desconhecimento da área: incluídas respostas que demonstravam algum tipo de desconhecimento da área e dos termos técnicos, contendo as seguintes palavras chaves: desconhecimento; falta de conhecimento; dificuldade com os termos técnicos; ii) dificuldade para buscar atualização: incluídas respostas que demonstram as barreiras enfrentadas para se atualizar e/ou capacitar. Contém as seguintes palavras chave: falta de tempo; sobrecarga de trabalho; número reduzido de pessoal; falta de cursos; iii) dificuldade com o público: estão incluídas nesta categoria respostas que apresentam a relação entre o bibliotecário e os usuários, contendo as seguintes palavras-chave: confiança dos usuários; paciência; discernimento; respeito profissional.

Na questão 24 foi solicitado aos respondentes que relatassem alguma ocasião específica em que tiveram dificuldade para atender à demanda de informação solicitada pelo usuário. As situações apresentadas foram organizadas em duas categorias: i) dificuldade no uso de bases de dados: incluídas respostas referente as situações relatadas com relação ao manuseio dos recursos informacionais, contendo as seguintes palavras-chave: dificuldade em pesquisar; base confusa; falta de informação. ii) dificuldade no entendimento dos termos técnicos da área: incluídas respostas que relatam a dificuldade em identificar com clareza os termos técnicos a serem utilizados para uma pesquisa bibliográfica. Contém as seguintes palavras-chave: indexação de livros; pergunta de pesquisa; termo específico de pesquisa.

Na última questão, buscou-se conhecer quais as perspectivas dos respondentes com relação a atuação do bibliotecário em hospitais universitários, onde foram encontradas duas categorias: i) otimistas: inclusas respostas daqueles que apresentaram uma visão promissora para a profissão nos hospitais universitários. Contém as seguintes palavras chave: importância da profissão; responsabilidade; bibliotecários especialistas; ii) pessimistas: inclusas respostas daqueles que não acreditam num futuro propício à atuação dos bibliotecários nos hospitais universitários. Contém as seguintes palavras-chave: falta de bibliotecários; melhores condições de trabalho; resistência.

Todas as análises às respostas foram apresentadas em dois grupos: dos bibliotecários que trabalham em bibliotecas localizadas no ambiente dos hospitais universitários, identificados como integrantes do grupo H e os bibliotecários que atuam nas bibliotecas dos Centros de Ciências da Saúde ou bibliotecas de Medicina, identificados como integrantes do grupo S. Tal organização foi feita para permitir a comparação entre as respostas de bibliotecários de ambientes distintos e para evitar qualquer tipo de ruído na interpretação dos dados.

5 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO DA ÁREA DA SAÚDE: DESCREVENDO O CONTEXTO E EXPLORANDO O QUESTIONÁRIO

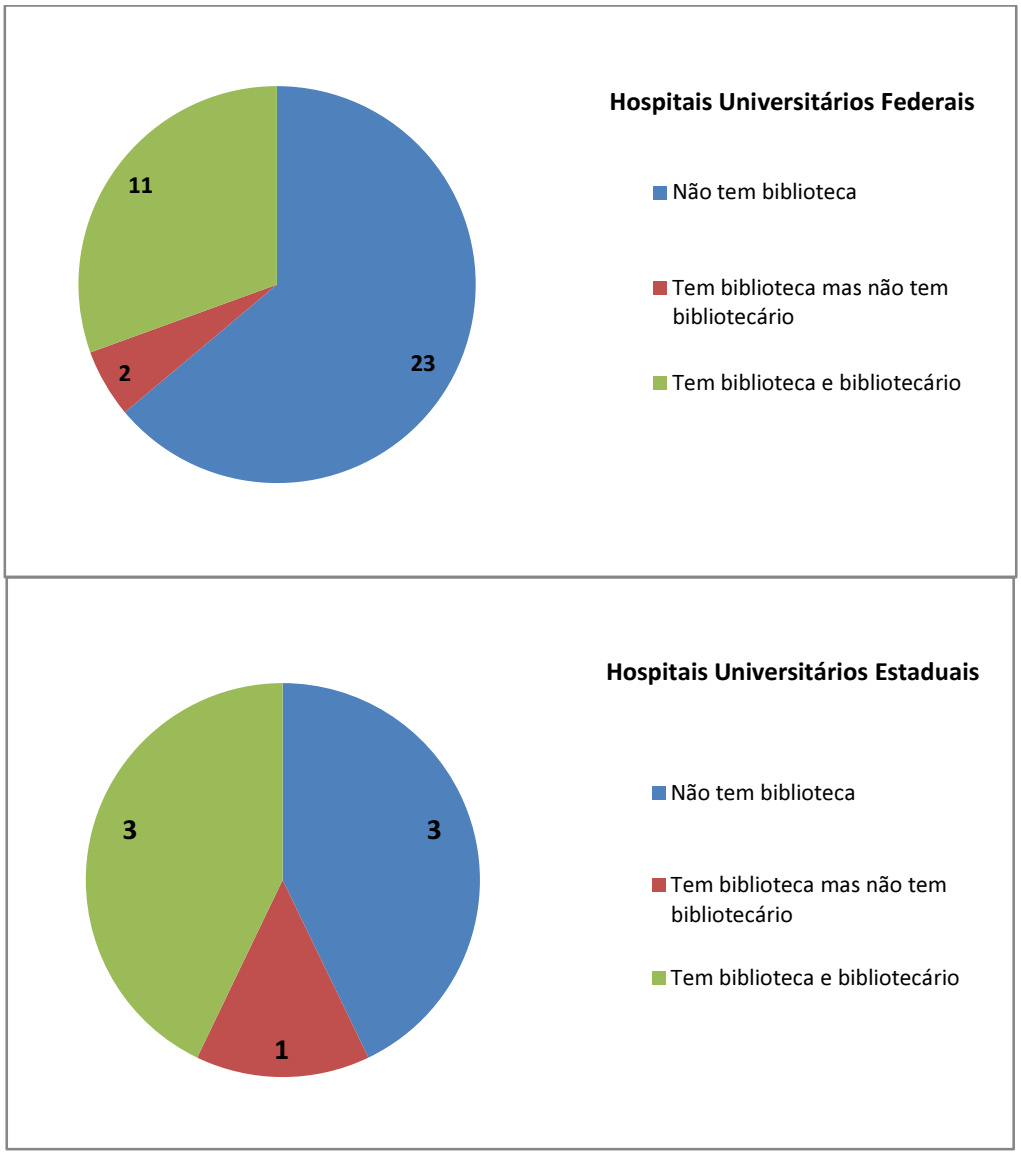
A seguir, os resultados são apresentados em duas partes principais, a primeira que foca na descrição do contexto do estudo, ou seja, das bibliotecas participantes e a segunda que foca na análise do questionário. Esta segunda parte está dividida em quatro blocos temáticos (perfil pessoal e profissional; ambiente e rotina de trabalho; capacitação e dificuldades; e perspectivas da profissão) e como são dois grupos distintos, as respostas são apresentadas separadamente em bibliotecários que trabalham em bibliotecas dos hospitais universitários, identificados a partir de códigos que iniciam em "H", e bibliotecários que atuam em bibliotecas dos Centros de Ciências da Saúde e/ou bibliotecas de medicina, identificados a partir de códigos que iniciam em "S".

5.1 AS BIBLIOTECAS PARTICIPANTES

Dados do Ministério da Educação mostram que existia no Brasil quarenta e cinco hospitais universitários federais em 2013 (MEC, 2014), incluindo hospitais universitários especializados. Já para a Associação Brasileira de Hospitais Universitário e de Ensino (ABRAHUE), além destes há outros dez hospitais universitários estaduais espalhados no país (ABRAHUE, 2014).

A partir de levantamento realizado para a definição da população desta pesquisa, composta somente por bibliotecas de hospitais universitários gerais, foi possível verificar quais destas instituições têm bibliotecas acadêmicas dentro do ambiente hospitalar. Conforme apresentado no Quadro 5, dos trinta e seis hospitais universitários federais gerais investigados, treze têm bibliotecas dentro de sua estrutura, mas duas bibliotecas deste grupo não têm bibliotecários e funcionam somente como espaço para empréstimo e consulta de livros. Dos sete hospitais universitários estaduais gerais, selecionados para a pesquisa, quatro têm bibliotecas, sendo que uma não tem bibliotecário.

Figura 3 - Número de hospitais universitários gerais que apresentam ou não uma biblioteca



Este cenário demonstra que poucos são os hospitais universitários gerais que contam com bibliotecas em sua estrutura. Apesar de não ser obrigatório para a certificação dos hospitais de ensino que as bibliotecas estejam fisicamente na estrutura do hospital universitário, seria de grande valia para os alunos, professores, pesquisadores e profissionais da área contarem com uma biblioteca e com bibliotecários no ambiente do hospital, o que facilitaria o acesso e a disseminação da informação em saúde, além de contribuir para o ensino, a pesquisa e a extensão.

5.1.1 **Bibliotecas participantes que estão localizadas no ambiente do HU**

Esta seção apresenta informações sobre a criação e/ou fundação dos hospitais universitários gerais que participaram desta pesquisa, bem como informações sobre suas bibliotecas. Estão inclusos os hospitais universitários que participaram do questionário piloto aplicado no pré-teste desta pesquisa. A apresentação dos hospitais está em ordem alfabética.

5.1.1.1 O Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC)

Inaugurado em 1950, o Hospital Regional Alcides Carneiro prestava assistência médica aos funcionários públicos federais do extinto Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS). Com a extinção do INAMPS, em 1998, o patrimônio físico e os recursos humanos do hospital foram cedidos à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente o HUAC pertence à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) (MEC, 2014).

As vagas de residência médica oferecidas pelo HUAC são nas especialidades da Clínica Médica, Cirurgia Geral e Pediatria. Este hospital desenvolve pesquisas clínicas em doenças crônico degenerativas, doenças sexualmente transmissíveis, estudos populacionais e estudos perspectivos de corte sobre endemias e pandemias (MEC, 2014).

Figura 4 - Hospital Universitário Alcides Carneiro

Disponível em: http://www.ufcg.edu.br. Acesso em: 20 fev. 2015

Fundada em 1999, a Biblioteca Setorial do Hospital Universitário Alcides Carneiro é um espaço destinado à construção e ao compartilhamento do conhecimento, tendo como finalidade dar suporte informacional aos programas de ensino, pesquisa e extensão do Centro

de Ciências Biológicas e da Saúde da UFCG, mais especificamente aos cursos de Medicina, Enfermagem e Psicologia, visando colaborar para a formação profissional e contribuindo para o desenvolvimento científico da sociedade como um todo. Têm um acervo aproximado de 2.100 títulos e uma equipe formada por quatro funcionários, incluindo um bibliotecário (UFCG, 2014).

5.1.1.2 O Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza (HUBFS)

Fundado em 18 de outubro de 1993, o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza é uma unidade da Universidade Federal do Pará (UFPA). O nome da Instituição é em homenagem à médica e professora Bettina Ferro de Souza, que atuou na antiga Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Cardiologista por mais de 40 anos e professora de Propedêutica Médica, Bettina, diplomou-se em Medicina, com apenas 22 anos, sendo uma das 10 primeiras médicas formadas pela antiga Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará (HUBFS, 2014).

Bettina chegou a participar do projeto de criação do hospital, mas faleceu em 16 janeiro de 1993, aos 80 anos, quando faltavam apenas nove meses para sua inauguração (HUBFS, 2014).

O HUBFS é referência nas áreas de Oftalmologia, Otorrinolaringologia e Crescimento e Desenvolvimento Infantil. Oferece residência médica nas especialidades de Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia. O hospital tem como objetivo prestar assistência de qualidade aos pacientes que o procura, e, além disso, capacitar os estudantes que por ele passam, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão (HUBFS, 2014).

Figura 5 - Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza

Disponível em: portal.ufpa.br. Acesso em: 20 fev. 2015.

A biblioteca do HUBFS foi criada em 2006 e dá suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Seu acervo conta com obras das áreas de Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Desenvolvimento Infantil, Serviço Social, Psicologia, Farmácia, Enfermagem, Nutrição e Administração Hospitalar. Disponibiliza também dissertações e teses desenvolvidas no hospital (HUBFS, 2014).

5.1.1.3 O Hospital Universitário de Brasília (HUB)

Inaugurado durante o regime militar, em 1972, como unidade do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Serviços do Estado (IPASE), sob o nome de Hospital do Distrito Federal Presidente Médici (HDFPM), dedicou, inicialmente, atenção exclusiva aos servidores públicos federais e ficou conhecido como Hospital dos Servidores da União (HSU). Em dezembro de 1979, o HDFPM passou a ser administrado pela Universidade de Brasília, por meio de convênio assinado com o INAMPS (HUB, 2014).

Em 1987 foi integrado à rede de serviços do Distrito Federal por meio de novo convênio assinado pela Universidade de Brasília, passando a chamar-se Hospital Docente Assistencial (HDA). Após um processo conturbado, com manifestações públicas de professores e estudantes que exigiam a cessão definitiva do hospital para que pudesse ser administrado plenamente pela Universidade, em 3 de abril de 1990 o hospital foi cedido pelo INAMPS à UnB, passando a denominar-se Hospital Universitário de Brasília (HUB) (HUB, 2014).

O hospital oferece residência médica em áreas como a Anestesiologia, Cirurgia Geral, Clínica Médica, Obstetrícia e Ginecologia, Ofltalmologia, Pediatria, entre outros e residência multiprofissional de Atenção ao Adulto, Atenção Oncológica e Atenção Cardiopulmonar (HUB, 2014).

Figura 6 - Hospital Universitário de Brasília

Disponível em: www.hub.unb.br. Acesso em: 20 fev. 2015

A biblioteca do HUB dá suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão e conta com uma coleção de 7.000 livros voltada para as áreas de Medicina e Saúde. A biblioteca passou por mudanças recentemente com o intuito de otimizar seu espaço, permitindo, assim, uma melhor circulação dos usuários. A equipe é composta por seis funcionários incluindo uma bibliotecária (HUB, 2014).

5.1.1.4 O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF)

Pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho foi inaugurado em março de 1978. Primeiro diretor do Hospital Universitário, o professor Clementino Fraga Filho, foi homenageado ao ter seu nome escolhido para identificar a nova unidade, "registrando na memória todo o seu esforço para tornar o sonho uma realidade" (HUCFF, 2014).

De acordo com informações do site do HUCFF, a implantação do hospital ocorreu em um momento conturbado na política nacional:

> A implantação do HUCFF se fez em um momento político muito difícil. Sob o regime ditatorial, em meio a contestações e protestos estudantis, não eram fáceis os canais de comunicação com o governo. Muitos consideravam o empreendimento fora da realidade. Felizmente no primeiro dia de março de 1978 sob o governo do Presidente Ernesto Geisel sendo o Ministro do Estado da Educação e Cultura o Senador Ney Braga e no reitorado de Luis Renato Caldas e Presidente da Comissão de Implantação o Clementino Fraga Filho foi inaugurado o Hospital Universitário (HUCFF, 2014).

Criada em 1978, a residência médica do HUCFF é reconhecida como uma das mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Possui atualmente 48 Programas de Residência Médica em Especialidades e Áreas de Atuação. Criada em 2010 a residência multiprofissional do HUCFF está distribuída nas seguintes áreas: Biologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional (HUCFF, 2014).

Figura 7 - Hospital Universitário Clementino Fraga Filho

Disponível em: hucff.ufrj.br. Acesso em: 20 fev. 2015

A Biblioteca do HUCFF/IDT é uma unidade do Sistema de Bibliotecas e Informação (SIBI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, funciona como setorial do Centro de Ciências da Saúde (CCS), e está administrativamente à vinculada a Coordenação das Atividades Educacionais (CAE). Tem como objetivo possibilitar o acesso à informações técnico-científicas atualizadas a alunos e profissionais da área da Saúde que desenvolvem suas atividades no HUCFF, nas unidades da UFRJ, nas instituições cooperantes e comunidades em geral. O acervo conta com 3.700 títulos e a equipe é composta por oito funcionários, incluindo dois bibliotecários (HUCFF, 2014). Esta biblioteca participou do questionário piloto aplicado nesta pesquisa.

5.1.1.5 O Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG)

Fundado em 1929 por Cândido Graffrée e Guilherme Guinle, a Fundação Gaffrée e Guinle, na época era o maior da cidade, contando com 320 leitos. Em 1966 foi incorporado à Escola de Medicina e Cirurgia da Federação da Faculdades Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG). A partir de 1968 passou a ser denominado Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, ocasião em que fora realizada uma grande reforma para readaptação do mesmo como um hospital-escola. Em 1979, passou a fazer parte da Universidade do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), passando a fazer parte do seu Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) (HUGG, 2014).

O HUGG oferece residência médica em áreas como a Anestesiologia, Cirurgia Geral, Clínica Médica, Dermatologia, Endocrinologia, Homeopatia, Oftalmologia, Ortopedia,

Pediatria, entre outros e residência multiprofissional nas áreas de Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Nutrição (HUGG, 2014).

Figura 8 - Hospital Universitário Gaffrée e Guinle

Disponível em: http://www.funrio.org.br/hugg/. Acesso em: 20 fev. 2015.

A biblioteca do HUGG tem uma coleção voltada para as áreas de Medicina e Saúde e tem como objetivo dar suporte as atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade. O acervo da biblioteca conta com aproximadamente 2.000 títulos e a equipe é composta por dois funcionários, incluindo um bibliotecário (HUGG, 2014).

5.1.1.6 O Hospital Universitário da Grande Dourados (HUGD)

A implantação e o funcionamento do Hospital Universitário da Grande Dourados, ocorreram em 2003, que tinha como primeira denominação o nome de Santa Casa de Dourados, uma homenagem a sua mantenedora inicial: a Sociedade Douradense de Beneficência (SODOBEN). A partir de 2004, a Santa Casa de Dourados passou a receber o nome de Hospital Universitário de Dourados e passou a ser administrado pela Fundação Municipal de Saúde, sob a responsabilidade da Prefeitura do Município de Dourados. Em 2008, o HUGD foi doado a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) (HUGD, 2014).

Tem como objetivo ser um hospital com sustentabilidade plena, reconhecido pelo grau de integração das atividades de assistência, ensino e pesquisa, acreditado e como pólo de atração de profissionais especializados. Oferece residência médica nas áreas de Clínica Médica, Cirurgia Geral, Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia e residência multiprofissional nas áreas de Atenção Cardiovascular e Saúde Indígena (HUGD, 2014).

Figura 9 - Hospital Universitário da Grande Dourados

Disponível em: http://www.hu.ufgd.edu.br/. Acesso em: 20 fev. 2015.

A biblioteca do HUGD atende a comunidade interna de alunos, professores, médicos e profissionais do hospital. Seu acervo é de aproximadamente 3.000 livros especializados na área da saúde. Tem por finalidade promover o acesso a materiais bibliográficos, contribuindo para a geração de conhecimento através da disponibilização de informação e no apoio às atividades do ensino, pesquisa e extensão. Conta com uma bibliotecário e um estagiário na equipe (HUGD, 2014).

5.1.1.7 Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW)

Pertencente à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Hospital Universitário Lauro Wanderley, foi fundado em 1977, a partir da transformação das instalações do antigo Hospital Clementino Fraga, destinado a internação de pacientes portadores de tuberculose. A inauguração oficial do hospital ocorreu somente em 1980, no dia 12 de fevereiro (HULW, 2014).

O HULW tem forte atuação na área de ensino e assistência. A pesquisa ainda é incipiente. Oferece residência médica nas áreas de Anestesiologia, Clínica Médica, Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria, Oftalmologia e Terapia Intensiva. O Hospital tem como objetivo futuro ampliar seu atendimento nas áreas de alta complexidade, com excelência na prestação de serviços à comunidade e na formação de profissionais em contínuo crescer do ensino e da pesquisa (HULW, 2014).

Figura 10 - Hospital Universitário Lauro Wanderley

Disponível em: www.hulw.ufpb.br. Acesso em: 20 fev. 2015.

Começando como uma sala de leitura, a biblioteca do HULW iniciou suas atividades em 1985, segundo Silva e Costa (2013). Tem como finalidade atender as necessidades informacionais dos usuários da área da saúde e de áreas afins, bem como dar subsídio informacional ao corpo de profissionais e médicos do hospital. Seu acervo é composto em sua maioria por livros de doação e tem aproximadamente 2.200 títulos. A equipe conta com um bibliotecário e cinco auxiliares de biblioteca (HULW, 2014).

5.1.1.8 O Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE)

Inaugurado em 1950, o Hospital Universitário Pedro Ernesto fazia parte da rede hospitalar da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Em 1962, tornou-se hospital escola da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Até 1975 suas atividades privilegiavam as questões acadêmicas de ensino e pesquisa, quando no referido ano, o hospital tornou-se de atendimento geral em decorrência do convênio firmado entre o Ministério da Educação e a Previdência Social. O HUPE tem como missão prestar assistência integrada, humanizada e de excelência à saúde, sendo agente transformador da sociedade através do ensino, pesquisa e extensão (HUPE, 2014).

O hospital oferta vagas para residência médicas em áreas como Angiologia, Cardiologia, Endocrinologia, Gastroenterologia, Pneumologia, Reumatologia, entre outros e residência multiprofissional em Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Serviço Social (HUPE, 2014).

Figura 11 - Hospital Universitário Pedro Ernesto

Disponível em: www.hupe.uerj.br. Acesso em: 20 fev. 2015.

A Biblioteca do Hospital Universitário Pedro Ernesto e tem como objetivo fornecer suporte e apoio informacional aos alunos, professores, médicos e profissionais de saúde (HUPE, 2014). A equipe conta com treze funcionários, sendo sete bibliotecários. Esta biblioteca participou do questionário piloto aplicado nesta pesquisa.

5.1.1.9 O Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago (HUPPEST)

Fundado em 02 de maio de 1980 pelo professor Polydoro Ernani de São Thiago, o Hospital Universitário pertence à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As obras de construção do HU iniciaram-se em 1964, mas somente após intensa reivindicação de alunos, professores e da comunidade junto as autoridades, houve obtenção de recursos que permitissem o término de sua construção. O atendimento é prioritário em quatro grandes áreas básicas: Clínica Médica, Cirurgia, Pediatria e Tocoginecologia. O hospital oferece residência médica em áreas como Acupuntura, Cirurgia Geral, Cirurgia Plástica, Clinica Médica, Medicina Paliativa, Dermatologia, Gastroenterologia, entre outros e multiprofissional nas áreas de Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Odontologia, Serviço Social e Psicologia (HUPPEST, 2014).

Figura 12 - Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago

Disponível em: www.hu.ufsc.br. Acesso em: 20 fev. 2015.

A Biblioteca Setorial do Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago é um espaço destinado ao compartilhamento do conhecimento e tem como objetivo fornecer suporte e apoio informacional aos alunos, professores, médicos e profissionais de saúde (HUPPEST, 2014).

5.1.1.10 O Hospital Universitário Regional de Maringá (HUM)

Inaugurado em 28 de outubro de 1988, o Hospital Universitário Regional de Maringá, faz parte do campus da Universidade Estadual de Maringá (UEM), do Paraná. Inicialmente o hospital tinha caráter de pronto socorro durante 24 horas e, somente em 1992, o HUM recebeu os primeiros acadêmicos do curso de medicina. No ano seguinte, foram ativadas unidades de clínica cirúrgica, ginecologia e obstetrícia, centro cirúrgico, berçário e ambulatório de especialidades (HUM, 2014).

O HUM oferece residência médica nas áreas de Anestesiologia, Cirurgia Geral, Cliníca Médica, Obstetrícia e Ginecologia, Pediatria, Psiquiatria, Medicina Intensiva Pediátrica e Reumatologia (HUM, 2014).

Figura 13 - Hospital Universitário Regional de Maringá

Disponível em: www.hum.uem.br/estrutura. Acesso em: 20 fev. 2015

A criação da Biblioteca do HUM originou-se da necessidade de docentes e discentes do curso de Medicina e, mas especificamente dos acadêmicos que cumpriam o internato médico. A biblioteca tem como objetivo prestar serviços bibliográficos, apoiar a formação acadêmica, servir como depositária de todo acervo adquirido pelo hospital, apoiar a produção científica e servir como centro de transferência de informações (HUM, 2014).

5.1.1.11 O Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HU-USP)

Em 1968, com a aprovação da criação do curso experimental de Medicina, foi pedido liberação de verbas para a construção de um hospital escola que desse amparo ao novo curso de medicina. Em 1969, o Conselho Universitário da USP modificou o conceito do futuro hospital para que fosse um hospital universitário com uma plataforma assistencial voltada ao ensino das áreas da saúde da USP: Medicina, Enfermagem, Odontologia, Farmácia, Psicologia e Saúde Pública (USP-HU, 2014).

Com a demora nas obras do HU, as primeiras turmas do curso experimental de Medicina tiveram que realizar o internato no Hospital das Clínicas. A primeira inauguração do Hospital Universitário ocorreu em fevereiro de 1979, quando as obras foram dadas por terminada, porém, houve uma segunda inauguração, em agosto de 1981, que contou com as presenças do então governador do Estado, Paulo Maluf, do Reitor, professor Waldir Muniz Oliva, e do diretor da Faculdade de Medicina, professor Mário Ramos de Oliveira. Ao longo desses 30 anos de funcionamento, o HU "passou pelas mãos de muitos e foi se tornando uma plataforma integrada de ensino e pesquisa das áreas da saúde da USP"(HU-USP, 2014).

O HU oferece curso de residência médica e residência multiprofissional (HU-USP, 2014).

Figura 14 - Hospital Universitário da Universidade de São Paulo

Disponível em: www2hu.usp.br. Acesso em: 20 fev. 2015.

A biblioteca do HU iniciou suas atividades e 1989 como biblioteca integrante do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. A partir de 1990, com a sua oficialização, deu ênfase à formação da coleção de livros e periódicos, bem como à estruturação dos serviços de atendimento ao usuário. Tem como objetivo facilitar o acesso à informação, oferecendo aos usuários atendimento de qualidade fortalecendo o processo de ensino e pesquisa no hospital. Conta com um acervo aproximado de 3.700 livros e 23.513 periódicos. A equipe é formada por uma bibliotecária, uma técnica administrativa e uma técnica de documentação e informação (HU-USP, 2014).

5.1.2 **Bibliotecas participantes que estão localizadas fora do ambiente do HU**

Esta seção apresenta informações sobre as bibliotecas que participaram desta pesquisa e que não se encontram no ambiente do hospital universitário. São, em sua maioria, bibliotecas vinculadas ao Centro de Ciências da Saúde e/ou Faculdades de Medicina das universidades federais e estaduais. Estão inclusas as bibliotecas que participaram do questionário piloto aplicado no pré-teste desta pesquisa. A apresentação das bibliotecas está em ordem alfabética.

5.1.2.1 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina

A Biblioteca Setorial do CCS localiza-se na região sudeste de Londrina, junto ao Centro de Ciências da Saúde e ao Hospital Universitário. Atende à comunidade interna de discentes, docentes e funcionários da área de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia e à comunidade externa. O acervo desta biblioteca é de aproximadamente 15.000 títulos e a equipe é formada por oito funcionários, sendo três bibliotecários (UEL, 2014).

Figura 15 - Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da UEL

Disponível em: http://www.uel.br/bc/portal/#. Acesso em: 20 fev. 2015.

5.1.2.2 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Goiás

A Biblioteca Setorial da área da saúde atende a alunos, professores, pesquisadores e funcionários e também a comunidade externa. O acervo é voltado para a área da saúde, especialmente para Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Fonoaudiologia e Psicologia. O acervo desta biblioteca é composto de aproximadamente 18.000 títulos e a equipe conta com quatorze funcionários, sendo sete bibliotecários (UFG, 2014).

5.1.2.3 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Juiz de Fora

A Biblioteca setorial da área da saúde é um espaço destinado a fornecer suporte e apoio informacional aos alunos, professores, funcionários e à comunidade externa. Com acervo sobre as áreas de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Psicologia, conta com aproximadamente 8.000 títulos, entre livros e periódicos. A equipe é formada por quatro funcionários, tendo somente um bibliotecário (UFJF, 2014).

Figura 16 - Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da UFJF

Disponível em: http://www.ufjf.br/campusgv/universidade/biblioteca/. Acesso em: 20 fev. 2015.

5.1.2.4 Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde foi criada em 1973 com a fusão das coleções provenientes das diversas unidades transferidas para o Campus Universitário – Ilha do Fundão: Faculdade de Medicina, Instituto Biomédico, Instituto de Nutrição, Escola de Enfermagem Anna Néri, Escola de Educação Física e Desportos, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Farmácia, Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, Maternidade

Escola Thompson Motta, Instituto de Ginecologia, Coleções da 3ª e 4ª Disciplinas de Clínica Médica e Pós-Graduação em Dermatologia.

Tem como missão atuar na área da saúde e suas sub áreas, com o objetivo de promover o acesso aos recursos informacionais para a comunidade acadêmica e usuários em geral, a fim de contribuir para a produção técnico cientifica. O acervo é de aproximadamente 70.000 títulos, dentre livros, periódicos, teses e dissertações. A equipe é formada por vinte e nove funcionários, sendo quinze bibliotecários e quatorze assistentes administrativos. Esta biblioteca participou do questionário piloto, aplicado nesta pesquisa (UFRJ, 2014)

Figura 17 - Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ

Disponível em: http://www.bib.ccs.ufrj.br/. Acesso em: 20 fev. 2015

5.1.2.5 Biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense

A Biblioteca da Escola de Enfermagem (BENF), é vinculada à Superintendência de Documentação (SDC) da Universidade Federal Fluminense. A BENF foi inaugurada no dia 21 de novembro de 1994 e reinaugurada no dia 14 de dezembro de 2004, 10 anos depois, após reforma da estrutura física, layout e outras melhorias. Atende a alunos, professores, pesquisadores e profissionais da área da saúde e também a comunidade em geral. A equipe é formada por oito funcionários, quatro bibliotecárias e quatro assistentes administrativos. Esta biblioteca participou do questionário piloto desta pesquisa (UFF, 2014).

5.1.2.6 Biblioteca J. Baeta Viana da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

A Biblioteca J. Baeta Viana está subordinada, administrativamente, à Diretoria da Faculdade de Medicina e, tecnicamente, à Diretoria da Biblioteca Universitária (BU), que coordena o Sistema de Bibliotecas da UFMG, composto por 27 bibliotecas, sendo esta a biblioteca Setorial do Campus Saúde. Ela atende à Faculdade de Medicina, Escola de Enfermagem e Hospital das Clínicas. Além disso, atende aos cursos de Medicina, Enfermagem, Fonoaudiologia, Tecnologia em Radiologia, Nutrição e Gestão de Serviços de Saúde, totalizando seis cursos de Graduação, oito de Pós-Graduação, dez cursos de Especialização e 31 modalidades de Residência Médica. A equipe conta com treze funcionários, desses, nove são bibliotecários (UFMG, 2014).

Figura 18 - Biblioteca J. Baeta Viana

Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu/. Acesso em: 20 fev. 2015.

5.2 EXPLORANDO O QUESTIONÁRIO

Nesta seção são apresentadas as análise dos dados coletados organizados de forma a manter a sequência dos temas tal como aparecem no questionário final. Encontram-se divididas em quatro blocos temáticos: perfil pessoal e profissional; ambiente e rotina de trabalho; capacitação e dificuldades; e perspectivas da profissão. As análises consideram dois grupos distintos: o grupo H, composto pelas bibliotecas que estão dentro do ambiente dos hospitais universitários (HUs) e o grupo S, composto pelas bibliotecas que estão fora do ambiente dos HUs. As respostas e as análises são apresentadas separadamente de acordo com cada grupo.

5.2.1 **Sobre o perfil pessoal e profissional dos respondentes**

Nesta primeira parte do questionário, buscou-se a identificação do perfil pessoal e profissional dos respondentes. No Quadro 6, é possível visualizar as informações relativas ao sexo, faixa etária e a década de conclusão da graduação, de acordo com cada grupo.

Quadro 6 - Características dos grupos H e S

Característica	**Grupo H**	**Grupo S**
Sexo		
Feminino	8	4
Masculino	1	1
Faixa etária		
20 a 30	3	0
31 a 40	1	2
41 a 50	3	1
51 ou mais	2	2
Conclusão Graduação		
Até 1980	1	0
1981-1990	1	2
1991-2000	3	2
2001-2010	3	1
Depois de 2010	1	0

Em ambos os grupos, a maioria dos respondentes são do sexo feminino, sendo doze mulheres e dois homens.

Sobre o predomínio de mulheres na profissão bibliotecária, Martucci (1996), faz uma associação na mesma perspectiva do magistério, para a autora, há uma aproximação histórica entre o desenvolvimento da escola e da biblioteca. O espaço da biblioteca, segundo Martucci (1996, p. 239) era visto como espaço que exigia do bibliotecário um perfil "culto, missionário, maternal, dedicado, leal e submisso às regras, no qual o estereótipo da mulher do século XIX também se enquadrava na perspectiva educacional".

Com relação ao início da profissão no Brasil, Martucci (1996) destaca que nesta época as moças de boa família, se quisessem trabalhar tinham duas opções: a escola normal ou então a Biblioteconomia. Para Ferreira e Veiga (2013), ainda persiste o predomínio das mulheres na profissão bibliotecária no Brasil, conforme dados de pesquisa realizada recentemente pelos autores, onde cerca de 82,75% são mulheres e 17,24% são homens.

Quanto a idade, a maioria dos respondentes estão acima dos quarenta anos. Quatro respondentes, três do grupo H e um do grupo S têm entre 41 e 50 anos. Já quatro respondentes, de ambos os grupos, têm mais de 51 anos.

No que se refere à conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia, no grupo H, houve o predomínio de graduados nas décadas, de 1991 a 2000 e de 2001 a 2010, indicando que parte destes profissionais são relativamente jovens no campo. Já no grupo S o predomínio da conclusão do curso ocorreu entre as décadas de 1981 a 1990 e de 1991 a 2000, indicando profissionais com mais tempo de formados que no grupo H. Em ambos os grupos, a maior indicação foi de formandos na década de 1991 a 2000, totalizando cinco bibliotecários. Esse fato sugere que estes profissionais se encontram com pelo menos 15 anos de atuação, ou seja, têm uma experiência relativamente boa da profissão.

Sobre o tempo de vínculo profissional, observou-se que do grupo H, H3, H4, H6, H7 e H9, têm menos de dez anos de instituição, enquanto os respondentes H1, H2, H5 e H8 têm mais de vinte anos de vínculo institucional. Já no grupo S, S4 e S5 têm menos de dez anos de instituição, enquanto o respondente S3 tem mais de dez anos e S1 e S2 mais de vinte anos de vínculo institucional.

A partir deste bloco temático sobre o perfil pessoal e profissional dos respondentes foi possível verificar o seguinte cenário: a maioria dos bibliotecários participantes deste estudo são do sexo feminino, têm entre 41 anos ou mais, graduaram-se na década de 1991 a 2000, e têm menos de dez anos de vínculo institucional, sendo relativamente jovens, com relação a atuação na área da saúde.

5.2.2 **Sobre o ambiente e a rotina de trabalho**

Nesta etapa procurou-se conhecer as bibliotecas participantes verificando quantos bibliotecários atuam nela, o público mais frequente e a participação desta em serviços de rede. Sobre a rotina de trabalho, com o foco da pesquisa voltado ao serviço de referência, foram verificadas quais atividades deste serviço são as mais procuradas, quais são as demandas de

informação mais frequentes e quais canais de comunicação são utilizados para divulgar os serviços e produtos da biblioteca.

Sobre a quantidade de bibliotecários de cada biblioteca, todos os respondentes do grupo H informaram que são os únicos bibliotecários da biblioteca. Pode-se, então, inferir que, provavelmente, há acúmulo de funções, já que este profissional tem que se envolver com a maioria das atividades, desde a gestão da biblioteca, até a catalogação de livros e o próprio atendimento ao público, a partir do serviço de referência.

Já o grupo S conta com mais profissionais em suas bibliotecas, conforme indicado: S1 e S4 trabalham na mesma biblioteca que conta com outros nove profissionais, S2 informou que a biblioteca onde trabalha tem sete outros profissionais, a de S3 tem outros nove e a de S5 tem mais um profissional. Nesse caso, os profissionais trabalham de forma setorizada, e, provavelmente, o bibliotecário de referência cumpre apenas essa função.

Sobre o público, que frequenta a biblioteca do grupo H, pode-se dizer que os alunos de graduação e da residência médica, seguidos dos profissionais de saúde são os mais frequentes. Já no grupo S são os alunos dos cursos de especialização e os alunos da graduação, seguidos igualmente pelos residentes médicos e mestrandos, conforme apresentado no Quadro 7:

Quadro 7 – Número de respostas à questão 9: usuários mais frequentes na biblioteca dos HUs e do CCS.

Questão 9: *"Para cada um dos tipos de usuários abaixo, indique quais mais utilizam a biblioteca. Enumere de 1 a 8 em ordem de maior frequencia".*	**Classificação média** **Grupo H**	**Classificação média** **Grupo S**
Graduação	2,2	3,4
Residência médica	3,2	4,4
Residência multiprofissional	4,0	4,8
Especialização	4,6	3,2
Mestrado	6,0	4,4
Doutorado	7,0	4,8
Docentes	5,4	5,6
Profissionais de saúde	3,4	5,4

Nota: a classificação média foi calculada a partir da soma das respostas que variam de 1 a 8 dividido pelo total de respondentes em cada grupo.
Nota [2]: Grupo H conta com 9 respondentes e Grupo S com 5 respondentes

Apesar da diferença ser mínima, chama a atenção o fato dos alunos dos cursos de especialização serem mais frequentes que os alunos de graduação, no grupo S. Pode-se inferir, a partir deste resultado, que a diferença dos tipos de usuários mais frequentes entre os grupos ocorre devido a localização da biblioteca, onde as bibliotecas do hospitais universitários recebem um público mais específico, como os residentes médicos e os profissionais de saúde e as bibliotecas dos centros de Ciências da Saúde recebem um público mais geral como os alunos dos diversos cursos de especialização.

Com relação aos serviços de referência mais procurados pelos usuários, o Quadro 8 mostra que no grupo H os serviços de pesquisa bibliográfica e levantamentos de dados, seguidos da recuperação de artigos científicos são os mais requisitados. No grupo S, os serviços mais procurados são os de capacitação no uso de bases de dados e no uso de gerenciadores de referência.

Quadro 8 – Número de respostas à questão 10: serviços de referência procurados com mais frequencia pelos usuários das bibliotecas.

Questão 10: *Para cada uma das atividades do serviço de referência, indique a frequencia com que os usuários as procuram. Enumere de 1 a 6 em ordem de maior procura.*	**Classificação Média** **Grupo H**	**Classificação Média** **Grupo S**
Recuperação de artigos científicos (em portais, acervo e comutação)	1,9	3,6
Pesquisa bibliográfica e levantamento de dados	1,8	3,4
Capacitação de usuários no uso de bases de dados	3,0	2,8
Capacitação para gerenciadores de referência (Endnote, Zotero, Mendeley)	5,4	3,2
Acompanhamento em revisões sistemáticas	4,7	3,8
Normatização de dissertações, teses e outros trabalhos	4,2	4,2

Nota: a classificação média foi calculada a partir da soma das respostas que variam de 1 a 8 dividido pelo total de respondentes em cada grupo.
Nota [2]: Grupo H conta com 9 respondentes e Grupo S com 5 respondentes

Tal resultado permite verificar que os serviços mais procurados apresentam certa relação com o público mais frequente de cada grupo. Sabe-se que tanto os residentes médicos quanto os profissionais de saúde não dispõem de muito tempo (CIOL; BERAQUET, 2010) para fazer pesquisas/levantamentos bibliográficos e para recuperar artigos científicos, nesse sentido, compreende-se que estes serviços são os mais procurados no grupo H devido ao fato destes dois tipos de usuários serem os mais frequentes nas bibliotecas dos hospitais universitários.

Já no grupo S, os serviços mais procurados são os de capacitação no uso de bases de dados e nos gerenciadores de referência. Supõem-se que os usuários tidos como os mais frequentes nas bibliotecas deste grupo dispõem de mais tempo para buscar pelo serviço de capacitação no uso das bases de dados, com o objetivo de adquirirem, assim, autonomia em pesquisas/levantamentos bibliográficos.

Ainda sobre os serviços de referência ofertados pelas bibliotecas, foi perguntado aos respondentes se eles atendem com mais frequencia demandas de informação referente às pesquisas científicas em andamento (entende-se aqui pesquisas voltadas aos trabalhos de conclusão de cursos) ou situações pontuais na assistência ao paciente. A maioria das respostas dos bibliotecários de ambos os grupos indicaram que as demandas de informação são voltadas, principalmente, às pesquisas científicas, tal como expresso nas seguintes falas:

> *"Como a maioria dos usuários são de alunos do curso de medicina em seus últimos períodos, são questões relacionadas a pesquisa científicas". (H4)*

> *"Atendo com mais frequencia pesquisas em andamento, especialmente dissertações, TCCs, teses respectivamente nesta ordem de prioridade". (H8)*

> *"Referente à pesquisa científica publicadas. A demanda é por artigos científicos atualizados e publicados em conceituados periódicos." (S2)*

> *"Como a Biblioteca é da Faculdade de Medicina e não está dentro do hospital, atendemos mais as pesquisas dos alunos da graduação e em segundo lugar pesquisas científicas em andamento." (S4)*

Somente uma respondente (H1) indicou o atendimento à assistência ao paciente como mais frequente em sua biblioteca, conforme expresso na seguinte fala:

> *"Nas situações de assistência ao paciente com mais frequencia. Porém, às pesquisas científicas em andamento há muita procura pelo acervo". (H1)*

Este cenário aponta que os bibliotecários de referência recebem mais demandas de informação voltadas à pesquisa científica, o que demonstra, especialmente no grupo H, que é baixa a procura pela biblioteca por parte dos residentes e dos profissionais de saúde para atender as necessidades de informação que ocorrem durante a prática clínica. Este resultado corrobora com o resultado do estudo de Martinez-Silveira (2005), apresentado no capítulo 2, onde a biblioteca é uma das últimas opções procuradas pelos residentes médicos quando estes têm alguma necessidade informacional relacionada à assistência ao paciente.

No que se refere à participação da biblioteca em serviços cooperativos em redes, dois bibliotecários do grupo dos hospitais universitários (H4 e H6) indicaram que a biblioteca não participa de serviços em rede e os outros sete indicaram fazer parte de algum serviço, dentre eles: H1, H2 e H8 indicaram fazer parte da rede da Bireme, H2 e H5 na rede de Comutação do IBICT; H7 indicou a rede Bibliodata e *World Cat*, H2 e H9 indicaram a rede Pergamum, H2 indicou também a rede Cariniana.

No grupo de bibliotecários dos centros de ciências da saúde, dois bibliotecários (S4 e S5) indicaram que a biblioteca não faz parte de serviços em rede e os outros três bibliotecários indicaram que sua biblioteca participa dos seguintes serviços: S1 indicou fazer parte de uma rede de fichas catalográficas e S2 do gerenciador Sophia, S3 disse fazer parte, mas não indicou qual serviço sua biblioteca participa.

Segundo Krzyzanowski (2007), a cooperação vem sendo um recurso facilitador da localização e obtenção de documentos em um contexto dinâmico que supera as restrições relativas a espaço geográfico, tempo, tamanho e extensão que tem caracterizado, na Internet, o acesso aos produtos e serviços de informação.

Por fim, foi perguntado aos bibliotecários quais os canais de comunicação que suas bibliotecas utilizam para divulgar seus serviços. O resultado demonstrou que em ambos os grupos a página da biblioteca, as redes sociais, os cartazes, panfletos e a distribuição de *folders* (estes últimos três itens foram indicados em conjunto na questão 15) são os canais mais utilizados pelos bibliotecários. A divulgação em palestras e em treinamentos bem como nos informes institucionais são menos frequentes, tendo sido indicados por H2, H8 e H9 e S3 e S5. No espaço para indicação de outros canais de comunicação, H4 e H8 indicaram o uso de malas diretas enviadas por e-mail, e H9 o uso do *site* institucional como espaço para divulgação dos serviços e produtos da biblioteca.

Tal cenário demonstra que a internet tem sido uma grande parceira das bibliotecas na divulgação de seu espaço, serviços e produtos. Godeiro e Serafim (2013), no entanto, salientam que não basta simplesmente ter uma página na internet, é necessário que se publique conteúdos qualificados e de interesse dos usuários, como também realizar atualização periódica, além de manter um canal de comunicação aberto com seu usuário. Os autores enfatizam que no âmbito das bibliotecas universitárias, as redes sociais intensificaram a preocupação de oferecer serviços que supram as necessidades dos usuários e, ao mesmo tempo possibilitaram o surgimento de ferramentas que auxiliam no alcance desse objetivo como por exemplo, criação de enquetes, divulgação de eventos, bate-papo (*chat*) (GODEIRO; SERAFIM, 2013).

Nesta segunda parte do questionário, foi possível verificar que as bibliotecas dos hospitais universitários contam somente com um bibliotecário, provavelmente, pelo fato de serem bibliotecas setoriais, onde há um número menor de funcionários e um ambiente menor de trabalho. Nas bibliotecas dos centros de Ciências da Saúde, o cenário é diferente, já que estas bibliotecas contam com mais bibliotecários em seu corpo profissional, pelo fato de serem bibliotecas centrais, ambientes estes com grande espaço e com os serviços setorizados, onde cada bibliotecário cumpre uma função.

Sobre o público, os alunos de graduação, residentes médicos e profissionais de saúde, nessa ordem, são os que mais frequentam as bibliotecas dos hospitais universitários. E os alunos de cursos de especialização, seguidos dos de graduação são os que mais frequentam as bibliotecas dos Centros de Ciências da Saúde e/ou Faculdades de Medicina. Sobre os serviços de referência mais procurados pelos usuários do grupo H estão a pesquisa e levantamento bibliográfico e a recuperação de artigos científicos. Já no grupo S estão os serviços de capacitação tanto no uso das bases de dados quanto no uso dos gerenciadores de referência.

As pesquisas científicas foram indicadas pela maioria dos respondentes, de ambos os grupos, como a demanda de informação mais comum nas bibliotecas, sendo que, somente uma respondente, do grupo H, indicou atender mais demandas de informação voltada à assistência ao paciente. Tal fato demonstra que mesmo a biblioteca estando no ambiente do hospital universitário, a procura por ela no auxílio de busca de informações voltadas a assistência ao paciente ainda é baixa.

Sobre os serviços em rede, a maioria das bibliotecas integra algum serviço cooperativo, que auxilia a rotina da biblioteca na recuperação de artigos, bem como na catalogação de livros. Já a divulgação dos serviços e produtos da biblioteca ocorre em páginas da própria biblioteca, distribuição de folders e no uso das redes sociais, canal este que vem ocupando um importante espaço para divulgação e contato das bibliotecas com os seus usuários nos dias de hoje.

5.2.3 **Tarefas, competências e capacitação dos bibliotecários**

A terceira parte do questionário visa conhecer detalhes sobre as tarefas, as competências e a capacitação dos bibliotecários da área da saúde. Os bibliotecários têm diferentes atribuições, tal como apresentado no capítulo 3. Uma atribuição chave deste grupo de bibliotecários é atuar no serviço de referência. Mas, além desta tarefa, é possível que os bibliotecários também assumam outras. Por isso, foi apresentada aos participantes uma lista

com outras atividades para que indicassem quais eles exercem em suas bibliotecas. O Quadro 9 apresenta a distribuição das respostas da questão 15, que trata exatamente sobre tais atividades.

Quadro 9 – Número de respostas à questão 15: atividades na rotina dos bibliotecários dos HUs e do CCS

Questão 15: *Além das atividades do serviço de referência, você exerce alguma atividade de outra seção? Caso sim indique*	**Grupo H**	**Grupo S**
Gestão da biblioteca	8	0
Processamento técnico	4	1
Indexação e análise da informação	4	2
Formação e desenvolvimento de coleções	5	1
Outros	1	0

Nota: Grupo H conta com 9 respondentes e Grupo S com 5 respondentes

É possível notar que os bibliotecários dos hospitais universitários indicam mais atribuições que os bibliotecários dos centros de ciências da saúde. No primeiro grupo predominam as atividades de gestão da biblioteca e de formação/desenvolvimento de coleções, enquanto no segundo grupo indexação/análise da informação foi indicada por dois dos cinco participantes. Os dados do Quadro 9 indicam que os bibliotecários, principalmente os do HU, assumem diferentes tarefas em suas bibliotecas.

Tal cenário ocorre, provavelmente, devido ao fato de todos os bibliotecários do grupo H terem indicado serem os únicos da biblioteca em que trabalham. Por isso, a grande maioria exerce diferentes funções, inclusive a gestão da biblioteca.

Com o intuito de melhor entender as tarefas assumidas pelo grupo de bibliotecários foi, então, solicitado a eles a frequência com que desenvolvem algumas atividades que estão relacionadas a cada um dos perfis de bibliotecário: médico, clínico ou informacionista. Os Quadros 10 e 11 mostram as respostas do Grupo H e do Grupo S, respectivamente.

Quadro 10 – Número de respostas à questão 16: frequencia das atividades relacionadas a cada um dos perfis: médico, clínico ou informacionista referente aos bibliotecários dos HUs (Grupo H)

Questão 16: *Preencha as afirmativas abaixo: Desde que assumi o cargo de bibliotecário (a) desta biblioteca, eu.*	**Nunca**	**raramente**	**frequentemente**	**sempre**
Identifico as necessidades de informação dos usuários	0	0	6	3
Realizo pesquisas e levantamentos bibliográficos para os usuários	0	2	5	2
Medio a busca da informação em parceria com o usuário	0	3	3	3
Capacito os usuários no uso de bases de dados	0	2	3	4
Integro as equipes multidisciplinares e/ou clínicas	4	4	1	0
Acompanho clínicos e residentes em suas rondas médicas	8	1	1	0
Participa de sessões clínicas e outras atividades	6	2	1	0
Recupero informação baseada em evidências para tomada de decisão da equipe clínica	5	3	1	0
Localizo e organizo recursos informacionais para viabilizar que os clínicos encontrem respostas mais adequadas no cuidado com o paciente	3	2	4	0
Analiso a informação própria dos especialistas	6	1	1	1

Nota: Grupo H conta com 9 respondentes

Verifica-se que colaborar com os profissionais de saúde, bem como com os docentes e discentes, realizando pesquisas bibliográficas, recuperando informação e capacitando-os no uso de bases de dados são atividades de maior frequencia entre os respondentes. Por outro lado, integrar equipes de saúde, participar de sessões clínicas, acompanhar clínicos e residentes e analisar informação própria dos especialistas, são atividades que raramente ou nunca são realizadas pelos bibliotecários dos HUs.

A partir desse panorama, é possível inferir que alguns, porém poucos, bibliotecários do grupo H estão desenvolvendo atividades referentes ao perfil do bibliotecário clínico e informacionista como recuperar informação baseada em evidências e localizar e organizar recursos informacionais possibilitando aos clínicos encontrarem respostas voltadas para o cuidado do paciente. Destaque para o respondente H3 que indicou desenvolver todas as atividades, tanto do bibliotecário médico, quanto do bibliotecário clínico e do informacionista, com frequencia, com exceção da atividade de acompanhar os clínicos e residentes nas rondas

médicas. Os respondentes H3 e H8 indicaram fazer sempre e com frequencia, respectivamente, a atividade de analisar a informação própria dos especialistas, sendo esta atividade exclusiva do perfil de informacionista.

O Grupo S apresenta um panorama semelhante ao grupo H, onde poucos bibliotecários estão desenvolvendo atividades referentes ao perfil do bibliotecário clínico e/ou informacionista como recuperar informação baseada em evidências e localizar e organizar recursos informacionais, possibilitando aos clínicos encontrarem respostas voltadas ao cuidado do paciente. Destaque para o respondente S1 que indicou sempre analisar a informação própria dos especialistas, sendo esta atividade exclusiva do perfil do informacionista.

Quadro 11 - Número de respostas à questão 16: frequencia das atividades relacionadas a cada um dos perfis: médico, clínico ou informacionista referente aos bibliotecários dos CCS (Grupo S).

Questão 16: *Preencha as afirmativas abaixo: Desde que assumi o cargo de bibliotecário (a) desta biblioteca, eu.*	**Nunca**	**raramente**	**frequentemente**	**sempre**
Identifico as necessidades de informação dos usuários	0	0	3	2
Realizo pesquisas e levantamentos bibliográficos para os usuários	0	1	2	2
Medio a busca da informação em parceria com o usuário	0	1	3	1
Capacito os usuários no uso de bases de dados	0	1	1	3
Integro as equipes multidisciplinares e/ou clínicas	3	2	0	0
Acompanho clínicos e residentes em suas rondas médicas	4	1	0	0
Participa de sessões clínicas e outras atividades	4	1	0	0
Recupero informação baseada em evidências para tomada de decisão da equipe clínica	2	0	3	0
Localizo e organizo recursos informacionais para viabilizar que os clínicos encontrem respostas mais adequadas no cuidado com o paciente	3	0	2	0
Analiso a informação própria dos especialistas	4	0	0	1

Nota: O grupo S conta com 5 respondentes.

Considerando, então, as respostas dos Quadros 10 e 11, pode-se inferir que o conjunto de bibliotecários, seja do grupo H, seja do grupo S, guarda mais semelhança de atuação com o bibliotecário médico.

Este resultado corrobora o que já havia sido apresentado no capítulo 3 sobre os perfis dos bibliotecários da área da saúde no Brasil, onde são poucos os casos de bibliotecários clínicos e, por enquanto, desconhecidos os casos de bibliotecários que atuem como informacionistas. Mesmo não sendo comum, no país, a atuação do bibliotecário clínico, caminhos estão sendo abertos e discussões envolvendo essa questão vêm se ampliando, conforme informam Beraquet e Ciol (2010). Como exemplo, as autoras citam que, em 2010 ocorreu o primeiro Fórum "Informação em Saúde: pesquisas, realizações e perspectivas", promovido pela Ancib, que abriu espaço para discussões desta natureza (BERAQUET; CIOL, 2010).

Partindo das evidências anteriores em que o conjunto de respondentes assume tarefas que os aproximam do bibliotecário médico, o próximo passo foi identificar que tipo de competência essas tarefas exigem mais deles. O Quadro 12 apresenta as competências que foram exigidas a eles durante o último mês.

Quadro 12 - número de respostas à questão 17: competências exigidas aos bibliotecários dos HUs e do CCS, no último mês.

Questão 17: *Pense agora nas atividades que desenvolve na biblioteca e indique quais competências foram exigidas de você durante o último mês*	**Grupo H**	**Grupo S**
Conhecimento de termos e descritores em Ciências da Saúde	8	5
Conhecimento sobre indexação e análise de assuntos	6	5
Conhecimento no manuseio das ferramentas de busca em bases de dados	8	5
Conhecimento dos métodos de pesquisa	8	3
Conhecimento na prática da recuperação e disseminação da informação	8	4
Conhecimento da prática baseada em evidências *	3	1
Conhecimento clínico sobre anatomia e fisiologia *	1	0
Conhecimento em epidemiologia e estatística *	1	0
Conhecimento em língua inglesa	7	3

Nota: Grupo H conta com 9 respondentes e Grupo S com 5 respondentes
Nota [2]: As competências indicadas com asterisco (*) são as exigidas dos perfis do bibliotecário clínico e informacionista.

A maioria dos respondentes, de ambos os grupos, indicaram principalmente competências relacionadas ao perfil de bibliotecário médico: conhecimento de termos e descritores em Ciências da Saúde; conhecimento sobre indexação e análise de assunto; conhecimento no manuseio das ferramentas de busca em bases de dados; conhecimentos dos

métodos de pesquisa; conhecimento na prática da recuperação e disseminação da informação e conhecimento em língua inglesa.

Já as competências exigidas dos perfis do bibliotecário clínico e informacionista foram menos indicadas pelos respondentes, tais como: conhecimento da prática baseada em evidências; conhecimento clínico sobre anatomia e fisiologia; conhecimento em epidemiologia e estatística.

Ainda com o intuito de conhecer mais sobre o perfil destes profissionais, foi elaborada a questão 18 que procura entender se os respondentes estão envolvidos em alguma atividade, ou projeto de pesquisa ou assistência, fora do ambiente da biblioteca.

Do grupo H, três responderam que participam de atividades fora do ambiente da biblioteca. Já no grupo S, somente um bibliotecário realiza tais atividades. A seguir, as respostas daqueles que buscam atividades fora do ambiente da biblioteca:

> *"Edição e secretaria da revista eletrônica Autopsy and Case Reports." (H1)*

> *"Grupo de pesquisa: Odontologia Baseada em Evidências. Diversos grupos de pesquisa de enfermagem e de Habilidades de comunicação e interação interpessoal no ensino médico (participação mais informal). Obs: muitos grupos pertencem ao Centro de Ciências da Saúde e não ao HU, pois somos uma biblioteca vinculada também a este Centro." (H8)*

> *"Projetos de professores da Escola de Enfermagem e Faculdade de Medicina." (S1)*

Em nenhum dos grupos foi encontrado bibliotecários que atuassem em equipes clínicas ou multidisciplinares, porém, foram encontrados três exemplos distintos de bibliotecários que estão envolvidos com atividades fora do ambiente da biblioteca. De acordo com Beraquet e Ciol (2010), na saúde, o bibliotecário que atua fora das bibliotecas médicas pode agir como verdadeira ponte entre a informação e o usuário que dela precisa. Para as autoras, a referida área apresenta um cenário em que interagem diversos profissionais com demandas de conhecimento e informação que podem tanto ser comuns ao amplo campo da saúde ou apenas de interesse de alguns especialistas (BERAQUET; CIOL, 2010).

A capacitação e a busca pela formação continuada fornecem ao bibliotecário a base para uma profissão consolidada, e para ser um profissional competente, conforme apresentado no capítulo 3. Para saber se os bibliotecários estão buscando uma formação continuada foi solicitado que indicassem o maior nível de formação, onde: H6 tem bacharelado, H1, H2, H5, H7 e H9 têm especialização e H3, H4, H9 têm mestrado. No outro grupo, S3, S4, e S5 têm

especialização e S1 e S2 têm mestrado. Vê-se, portanto, que todos, exceto H6, buscaram capacitação formal após a graduação.

Isso demonstra que existe, por parte dos bibliotecários, participantes desta pesquisa, um esforço para melhorar seu nível de formação. Com o intuito de saber mais sobre este aspecto foi elaborada a questão 19 que visa conhecer as formas de atualização e capacitação destes profissionais. O Quadro 13 apresenta a distribuição das respostas da questão 19:

Quadro 13 - Número de respostas à questão 19: formas de atualização e capacitação profissional dos bibliotecários dos HUs e do CCS.

Questão 19: *Considerando os tópicos abaixo, indique quais você prefere para se manter atualizado(a) e capacitado(a) no exercício de suas funções*	**Grupo H**	**Grupo S**
Cursos presenciais e/ou a distância	8	4
Participação em eventos da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação e/ou da área de Ciências da Saúde	7	3
Através de tutoriais disponíveis na internet	4	3
Participação em listas de discussão	1	2
No convívio com os usuários especializados	5	2

Nota: Grupo H conta com 9 respondentes e Grupo S com 5 respondentes

Em ambos os grupos, a maioria prefere os cursos presenciais e/ou a distância como forma de atualização, seguido pela participação em eventos da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação e/ou da área de Ciências da Saúde. O convívio com os usuários especializados e os tutoriais disponíveis na internet também foram indicados pelos respondentes como formas para atualização e capacitação. A participação de listas de discussão foi o item menos indicado. O respondente H8 acrescentou a troca de experiência com os pares como uma forma de se atualizar.

Segundo Conceição (2011), a busca pela educação continuada por parte do bibliotecário é importante, pois esta consiste em um processo de aprimoramento o que propicia a melhoria das qualificações pessoais e profissionais. É através dela que o bibliotecário adquire competências para desempenhar suas atividades e manter-se atualizado na área em que está atuando. De acordo com a autora, muitas são as habilidades impostas ao bibliotecário na sociedade da informação, especialmente aquelas relacionadas às tecnologias de informação e comunicação e, também com a competência em informação; esta última demanda permite ao bibliotecário a possibilidade de uma aprendizagem constante, relacionada

ao aprender a aprender, aprendizagem contínua e a aprendizagem ao longo da vida (CONCEIÇÃO, 2011).

A área da saúde exige alguns conhecimentos específicos de acordo com o perfil de atuação do bibliotecário, conforme apresentado no capítulo 3. Para saber se os bibliotecários estão buscando também a capacitação especializada foi elaborada a questão 20, onde se solicitou aos respondentes que indicassem os cursos realizados. Importante mencionar que o questionário apresentava espaço aberto para que os respondentes indicassem livremente algum outro curso que não estivesse indicado na questão. O quadro 14 apresenta a distribuição das respostas, de acordo com cada grupo.

Quadro 14 – Número de respostas à questão 20: indicação de cursos específicos a quem atua na área da saúde.

Questão 20: *Indique se você já fez algum dos cursos abaixo".*	**Grupo H**	**Grupo S**
Cursos promovidos pela Bireme	2	4
Epidemiologia Clínica	0	1
Ética em pesquisa	1	0
Metodologia da pesquisa	5	1
Informação em saúde	3	2
Revisão sistemática*	1	0
Cursos sobre bases de dados específicas da área da saúde*	1	0

Nota: Grupo H conta com 9 respondentes e Grupo S com 5 respondentes
Nota[2]: Os itens marcados com asterisco (*) são cursos que não estavam na lista e foram indicados pelos respondentes

É perceptível que dentre os cursos indicados, o mais procurado pelos bibliotecários do grupo dos hospitais foi o curso de metodologia da pesquisa, seguido do curso de informação em saúde. Já os cursos oferecidos pela Bireme foram mais procurados pelos bibliotecários dos Centros de Ciências da Saúde. O respondente H8 acrescentou ter feito cursos específicos sobre revisões sistemáticas e de acesso em bases de dados específicas da área da saúde.

De acordo com Pinto (2005), na América Latina a Bireme é a instituição que mais promove a educação continuada para bibliotecários que atuam na área da Saúde, habilitando-os no desenvolvimento de metodologias e produtos oferecidos por este centro para o gerenciamento da informação.

Cursos e outras atividades seguramente são formas de buscar atualização e, assim, ampliar as competências. Mas há outras formas como a participação em grupos de informação

e documentação na área da Saúde. Estes grupos promovem encontros entre bibliotecários da área da saúde e se constituem como espaços para troca de experiências, reciclagem de conhecimentos, desenvolvimento de trabalhos cooperativos, além de promoverem cursos, seminários e eventos.

Nesse sentido, estes grupos colaboram para a capacitação continuada e especializada dos bibliotecários. Considerando, então, o papel destes grupos, foi elaborada a questão 21 que visa saber se os bibliotecários estão participando dos mesmos.

Do grupo H dois respondentes indicaram participar destes grupos: H7, que participa da Associação dos Profissionais de Informação e Documentação em Ciências da Saúde do Rio de Janeiro (APCIS/RJ) e H8, que participa do grupo de bibliotecários de informação em Ciências da Saúde de Santa Catarina (GBICS/SC). Do grupo S, somente S1, indicou fazer parte de grupo de bibliotecários na área da Saúde, porém não indicou qual.

Acredita-se que esta pequena participação por parte dos respondentes nos grupos de informação e informação em saúde ocorra pelo fato de serem poucos os grupos existentes e por eles se constituírem regionalmente.

Nesta etapa do questionário foi possível verificar que o perfil do bibliotecário, tanto do grupo H, quanto do grupo S, é do bibliotecário médico. Informação que vem a corroborar com o que foi apresentado no capítulo 3, indicando que, no Brasil, esse é o perfil predominante dos bibliotecários que atuam na área da saúde. Verificou-se também que as principais competências requeridas a esses profissionais na sua atuação profissional se relacionam exatamente com o perfil do bibliotecário médico. Observou-se que são poucos os bibliotecários que participam de projetos e outras atividades fora do ambiente da biblioteca. Notou-se que os participantes desta pesquisa estão buscando formação continuada, bem como formas para manterem-se capacitados e atualizados para atuação na área da saúde.

5.2.4 **Dificuldades e perspectivas na profissão**

A quarta e última parte do questionário é voltada para conhecer as dificuldades e perspectivas no desenvolvimento profissional dos bibliotecários da área da saúde. A maioria das questões são abertas, deixando espaço para que os respondentes coloquem livremente sua visão e opinião sobre sua capacitação profissional.

Uma primeira abordagem foi identificar o nível de dificuldade que os bibliotecários enfrentaram para atuar na área de Ciências da Saúde: alto, médio, baixo ou nenhum. O Quadro 15 apresenta as respostas à questão 22, que trata exatamente deste assunto:

Quadro 15 – Número de respostas à questão 22: Nível de dificuldade

Questão 22: *Que nível de dificuldade enfrentou para atuar na área de Ciências da Saúde*	**Grupo H**	**Grupo S**
Alto	2	0
Médio	5	4
Baixo	2	1
Nenhum	0	0

Nota: Grupo dos bibliotecários HU conta com 9 respondentes e bibliotecários do CCS com 5 respondentes

Chama a atenção que todos os respondentes assumem que enfrentaram alguma dificuldade para atuar na área, pois não houve indicação, por parte deles, da opção "nenhum". Para a maioria dos respondentes, de ambos os grupos, o nível de dificuldade considerado foi o médio. Somente 2 respondentes do grupo dos hospitais universitários, H2 e H6, indicaram como alto o nível de dificuldade para atuação na área; no outro extremo, H1 e H8, do mesmo grupo, indicaram como baixo o nível exigido. Do grupo S, somente S3 indicou como baixo a atuação na área de Ciências da Saúde.

Tal resultado pode ser reflexo do cenário que o bibliotecário encontra ao atuar na área da saúde, pois segundo Galvão e Leite (2008, p.181), esta é uma área complexa para a atuação deste profissional, uma vez que, além da diversidade de interações que este profissional está exposto, ele também tem que lidar com a disponibilidade de informações que chega a todos com quem ele lida, inclusive os pacientes:

> [...] quando observamos que nesse contexto interagem médicos, enfermeiros, dentistas, psicólogos, farmacêuticos, biomédicos, fisioterapeutas, assistentes sociais, entre outros igualmente importantes, que possuem e demandam conhecimentos, informações e linguagens relacionadas ao objeto saúde que podem ser amplamente compartilhados, ou, dependendo de cada caso, interessam apenas a um conjunto restrito de especialistas. Além dos diferentes profissionais envolvidos no campo da saúde, com o avanço das tecnologias e facilidades no acesso à informação médica na Internet, o paciente tende a alterar a relação que estabelece com o seu quadro clínico, questionando mais o médico e demandando mais informações sobre seu diagnóstico ou sua terapia (GALVÃO; LEITE, 2008, p.181)

Soma-se a esse cenário saber utilizar as ferramentas para a pesquisa, fazer busca nas diversas fontes de informação em saúde, compreender o vocabulário específico, estar ciente das políticas de saúde vigentes e conhecer o seu usuário, seja ele profissional de saúde, aluno, professor ou pesquisador (CRESTANA, 2003; PINTO, 2005).

Confirmado, assim, que os profissionais encontram dificuldades para atuar no campo, o próximo passo foi identificar quais barreiras foram estas. A questão 23 abordou esse tema.

As barreiras indicadas foram variadas, porém, foi possível observar três categorias de barreiras: desconhecimento da área (indicados por 6 respondentes); dificuldade para buscar atualização (indicados por 5 respondentes); e dificuldades com o público (indicados por 3 respondentes). As seguintes falas retratam os três tipos:

Desconhecimento da área:

"Falta de conhecimento na área médica." (S4)

"Sou recente nesta área do conhecimento. Tenho apenas dois meses numa Biblioteca Especializada em Saúde." (H3)

"Dificuldade com os termos técnicos. falta de transição entre a anterior bibliotecária e a atual." (H4)

"Conhecer os termos técnicos e identificar juntamente com o usuário as suas demandas, para estruturar uma estratégia bem feita."(S1)

Dificuldades para atualização:

"Capacitação em gestão de Bibliotecas. Sobrecarga de trabalho causando falta de tempo para participar de curso com maior frequencia, me levando a ser autodidata." (H1)

"Número reduzido de pessoal na Biblioteca, o que dificultou a minha participação em cursos da área. Espaço físico limitado, em função disso número reduzido de equipamentos, falta de laboratório para treinamento em pesquisa de Base de dados. Falta de integração da Biblioteca com o corpo docente." (H2)

"Falta de cursos/treinamentos." (H5)

Dificuldades na relação com o público

"Como a referencia lida essencialmente com o público a principal barreira enfrentada foi justamente essa. Jogo de paciência e discernimento na maioria das vezes nem o próprio usuário sabe o que está buscando." (S5)

"Conhecimento mais profundo dos recursos de bases de dados da área e conquistar a confiança dos usuários para o devido respeito profissional." (H8)

O desconhecimento da área foi o item mais indicado pelos respondentes. Foram inclusas nesta categoria as falas dos respondentes sobre a dificuldade com os termos técnicos da área da saúde, pois entende-se que essa dificuldade surge, exatamente, por não haver conhecimento suficiente da área da saúde. Segundo Crestana (2003), tal dificuldade é enfrentada pelo bibliotecário que não está acostumado com os termos da linguagem médica e da área da saúde, muito embora isso só ocorra no período de adaptação, até que seja adquirida familiaridade com a literatura e os termos técnicos.

Outra barreira indicada foi a dificuldade para buscar atualização/capacitação, o que, segundo os respondentes, ocorre devido a falta de tempo e a sobrecarga de trabalho. Sabe-se que a área da saúde, por ser bem dinâmica, exige dos bibliotecários a procura por uma atualização e capacitação constante. A falta de tempo para fazer cursos pode ser compensada com o aprendizado proveniente da interação com o usuário, já que de acordo com Crestana (2003), esse relacionamento possibilita a apreensão de novos conceitos e esclarecimentos da literatura da área da saúde.

Nas relações pessoais, a relação bibliotecário/usuário é referida pela necessidade de se conquistar a confiança e respeito dos usuários e em lidar com eles diante da dificuldade, por parte dos mesmos, em apresentar objetivamente sua necessidade de informação. Este cenário demonstra que, além da preocupação com a sua própria atualização na área, o bibliotecário também busca um bom atendimento ao usuário, com o intuito de corresponder às suas expectativas de pesquisa (CRESTANA, 2003).

O panorama de dificuldades indicadas pelos respondentes mostra que o ambiente da biblioteca muitas vezes pode ser um ambiente de conflito seja com o usuário, seja com a complexidade do conteúdo, seja com o excesso de trabalho. A fim de se checar se tais dificuldades se relacionam com a rotina do bibliotecário de referência foi elaborada a questão 24, em que se solicita aos bibliotecários que se lembrem de alguma ocasião específica em que tiveram dificuldade para atender à demanda de informação solicitada pelo usuário, indicando qual foi a dificuldade, se e como ela foi vencida.

De todos os respondentes, H5, H7 e S4 informaram que não lembravam de nenhuma dificuldade. Os demais respondentes indicaram situações, categorizadas da seguinte forma: dificuldade no uso de bases de dados (indicado por 6 respondentes) e entendimento dos termos técnicos (indicado por 5 respondentes). As falas a seguir exemplificam as duas categorias de resposta:

Dificuldade no uso de bases de dados

"Dificuldade de pesquisar na Biblioteca Cochrane. Base confusa e falta informação sobre o paradeiro de links que existiram na Base." (H1)

"Tive que fazer uma pesquisa na Bireme. Foi meu primeiro contato com este canal de informação. Anotei dados de contato do usuário e estudei a base para melhor atendê-lo." (H3)

Entendimento dos termos técnicos

"Um termo bem especifico da área médica, sendo solucionado após uma breve entrevista de referência ao qual se descobriu o assunto mais geral e encontramos um material que solucionasse a problema." (H4)

"Quando o usuário não tem a sua pergunta de pesquisa. Conversando com o usuário, pessoalmente, então identifica com mais clareza os termos para estruturar suas estratégias de busca nas bases de dados." (S1)

"Frequentemente o usuário deseja um livro (sem especificar qual) que contenha um assunto X (da área da saúde). Como tenho pouco conhecimento por enquanto dessa área, e a indexação dos livros é feita apenas com título e autor, é complicado encontrar alguma obra que contenha o assunto solicitado sem constar no título." (H6)

Chama atenção as respostas que têm relação com o entendimento dos termos técnicos da área da saúde, pois esse aspecto também apareceu na questão 23, como uma barreira importante para 4 respondentes e na questão 17, onde o conhecimento dos termos e descritores da área de Ciências da Saúde e o conhecimento no manuseio das ferramentas de busca em bases de dados, foram indicadas por 13 respondentes como as competências mais exigidas deles no último mês.

O conhecimento dos termos técnicos da área é importante, principalmente durante o processo de referência, pois é a partir do uso deles que é possível elaborar as estratégias a serem utilizadas nas pesquisas bibliográficas. Na área da saúde, é rotina utilizar os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), um vocabulário controlado, traduzido pela Bireme a partir do *Medical Subject Headings* (MeSH) da *National Library of Medicine* (NLM). O DeCS tem por finalidade permitir o uso de terminologia comum para indexação e recuperação de artigos científicos nas bases de dados como o Pubmed e a Lilacs. Estes descritores foram criados para classificar as informações e facilitar as pesquisas bibliográficas (LEITE; HUGUENIN, 2005).

Dentre outras dificuldades relatadas pelos respondentes, estão: a assinatura de uma base de dados, o "mau hábito" de alguns usuários em querer respostas prontas e a dificuldade em auxiliar o usuário que solicita orientação sobre revisão sistemática, conforme as seguintes falas, respectivamente:

> *"Os usuários, neste caso os alunos de medicina, necessitavam ter acesso a base de dados Uptodate nos locais onde estavam realizando estagio, principalmente nos postos de saúde, como suporte para a prática clinica. Teriam que ter acesso remoto a base de dados e nossa assinatura permitia somente acesso local em determinada faixa de IPs. Conseguimos resolver o problema quando, na renovação da assinatura, foi elaborado um documento justificamos junto ao Setor específico da Reitoria a importância de ampliarmos a assinatura, anexando parecer de professores, alunos e coordenador de curso, pois envolvia aumento de custos. Conseguimos esta nova modalidade de assinatura." (H7)*

> *"Por nossa biblioteca localizar-se em uma área com grande concentração de hospitais, clínicas, consultórios e etc, existem no entorno várias escolas técnicas na área da saúde, por está razão atendemos um número considerável de usuários de nível técnico e estes usuários possuem um mal hábito, de querer a resposta pronta. Normalmente entregam um papel com a questão proposta pelo professor e esperam que o bibliotecário ache a resposta, por varias oportunidades enfrentei dificuldade em explicar que posso indicar suportes onde a resposta pode ser obtida, mas achar a resposta em si faz parte do aprendizado do aluno e esta parte não faria." (S5)*

> *"Enfrento a dificuldade em atender questões relacionadas à revisão sistemática e como temos poucos bibliotecários não temos condições de nos aperfeiçoar nessa área." (S2)*

Com tantas barreiras e dificuldades qual seria a perspectiva dos respondentes em relação à atuação do bibliotecário em hospitais universitários? A questão 25 tratou deste assunto e a análise das respostas mostrou que duas categorias: os otimistas (9 respondentes) e os pessimistas (5 respondentes). A seguir, algumas falas dos otimistas, que foram a maioria dos participantes indicando um espaço de atuação promissor para os bibliotecários na área.

> *"O bibliotecário deverá participar como membro efetivo do colegiado dos cursos da área de saúde, assim garantirá a integração entre bibliotecários e docentes; Ter conhecimento dos planos de ensino, para facilitar a aquisição da bibliografia básica e complementar; Participar de cursos e redes específicas da área de saúde; Ter condições de oferecer treinamento sistemático em pesquisa em Bases de dados, normalização de artigos científicos. Conhecer através do*

contato com os docentes, as linhas de pesquisas para a disseminação da informação."(H2)

"Penso que a responsabilidade é muito maior, uma vez que as informações de saúde são atualizadas rapidamente e precisam ser localizadas nesta mesma velocidade." (H3)

"Cada vez mais verifico o quanto é importante a presença do bibliotecário no ambiente hospitalar, principalmente nos que, também, estão ligados a atividades de ensino. As tecnologias de informação vieram facilitar o processo de recuperação da informação, mas os usuários não detém o conhecimento necessário para utilizar os recursos disponíveis nas fontes de informação e otimizar o processo de busca e recuperação da informação." (H8)

"As melhores possíveis. Tem gente que se espanta de um hospital ter biblioteca. Isso já acontece desde o séc. 15 nas bibliotecas inglesas." (H9)

"Vejo que é extrema importância ter um bibliotecário clínico em hospitais universitários para atender diretamente a todo o corpo clínico do hospital." (S1)

"Acredito que deveria haver bibliotecários especialistas na área e que atuasse diretamente nos hospitais universitários." (S2)

A fala destes respondentes demonstram que o bibliotecário deve ter um papel ativo, seja buscando integração com docentes para oferecer cursos de pesquisa bibliográfica, ou atuando como bibliotecário clínico, buscando sair do ambiente da biblioteca e participar das equipes clínicas e/ou multiprofissionais.

Alguns respondentes, porém, apresentaram uma visão mais pessimista e aproveitaram o espaço para expor suas preocupações desde a postura dos colegas de profissão até a política da instituição em que atua:

"A área da saúde é mais organizada de todas, facilitando a atuação do Bibliotecário de Referência. O que me preocupa é a falta de Bibliotecários engajados com a instituição e responsáveis/empenhados pelo bom atendimento ao usuário. Poucos buscam a excelência no atendimento. Poucos se dedicam a buscar novas ferramentas no mercado, a captar recursos para o atendimento às necessidades de seus usuários, e a buscar atualização profissional para acompanhar a rápida evolução das TIs. O perfil principal do Bibliotecário é ser Servidor. E poucos gostam de servir." (H1)

"Aqui, ao meu ver, necessita de um olhar mas aprofundado com relação as formas de aquisição de material por parte da gestão do hospital, bem como a utilização de mão de obra desestimulada e

destreinada (deposito de funcionários que não são capazes de exercer outras atividades). Mesmo com toda qualificação do bibliotecário não há como desenvolver o trabalho da melhor forma." (H4)

"Melhores condições para atender as necessidades de todos os profissionais que atuam no Hospital, tanto no acesso à informação, como também na aquisição de materiais bibliográficos." (H5)

"Temos muita resistência em mostrar que podemos ser úteis em outras esferas do hospital, a visão da chefia é de apenas um "guarda" para cuidar da biblioteca, além de nos dar funções que não correspondem ao cargo. Minha perspectiva não é das melhores, ainda temos muito o que conquistar." (H6)

Este grupo apresenta uma preocupação com a instituição em si, demonstrando que o hospital universitário precisa oferecer melhores condições de trabalho. A dificuldade na aquisição de material foi um dos pontos em comum em duas falas, tal situação reflete a dificuldade para atualização do acervo, o que, consequentemente afeta o atendimento das necessidades informacionais dos usuários. Outro ponto foi com relação à chefia que desestimula o trabalho da equipe ao apresentar uma postura antiquada da biblioteca como um local de "guarda".

Nesta última parte, procurou-se conhecer as barreiras e dificuldades enfrentadas pelos bibliotecários de referência. O cenário apresentado demonstra que os bibliotecários enfrentam diferentes barreiras, que incluem dificuldades para atualizar-se, no uso dos termos técnicos da área e para lidar com o público. Apesar de tais barreiras, a maioria dos respondentes demonstrou ter uma visão otimista com relação às perspectivas de atuação nos hospitais universitários, demonstrando que o bibliotecário deve ter uma postura atuante, em busca de ocupar espaços em equipes clínicas, por exemplo.

A partir dos dados coletados neste questionário, foi possível gerar um quadro descritivo dos grupos de bibliotecários dos hospitais universitários e dos bibliotecários dos Centros de Ciências da Saúde, que inclui aspectos pessoais e profissionais e, sobretudo, aspectos acerca da atuação, da competência em informação e das exigências e barreiras que cercam a rotina dos bibliotecários da área da saúde.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões de pesquisa e das estratégias metodológicas foi possível delinear este estudo que se debruçou sobre alguns parâmetros referentes à formação, às competências e ao perfil dos bibliotecários da área da saúde, preferencialmente, no contexto dos profissionais que atuam nas bibliotecas dos hospitais universitários (HUs).

Ao selecionar as bibliotecas dos hospitais universitários gerais como campo empírico desta pesquisa, um dado inicial que chama muita atenção é a baixa quantidade de bibliotecas nos hospitais universitários gerais, tanto federais quanto estaduais. Apesar de não ser obrigatório para a certificação dos hospitais de ensino que as bibliotecas estejam fisicamente na estrutura do hospital universitário, entende-se que uma aproximação física entre a biblioteca e os usuários dos HUs facilitaria o acesso e a disseminação da informação em saúde, além de contribuir para o ensino, a pesquisa e a extensão. Ao não considerar esta aproximação um item obrigatório, o MEC, órgão responsável pela certificação dos hospitais de ensino, parece ignorar o papel estratégico do lugar da informação, a biblioteca, e do profissional da informação, os bibliotecários, na prática dos profissionais de saúde lotados nestes hospitais

Além do reduzido número de bibliotecas no ambiente dos hospitais universitários, outro dado que também chamou a atenção foi o número expressivo de bibliotecas que não contam com um bibliotecário, profissional este que promove o acesso à informação e auxilia na formação dos usuários. Este dado alarmante é mais um sintoma do baixo reconhecimento do MEC ao papel das bibliotecas no ambiente hospitalar.

Atendendo ao primeiro objetivo desta pesquisa, que visa obter informações sobre o perfil pessoal e profissional dos respondentes, foi observado que a maioria são bibliotecárias, com idade acima dos 41 anos, tendo entre 20 a 15 anos de formação e menos de 10 anos de vínculo institucional. Sobre ao predomínio do sexo feminino na profissão bibliotecária, Martucci (1996) afirma que tal situação ocorre desde os primeiros cursos criados no país e é uma característica que se mantém até hoje. Com relação ao tempo de formação, estes profissionais se encontram com uma experiência relativamente boa da profissão.

Com vistas a compreender o cenário das bibliotecas verificou-se, a partir do estudo realizado com dois grupos, algumas diferenças com relação ao ambiente, dentre elas, a quantidade de bibliotecários das bibliotecas centrais (no caso do Centro de Ciências da Saúde) e das bibliotecas setoriais (no caso dos Hospitais Universitários).

As bibliotecas centrais contam com um quadro maior de funcionários e por este motivo também trabalham de forma departamentalizada, ou seja, cada bibliotecário fica responsável por uma atividade e/ou função. Isso demonstra uma dedicação quase que exclusiva por parte desses profissionais ao serviço que desenvolvem, podendo inclusive buscar cursos específicos de capacitação/atualização. Já as bibliotecas setoriais apresentam um quadro menor de funcionários. Nesta pesquisa, todos os bibliotecários que trabalham nos HUs disseram ser os únicos de suas bibliotecas. Nesse sentido, estes profissionais são responsáveis pela maior parte das atividades desenvolvidas na biblioteca que vão desde a gestão, até a catalogação de livros e atendimento ao público, por exemplo. A parte positiva deste cenário é que ao se envolver com todas as atividades da biblioteca, o bibliotecário do HU passa a ter uma noção global da eficiência e/ou deficiência de seu acervo, serviços e produtos. A parte negativa é que devido ao acúmulo de funções e responsabilidades, o serviço de referência, ponto chave desta pesquisa, seja afetado com relação a qualidade do atendimento, pois, segundo Accart (2012) é um serviço que exige tempo, disponibilidade e dedicação por parte do bibliotecário no contato com o público.

Com relação ao público mais frequente das bibliotecas dos hospitais universitários estes são compostos pelos graduandos, residentes médicos e profissionais de saúde, nessa ordem. Sobre os serviços oferecidos, foi observada uma maior procura, pelos serviços de pesquisas/levantamentos bibliográficos e recuperação de artigos científicos demonstrando que existe uma relação entre os serviços mais procurados e o público mais frequente.

Sobre a demanda de informação mais solicitada, nas bibliotecas dos HUs, foi indicada a demanda por pesquisas científicas, estas relacionadas aos trabalhos de conclusão de curso. Este dado demonstra que os bibliotecários de referência dos hospitais universitários são pouco procurados para atender as necessidade de informação referentes à prática clínica, seja do residente, do profissional de saúde ou até do próprio docente. Nesse caso, essa necessidade poderia estar sendo atendida pelo bibliotecário clínico.

Respondendo a seguinte questão de pesquisa: "*considerando os diferentes perfis de atuação dos bibliotecários da área da saúde, médico, clínico ou informacionista, qual perfil prevalece nos hospitais universitários?"* verificou-se que os respondentes, de ambos os grupos, guardam mais semelhança de atuação com o perfil do bibliotecário médico. Este cenário confirma o que tem sido registrado pela literatura científica, de que ainda é escassa a atuação do perfil de bibliotecário clínico e desconhecido, até então, o perfil do informacionista, conforme indicam Faustino e Galvão (2011).

Das competências exigidas aos respondentes em sua rotina de trabalho, a maioria indicou aquelas que têm relação com o perfil do bibliotecário médico, conforme apresentado no Quadro 4, como: conhecimento de termos e descritores em Ciências da Saúde; conhecimento sobre indexação e análise de assunto; conhecimento no manuseio das ferramentas de busca em bases de dados; conhecimento dos métodos de pesquisa; conhecimento na prática da recuperação e disseminação da informação e conhecimento da língua inglesa.

Considerando o objetivo específico que pretende verificar se os bibliotecários estão procurando se capacitar e como preferem buscar essa atualização, observou-se que estes profissionais estão buscando por uma formação continuada, pois treze dos quatorze respondentes indicaram ter feito especialização ou mestrado. Como forma de se capacitar estes profissionais têm preferência por cursos presenciais e/ou a distância, seguido pela participação em eventos da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação e/ou da área de Ciências da Saúde. O convívio com os usuários especializados e o uso de tutoriais disponíveis na internet também foram indicados pelos respondentes como formas de atualização e capacitação, respectivamente. Tal resultado corrobora com o estudo de Ciol e Beraquet (2003) que indica que a capacitação e o desenvolvimento de competências em informação na área da saúde, frequentemente, ocorre durante o serviço, no convívio com usuários especializados e/ou através de cursos extracurriculares.

Sobre os cursos específicos para quem atua na área da saúde, a maioria dos bibliotecários dos HUs, indicou ter feito cursos de metodologia da pesquisa e cursos sobre informação em saúde. O curso de epidemiologia clínica, por exemplo, foi indicado somente por um respondente. Este curso seria importante para o profissional que atua no perfil de bibliotecário clínico e/ou informacionista. Tal resultado demonstra que os bibliotecários estão também buscando por uma capacitação especializada ou tematizada na área da saúde, porém, estes têm buscado cursos que atendam ao desenvolvimento das competências relacionadas ao perfil de bibliotecário médico, que são exatamente aquelas que eles apontam como as de maior demanda.

Sobre as barreiras encontradas por estes profissionais, a maioria dos bibliotecários indicou desconhecer a área e consequentemente, os termos técnicos utilizados na saúde. Segundo Crestana (2003) o desconhecimento dos termos técnicos ocorre somente no período de adaptação ou até que seja adquirida familiaridade com a área da saúde. Lembrando que a maioria dos respondentes desta pesquisa indicou ter menos de dez anos de vínculo institucional.

Outra barreira indicada, especificamente pelo grupo dos bibliotecários dos HUs, foi a dificuldade para buscar atualização devido à falta de tempo e à sobrecarga de trabalho, além de terem dificuldade para se ausentar da biblioteca, pelo fato de serem os únicos bibliotecários e contarem com um número reduzido de funcionários. Tal resultado contrasta com resultado anterior de que os bibliotecários estão se capacitando para o exercício de suas funções. Sendo assim, supõem-se que mesmo diante de tais barreiras, estes profissionais estão arrumando formas de se capacitar e atualizar.

Com relação à formação do bibliotecário no Brasil, sabe-se que esta é generalista. Segundo Beraquet *et al* (2000), este tipo de formação e também o objeto de estudo da Biblioteconomia: a informação, possibilita que este profissional atue em qualquer área do conhecimento. Atualmente, as Escolas de Biblioteconomia contam com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Biblioteconomia, CNE/CES nº 492 de 03 de abril de 2001 que tratam da flexibilização curricular, visando adequar a formação do bibliotecário à realidade do século XXI. É importante, no entanto, que as Escolas de Biblioteconomia estejam em sintonia com as constantes mudanças da tecnologia e as exigências do mercado de trabalho, o que demanda uma revisão curricular dinâmica e frequente.

A formação generalista permite que o profissional bibliotecário torne-se apto a lidar com a informação nas mais diversas áreas do conhecimento. Neste caso, a educação continuada através de cursos de extensão, de especialização, mestrado e/ou doutorado, tem como uma de suas funções proporcionar uma formação especializada ao profissional com interesse em áreas ou atribuições específicas.

Outra possibilidade para o bibliotecário seria uma formação mista, ou seja, um ensino generalista, nos primeiros períodos do curso e um ensino especializado ou tematizado nos períodos finais, o que poderia contribuir com a atuação em determinadas áreas, como a saúde, por exemplo. Uma iniciativa que segue este caminho é o curso de graduação em Ciência da Informação e Documentação da Universidade de São Paulo (USP), campus de Ribeirão Preto, que possui três ênfases: em informação em saúde, em informação em cultura e educação e em informação para negócios (GALVÃO; FERREIRA; DAURA, 2011).

Este último tipo de formação, especificamente voltado para a área da saúde, permitiria ao bibliotecário desenvolver competências em informação exigidas na área, conhecendo as especificidades da produção e organização da informação, adquirindo domínio no uso dos recursos informacionais, bem como das terminologias em saúde.

De qualquer forma, independente do tipo de formação (generalista ou tematizada), espera-se que o bibliotecário busque por uma educação continuada visando adquirir

competências na especialidade de sua área de atuação (VALENTIM, 2002). A busca por uma capacitação e/ou atualização deve ser feita por todos os profissionais de qualquer área do conhecimento, porém o bibliotecário guarda a particularidade de ter como objeto de trabalho a informação, precisando, assim, manter-se sempre a frente e atualizado para estar pronto a atender as necessidades de informação que surgirem na área em que atua. Para Pereira (2005), o bibliotecário tem um caráter especial, pois além de trabalhar com a informação, ele se insere, ao entrar no mercado de trabalho, em áreas específicas do conhecimento, que requerem competências específicas para o seu desempenho.

Uma das formas de capacitação indicadas pelos bibliotecários dessa pesquisa, como preferência, foram os cursos presenciais e/ou a distância. Atualmente, os cursos a distância têm demonstrado ser uma excelente e oportuna ferramenta de ensino, pois podem ser feitos em qualquer horário e em qualquer ambiente, seja no trabalho ou em casa, conforme o aluno preferir. No caso dos bibliotecários dos hospitais universitários que indicaram não ter tempo, ou pessoal suficiente em sua biblioteca, estes cursos poderiam se constituir como um caminho para capacitação especializada. Outro item apontado foi o uso de tutoriais na internet. A maioria dos recursos informacionais, como as bases de dados, por exemplo, disponibilizam vídeos que ensinam a utilizá-los. Estes tutoriais também poderiam ser considerados uma boa opção para atualização e rápida aprendizagem.

Apesar das barreiras encontradas pelos bibliotecários dos hospitais, estes demonstraram que têm se esforçado para se capacitar e se manterem atualizados. Diante dessa constatação, acredita-se que estes bibliotecários teriam condições de desenvolver competências para atuar como bibliotecários clínicos e/ou informacionistas, mas, ao menos para este grupo, parece não haver uma demanda por este tipo de profissional no sistema atual dos HUs. De fato, a participação do bibliotecário em equipes clínicas e/ou multidisciplinares exigiria uma nova forma de lidar com o espaço hospitalar que apresenta uma estrutura social rígida, onde o médico é a figura central e, portanto, o de maior poder dentro desta estrutura (FOUCAULT, 1979). Nesse sentido, a participação do bibliotecário nas equipes clínicas não está relacionada apenas às competências do profissional que o exerce, mas também à resistência por parte de profissionais com poder já consolidado no contexto da saúde (FAUSTINO; GALVÃO, 2011).

Outro ponto que corrobora tal situação foi levantado ao se questionar quais perspectivas estes bibliotecários têm em relação à atuação nos hospitais universitários. Dois respondentes aproveitaram o espaço para dizer que os HUs precisam oferecer melhores condições às bibliotecas, principalmente com relação a aquisição de materiais bibliográficos.

Este fato é relatado por Almeida (2008) que afirma que as bibliotecas hospitalares enfrentam problemas com instalações físicas deficitárias, falta de verbas para aquisição de materiais bibliográficos e falta de profissionais. Conclui-se a partir deste cenário e também do panorama nacional encontrado, onde são poucas as bibliotecas no ambiente dos hospitais universitários, que a biblioteca hospitalar universitária não se constitui, hoje, um espaço prioritário na estrutura dos HUs.

Apesar das barreiras e das dificuldades apresentadas por estes respondentes, a maioria tem uma visão otimista com relação ao futuro do bibliotecário no ambiente dos HUs. Eles indicam a responsabilidade que é atuar na área devido a rápida atualização das informações, a necessidade de uma busca contínua por capacitação, além da importância da integração entre os bibliotecários e professores, fortalecendo assim o trabalho desenvolvido nas bibliotecas. Alguns respondentes têm como perspectiva encontrar bibliotecários clínicos atuando junto ao corpo clínico do hospital.

Pelo exposto, essa pesquisa procurou demonstrar a importância da busca pela educação continuada e especializada por parte do bibliotecário, pois mesmo após formado, este profissional tem que se capacitar e se atualizar para melhor adquirir e desenvolver competências informacionais na especialidade em que está atuando. A área da saúde, assim como outras áreas do conhecimento, é marcada pelo alto volume de informação e se estabelece como um desafio aos bibliotecários que devem estar habilitados para manusear os diversos recursos informacionais, bem como entender das terminologias da área e de conceitos como prática baseada em evidências, revisão sistemática, meta-análise, epidemiologia, entre outros.

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir como uma referência teórica e exploratória, abrindo novas possibilidades de discussões na área da Ciência da Informação sobre a formação dos bibliotecários, a competência em informação destes profissionais, bem como conhecer mais sobre os perfis de atuação dos bibliotecários, incluindo os da área da saúde. O trabalho não teve a intenção de tratar do tema exaustivamente e, portanto, muitas questões surgiram no decorrer de seu desenvolvimento, tal como: como os usuários dos HUs percebem o espaço da biblioteca? Assim, como sugestão de trabalho futuro seria interessante compreender, a partir da perspectiva dos usuários, o papel das bibliotecas dos hospitais universitários, já que este ambiente foi e continua sendo pouco estudado na literatura científica nacional.

REFERÊNCIAS

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência**: do presencial ao virtual. Brasília: Briquet de Lemos, 2012. 312 p.

AGRASSO NETO, Manoel; ABREU, Aline França. **Conhecimento científico**: subsídios para gestão de serviços de referência e informação. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

ALMEIDA, Theophilo de. Evolução hospitalar no Brasil: ontem e hoje. In: CAMPOS, Ernesto de Souza. **História e evolução dos hospitais**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde. Departamento Nacional de Saúde. Divisão de Organização Hospitalar, 1944.

ALMEIDA, Maria da Graça Gomes. **O papel do profissional da informação bibliotecário no apoio à prática da medicina baseada em evidências**: olhares convergentes entre profissões em Salvador. 225f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, 2008.

ALMEIDA, Eliéte Ribeiro; LIMA, Ilane Coutinho Duarte. Bibliotecário de referência: competência e ética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Febab, 2013.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública:** avaliação de serviços. Londrina: Eduel, 2003.

ALVAREZ, Maria do Carmo Avamilano *et al*. Information literacy: perceptions of Brazilian HIV/AIDS researchers. **Health Information and Libraries Journal**, v.31, p. 64-74, 2013.

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 114p.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. **Hospital:** instituição e história social. s.l.: Letras & Letras, 1991. 168 p.

ANTUNES, Maria da Luz. **Serviço de referência na área da saúde em contexto universitário**: o papel de mediador do bibliotecário de referência. 2006. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências Documentais)-Departamento de Ciências Documentais, Universidade Autônoma de Lisboa, Lisboa, 2006.

_____. **O papel de mediador do bibliotecário de referência na área universitária da saúde**. 2007. Disponível em: <http://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/163>. Acesso em: 15 jul. 2013.

ARAÚJO, Kizi Mendonça de; LETA, Jacqueline. Os hospitais universitários federais e suas missões institucionais no passado e no presente. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.21, n.4, p. 1261-1281, out./dez. 2014.

ARAÚJO, Kizi Mendonça de. **A pesquisa na área da saúde**: um estudo de caso sobre a produção científica no hospital universitário. 2007. 110f. Dissertação (Mestrado em Química Biológica) - Instituto de Bioquímica, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS E DE ENSINO (ABRAHUE). **Associados**: hospitais estaduais. Disponível em: <http://www.abrahue.org.br/index.php/associados/hospitais-estaduais.html>. Acesso em: 10 out. 2014.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Information Literacy Competency Standards for Higher Education**. Chicago: American Library Association, 2000. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/standards/standards.pdf >. Acesso em: 20 jun. 2014.

AZEVEDO, Alexander Willian. **Formação e a competência informacional do bibliotecário-médico brasileiro**. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2009.

AZEVEDO, Alexander Willian; BERAQUET, Vera Silvia Marão. Formação e competência informacional do bibliotecário médico brasileiro. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação,** Campinas, v. 7, n. 2, p. 199-218, jan./jun. 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 189-215.

BELLUZZO, Regina Célia B. Contribuição ao desenvolvimento da competência em informação em bibliotecas públicas paulistas: uma experiência com apoio de oficinas de trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: FEBAB, 2005.

_____. **Construção de Mapas**: desenvolvendo competências em informação e comunicação. 2.ed. rev. e ampl. Bauru: Cá entre nós, 2007.

BERAQUET, Vera Silvia Marão *et al*. Informação para saúde: bases para formação profissional do bibliotecário brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4, 2000, Brasília. **Anais...** Brasília, 2000.

BERAQUET, Vera Silvia Marão *et al*. Desenvolvimento do profissional da informação para atuar em saúde: identificação de competências. **RDBCI**, v. 3, n. 2, p.1-16, 2006.

BERAQUET, Vera Sílva Marão; CIOL, Renata. Atuação do bibliotecário em ambientes não tradicionais: o campo da saúde. **Pesq. Bras. Ci. Inf**., Brasília, v.3, n.1, p. 127-137, jan./dez. 2010.

_____. O bibliotecário clínico no Brasil: reflexões sobre uma proposta de atuação em hospitais universitários. **DataGramaZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, 2009.

_____. Bibliotecário clínico no Brasil: em busca de fundamentos para uma prática reflexiva In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais**... Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em: <www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT6--253.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 18 ed. atual e ampl. São Paulo: Saraiva, 1998. 243p.

BRASIL**, Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização da biblioteca escolar. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 13 nov. 2014.

BRASIL. Conselho de Ensino Superior. **Parecer CNE/CES nº 492/2001**: Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 25 maio 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Comissão Nacional da Residência Médica. **Resolução nº 02, de 03 de Julho de 2013**. Dispõe sobre a estrutura, organização e funcionamento das Comissões de Residência Médica das instituições de saúde que oferecem programas de residência médica e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. **Hospitais universitários**. 2012. Disponível em: < http:// portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=512&>. Acesso em: 25 jul. 2014.

BRASIL. Ministérios da Educação e Saúde. **Portaria Interministerial nº 1.000 de 15 de abril de 2004**. Estabelece os requisitos para certificação de unidades hospitalares. Disponível em: <http://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelink.php?numlink=1-92-31-2004-04-15-1000>. Acesso em: 10 jan. 2015

BRASIL. Ministérios da Educação e Saúde. **Portaria Interministerial nº 2.400 de 2 de outubro de 2007**. Estabelece os requisitos para certificação de unidades hospitalares. Disponível em: <http://www. saude.mt.gov.br/upload/legislacao/2400-%5B2830- 120110-SES-MT%5D.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Manual brasileiro de acreditação hospitalar.** 2. ed. Brasília, 1999. 159 p.

_____. **Portal da Saúde**. Brasília, 2013- . Disponível em: <http://www.portal.saude.gov.br>. Acesso em: 23 mar. 2013. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=22947>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. Secretaria de Assistência à Saúde. **Manual brasileiro de acreditação hospitalar**. 3.ed. rev. e atual. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação brasileira de ocupações**. Brasília. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 20 dez. 2013.

CALDAS JÚNIOR, Antonio Luiz. Crise nos hospitais universitários: estratégias de privatização. **Associação profissional dos docentes da UFMG**, Belo Horizonte, v.18, p.95-110, 1999.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19021.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

CAMPELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 178-193, jul./dez. 2005.

CAMPOS, Ernesto de Souza. **História e evolução dos hospitais**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde. Departamento Nacional de Saúde. Divisão de Organização Hospitalar, 1944.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v.8, p. 49, jan./dez. 2000.

CARMO, Maria do. **Hospitais universitários e integração ao sistema único de saúde** - estudo de caso: hospital das clínicas da UFMG - 1996 a 2004. 121f. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

CARVALHO, Kátia de. O profissional da informação: o humano multifacetado. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v.3, n.5, out. 2002. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out02/Art_03.htm >. Acesso em: 17 dez. 2014.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.3, p.33-39, set./dez. 2000. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a04v29n3.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

CASTRO, Luiz de Paula. A pesquisa no hospital Universitário. In: REUNIÃO ESPECIAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 5. 1997. Blumenau, PR. **Anais...** Blumenau: SBPC, 1997.

CASTRO, César Augusto. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

CASTRO, Regina C. Figueiredo. O impacto da internet no fluxo da comunicação científica em saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. esp., p. 57-63, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40nspe/30623.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de; FARIA, Ana Carolina Cintra; SANTOS, Daniela de Souza dos. O bibliotecário como profissional da informação: o mundo do trabalho, habilidades e competências. In: CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de (Org.). **Olhares**: sobre o profissional da Ciência da Informação. São Paulo: Todas as musas, 2013. p.11-30.

CIMPL, K. Clinical medical librarianship: a review of the literature. **Bulletin of the Medical Library Association**, Chicago, v.73, n.1, p. 21-27, 1985.

CIOL, Renata; BERAQUET, Vera Silvia Marão. O profissional da informação no paradigma virtual: atuação em saúde. **Biblios**, Peru, v 4, n. 16, p. 54-64, jul./dic. 2003. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/161/16101607.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2013.

_____. Evidência e informação: desafios da medicina para a próxima década. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.14, n. 3, p. 221-230, set./dez. 2009.

CLEMENTE, B.T. **Cronologia histórica dos hospitais universitários**. Salvador, 1998.

CONCEIÇÃO, Vilma. Educação continuada para a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24. ago. 2011, Maceió. **Anais**... Maceió: FEBAB, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (CFB). **Resolução n. 042, 11 de janeiro de 2002**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 jan. 2002. Seção 1, p. 64. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/215>. Acesso em: 23 dez. 2014.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (CFB). **Carreira.** Cursos. 2014. Disponível em: <http://www.crb6.org.br/carreira.php>. Acesso em: 15 nov. 2014

_____. **Censo profissional**. 2014. Disponível em: < http://www.cfb.org.br/censo.php>. Acesso em: 14 dez. 2014.

COOPER, Diane I. Is the informationist a new role? A logic model analysis. **Journal of the Medical Library Association : JMLA**, v. 99, n. 3, p. 189–192, 2011.

_____. New activities and changing roles of health sciences librarians: a systematic review, 1990-2012. **J. Med. Lib Assoc**, v.101, n.4, Oct., 2013.

COSTA, Fabrício Veloso. A gestão integrada da informação em saúde para geração e comunicação do conhecimento: elemento de apoio diagnóstico/terapêutico e desenvolvimento técnico científico em instituições hospitalares. DUARTE, Zeny; FARIAS, Lucio (Org.). **A medicina na era da informação**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 307-314.

CRESTANA, Maria Fazanelli. **Discurso de bibliotecárias a respeito de suas profissões na área médica**. 2002. 82f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. Bibliotecários da área médica: o discurso a respeito da profissão. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n.2, p. 134-149, jul./dez. 2003.

DALTON, Richard. Hospitals: their origin and history. **Dublin Journal of Medical Science (1872-1920)**, v. 109, n. 1, p. 17-27, 1900.

DAVIDOFF, Frank; FLORANCE, Valerie. The informationist: a new health profession? [editorial]. **Annals of Internal Medicine**, v. 132, n.12, p. 996-998, June, 2000

DIAS, E. W. Ensino e pesquisa em Ciência da Informação. **DataGramaZero**, v.3, n.5, out. 2002.

DIAS, Maria Matilde Kronka; BELLUZZO, Regina Célia Baptista; PINHO, Fábio Assis; PIRES, Daniela. Capacitação do bibliotecário como mediador do aprendizado no uso de fontes de informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.2, n.1, p.1-16, jul./dez. 2004.

DUDZIAK, Elizabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**, 2001. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n.1, p.23-35, 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/123/104>. Acesso em: 1 ago. 2014.

_____. Competência em informação: melhores práticas educacionais voltadas para a information literacy. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21, jul. 2005, Curitiba, PR. **Anais**... Curitiba: FEBAB, 2005.

_____. Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito ambiental. **Informação & Informação**, Londrina, v.15, n.2, p.1-22, jul./dez. 2010.

EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES (Brasil). **Filiais Ebserh**. 2014. Disponível em: <http://ebserh.mec.gov.br/hospitais-universitarios/filiais-ebserh>. Acesso em: 17 nov. 2014.

FARIAS, Gabriela Belmont de; SOUZA, Maria Naires Alves de. O bibliotecário de referência: estudo do desenvolvimento profissional nas bibliotecas da UECE e UFC. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

FAUSTINO, Gabriela Gimenez; GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Formação do profissional da informação no contexto da saúde: o caso da pesquisa clínica. **Revista EDICIC**, v. 1, n. 3, 2011.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.2, p.189-201, maio/ago. 2003.

FERREIRA, Maria Mary; VEIGA, Marcos Aurélio Pereira. Bibliotecários, trabalho e salário: o profissional da informação na sociedade de mercado. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 6. 2013, São Luiz. **Anais**... São Luiz: UECE, 2013. p.1-11.

FIALHO, F. et al. **Gestão do conhecimento organizacional**. Florianópolis: UFSC, 2010.

FIGUEIREDO, Nice. Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. **R. Biblioteconomia**, Brasília, v.7, n.1, jan./jun. 1979.

_____. Evolução e avaliação do serviço de referência. **R. Biblioteconomia**, Brasília, v.2, n.2, p.174-198, 1974.

_____. Evolução e avaliação do serviço de referência. In: FIGUEIREDO, Nice. **As origens dos serviços de informação em bibliotecas**. São Paulo: Polis, 1992. p.11-16.

FLANAGAN, J.C. The critical incident technique. **Psychological Bulletin**, v.51, n.4, p.327-358, 1954.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FORTE, Antonio Carlos. Papel dos hospitais universitários. In: AMARAL, José Luiz Gomes do; BACARAT, Edmund Chada (Coord.). **O futuro das escolas médicas no Brasil**. São Paulo: Manole, 2009. p. 51-56.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FREITAS, Fabiane Nogueira; SARAIVA, Lucila Rocha; BATISTA, Tainá. Alfabetização em informação para capacitação de agentes comunitários de saúde: recurso para melhoria na mediação e transferência de informações. In: CUEVAS, Aurora; SIMEÃO, Elmira (Coord.). **Alfabetização informacional e inclusão digital**: modelo de infoinclusão social. Brasília: Thesaurus, 2011. p.159-183.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; FERREIRA, Janise Braga Barros; DAURA, Aline Priscila. Formando o profissional da informação em saúde: uma questão de responsabilidade social no contexto brasileiro. **Revista EDICIC**, v.1, n.2, p. 82-102, abr./jun. 2011.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; LEITE, Renata Antunes de Figueiredo. Do bibliotecário médico ao informacionista: traços semânticos de seus perfis e competências. **Transinformação**, v.20, n.2, p. 181-191, 2008.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.39, n.3, p.83-92, set./dez. 2010.

_____. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **A to Z**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v.2, n.1, p.5-9, jan./jun. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

GIORDANO, Rafaela Boeira; BIOLCHINI, Jorge Calmon de Almeida. Busca e recuperação da informação científica na web: comportamento informacional de profissionais da informação. **InCID**: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v.3, n.1, p.125-145, jan./jun. 2012.

GODEIRO, Rebeka Maria de Carvalho Santos; SERAFIM, Andreza Nadja Freitas. O uso do Facebook como ferramenta para promoção de serviços em bibliotecas universitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Febab, 2013.

GREFSHEIM, Suzanne F. et al. The informationist: building evidence for an emerging health profession. **Journal of the Medical Library Association: JMLA**, v. 98, n. 2, p. 147, 2010.

GROGAN, Denis Joseph. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 196 p.

GUIMARÃES, Antonio Guilherme Rocha; CADENGUE, Mirtysiula. A interferência da biblioteconomia clínica para o desenvolvimento da saúde. **RDBCI**, v. 9, n. 1, p. 150-165, 2011.

HARRISON, Janet; BERAQUET, Vera. Clinical librarians, a new tribe in the UK: roles and responsabilities. **Health Information and Libraries Journal**, v.27, p. 123-132, 2009.

HARTT, Valéria; GUIMARÃES, Maria Cristina Soares. Acesso à informação, equidade em saúde e conhecimento leigo na atenção oncológica. **RECIIS**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p. 1-7, 2013.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information Literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. Dissertação. 109f. (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2002.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.4, n.1, p.20-34, jan./jun. 2008.

HERSH, W. Medical informatics education: an alternative pathway for training informationists. **Journal of the Medical Library Association: JMLA**, v.90, n.1, p. 76-79, 2002.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO (HUAC). 2014. **Institucional.** Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/orgaos_suplementares/hu/hu.php>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO BETTINA FERRO DE SOUZA (HUBFS). **Nossa história**, 2014. Disponível: <www.bettina.ufpa.br>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO CLEMENTINO FRAGA FILHO (HUCFF). **Histórico**. 2014. Disponível em: <http://www.hucff.ufrj.br/institucional/historico>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (HUB). **Institucional**, 2014. Disponível em: <http://www.hub.unb.br/institucional.html>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA GRANDE DOURADOS (HUGD). **História**. Disponível em: < http://www.hu.ufgd.edu.br/index.php/historia-do-hugd>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (HU-USP). **HU 30 anos**, 2014. Disponível em: <http://www2.hu.usp.br/hu-30-anos/>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO GAFFRÉE E GUINLE (HUGG). **Institucional**. Disponível em: <http://www.funrio.org.br/hugg/>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY (HULW). **Apresentação**. 2014. Disponível em: <www.hulw.ufpb.br>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO (HUPE). **Histórico**. 2014. Disponível em: < http://www.hupe.uerj.br/Institucional/IN_historico.html>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR POLYDORO ERNANI DE SÃO THIAGO (HUPPEST). **Histórico**. Disponível em: <http://www.hu.ufsc.br/?page_id=13>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO REGIONAL DE MARINGÁ. **Estrutura**. 2014. Disponível em: < http://www.hum.uem.br/estrutura/>. Acesso em: 16 nov. 2014.

HORTON, Forest W. (Ed.). **Overview of Information Literacy Resources Worldwide**. [s.b.] UNESCO, 2013.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Directrices para la evaluación de alfabetización informativa**, 2004. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s42/pub/ILguidelines2004-s.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2014.

KRZYZANOWSKI, Rosaly Fávero. Cooperação em bibliotecas no Brasil: um panorama da década de 50 até nossos dias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.3, n.1, p.1-24, 2007.

LAMB, G.; JEFFERSON, A.; WHITE, C. And now, clinical librarians on rounds. **Hartford Hospital Bulletin**, v. 30, n.2, p.77-86, 1975.

LECARDELLI, Jane; PRADO, Noêmia Schoffen. Competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 e 2005. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.2, n.2, p.21-46, dez. 2006.

LEITE, Rosalyn; HUGUENIN, Suzana. A importância dos descritores em Ciências da Saúde (DECS) para os Anais Brasileiros de Dermatologia. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 80, n.5, p. 457-458, 2005.

LEMLE, Alfred. A questão da pesquisa nos hospitais universitários. **Ciência e Cultura**, v.41, n.4, p.329-338, abr. 1989.

LIMA, E. Bibliotecas de hospitais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.2, n.2, p.141-159, set. 1973.

LIMA, Maurilio Cesar de. **Breve história da igreja no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LISTON, Rose Cristiani Franco Seco; SANTOS, Plácida L.V.A da Costa. Representando a Information Literacy "competências informacionais" na Biblioteconomia. **Em Questão**, Porto Alegre, v.14, n.2, p.287-300, jul./dez. 2008.

LOBO, Maria Stella de Castro *et al.* Avaliação de desempenho e integração docente-assistencial nos hospitais universitários. **Rev. Saúde Pública**, v.44, n.4, p.581-590, 2010.

MACHADO, Sérgio Pinto; KUCHENBECKER, Ricardo. Desafios e perspectivas futuras dos hospitais universitários no Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n.4, p. 871-877, 2007.

MARCONDES, Carlos Henrique; MENDONÇA, Marília A.; CARVALHO, Suzana M. Serviços via web em bibliotecas universitárias brasileiras. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n.2, p.174-186, maio/ago. 2006.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINEZ-SILVEIRA, Martha Silvia. **A informação científica na prática médica**: estudo do comportamento informacional do médico-residente. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da bibioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225-244, jul./dez. 1996.

MCKEE, Martin; HEALY, Judith (Ed.). **Hospitals in a changing Europe**. Buckingham: Open University Press, 2002.

MCSHEA, Kristina. A clinical librarian program at an Urban Teaching Hospital: experience recomendations. **Journal of Hospital Librarianship**, v.6, n.1, p.103-110, 2006.

MEDICAL LIBRARY ASSOCIATION. **Plattaform for change**: the educational policy statement of Medical Library Association. Chicago: The association, 1992. Disponível em: <http://www.mlanet.org/education/plattaform/>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____. **Definition of Health Information Literacy**. Chicago: The association, 2003. Disponível em: <www.mlanet.org/resources/healthlit/define.html.>. Acesso em: 20 nov. 2014.

MEDICI, André Cezar. Hospitais universitários: passado, presente e futuro. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 47, n. 2, p. 149-156, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ramb/v47n2/a34v47n2.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

MELO, Ana Cristina Azevedo Ursulino; NASCIMENTO, Aline Vieira; MELO, Thelma Marylanda Silva de. A transcompetência delineando o perfil do bibliotecário de referência em bibliotecas universitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIENCIA DA INFORMAÇÃO, 25. 2013, Florianópolis: **Anais...** Florianópolis: Febab, 2013.

MENDES, H. M. **Health information acquisition in British and Brazilian hospitals**. 1996. 265p. Thesis (PhD in Information Science) - Department of Information Science, Loughborough University, Loughborough, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In:_____ (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p.9-29.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Relação dos Hospitais Universitários. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=512&>. Acesso em: 15 dez. 2014.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, n.2, p.112-122, maio/ago. 2004.

_____. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.3, p.99-114, set./dez. 2006

_____**O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 269p.

MORAES, Margarete Farias de. **Algumas considerações sobre a história dos hospitais privados no Rio de Janeiro**: o caso Clínica São Vicente. 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Rio de Janeiro. Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2005.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; OLIVEIRA, Marlene de. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. Cap.5, p.97-110

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. In: CAMPELLO, B.S; CÉDON, B.V; KREMER, J.M (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 21-34.

NOWINSKI, Aron. A importância da biblioteca hospitalar na formação do residente e a participação da BIREME. **Residência Médica**, Brasília, v.5, n.1, p.13-22, 1983.

O'CONNOR, P. Determining the impact of health library services on patiente care: a review of the literature. **Health Information and Libraries Journal**, v. 19, n.1, p. 1-13, 2002.

OLIVER, Kathleen Burr et al. Bringing evidence to practice: a team approach to teaching skills required for an informationist role in evidence-based clinical and public health practice. **Journal of the Medical Library Association: JMLA**, v. 96, n. 1, p. 50-57, 2008.

PAGLIOSA, Fernando Luiz; ROS, Marco Aurélio da. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.32, n.4, p. 492-499, 2008

PALMEIRA, Alba Mirindiba Bomfim; MATTOS, Priscila de; PETERS, Luísa Moura. **O que é hospital de ensino?** Cartilha. Brasília: Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde; Grupo técnico Central de Hospitais de Ensino, 2012. Disponível em: <www.fepecs.edu.br/arquivos/cartilhaGTCHE.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2014.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. USP e UFRJ: a influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v.14, n.2, p. 147-161, 2002.

PEREIRA, Eliane Aparecida Junckes. **O perfil do bibliotecário da área de ciência da saúde em Santa Catarina**. 2005. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

PEREIRA, J.D.S. A informação científica na rotina dos médicos residentes: Residência em Oftalmologia do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas. In:

SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15. 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CRUESP, 2008.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. O desafio da formação profissional: da biblioteca às bibliotecas digitais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1.,2002, **Anais...**São Paulo. Textos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

PINTO, Rosemeire Rocha. **O profissional da informação em Ciências da Saúde**: subsídios para o desenvolvimento de cursos de capacitação no Brasil. 2005. 118f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde). Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da. O serviço de normalização científica na Biblioteca da Unesp/Botucatu - Rubião Junior. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

RANKIN, Jocelyn A.; GREFSHEIM, Suzanne F.; CANTO, Candance C. The emerging informationist specialty: a systematic review of the literature. **Journal Medical Library Association: JMLA**, v.96, n.3, p.194-206, 2008.

REBELO, Ana Maria de Sousa. **A biblioteca universitária**: desafios e oportunidades para o profissional da informação. 2011. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e da Documentação). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2011.

RIBEIRO, Fernanda. Medicina e Ciência da Informação: uma abordagem integradora e interdisciplinar. In: DUARTE, Zeny; FARIAS, Lucio (Org.). **A medicina na era da informação**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 111-125.

RIBEIRO, Maria Aparecida Andrés. **Apontamentos sobre residência médica no Brasil.** Brasília: Câmara do Deputados, Brasil: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2011.

RIGBY, Elizabeth et al. Clinical librarians: a journey through a clinical question. **Health information and libraries journal,** v. 19, p. 158-160, 2002.

RODRIGUES, Carlos Alberto. **A necessidade de informação dos conselheiros de saúde.** 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/handle/10482/3953>. Acesso em: 20 jul. 2013.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. A pesquisa como princípio educativo na formação do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Editora Polis, 2002. p.89-116.

SABBATINI, Renato. Cobaias humanas e experimentação científica. **Jornal Correio Popular**, Campinas, 2 jul. 1999. Disponível em: <http://www.sabbatini.com/renato/correio/medicina/cp990702.htm>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SALLES, Pedro. **História da medicina no Brasil**. Belo Horizonte: Coopmed, 2004.

SANGLARD, Gisele. Hospitais: espaços de cura e lugares de memória da saúde. **Anais do Museu Paulista:** história e cultura materiais, São Paulo, v. 15, n.2, p. 257-289, dez. 2007.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SANTOS (SCMS). **História**. 2014. Disponível em: < http://www.scms.org.br/index.php/2014-04-07-12-57-00/historia>. Acesso em: 5 dez. 2014.

SANTOS, Plácida L. V. Amorim da Costa. As novas tecnologias na formação do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Editora Polis, 2002. p.103-116.

SANTOS, Paola. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n.2, p. 54-63, maio/ago. 2007.

SANTOS, Camila Araújo dos; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. A formação básica do bibliotecário sob o enfoque dos princípios da competência em informação: em busca de parâmetros de avaliação para o contexto nacional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **V Reunião da Linha de Pesquisa 'Gestão Mediação e Uso da Informação'**: caderno de resumos. Marília: FUNDEPE Editora, 2013. p. 14-20.

SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira; DUARTE, Emeide Nóbrega. O papel da biblioteca universitária como mediadora da informação para construção de conhecimento coletivo. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, abr. 2014.

SAVI, Maria Gorete Monteguti. **Fluxo da informação na prática clínica dos médicos residentes**: aproximações possíveis com a medicina baseada em evidências. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SCHACHER, L.F. Clinical librarianship: its value in medical care. **Annals of Internal Medicine**, v.134, n.8, p. 717-720, 2001.

SCHARDT, Connie. Health information literacy meets evidence-based practice. **Journal of the Medical Library Association**, v. 99, n.1, 2011.

SHIPMAN, J.P. et al. The informationist conference: report. **Journal of Medical Library Association: JMLA**, v. 90, n.4, p.458-464, 2002.

SILVA, Chirley Cristiane Mineiro da; CONCEIÇÃO, Márcia Regina da; BRAGA, Roberto Carlos. Serviço de coleções especiais da biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina: estágio curricular. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 9, p. 134-140, 2004.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Bibliotecário da área médica. In:_____. **Bibliotecários especialistas**: guia de especialidades e recursos informacionais. Brasília: Thesaurus, 2005. Cap.11, p.100-124.

SILVA, Jeruzalém de Lima; COSTA, Luciana Ferreira da. Os usuários da biblioteca do Hospital Universitário da Universidade Federal da Paraíba: caracterizando o comportamento informacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

SIQUEIRA, Jéssica Camara. Repensando o serviço de referência: a possibilidade virtual. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.4, n.2, p.116-130, set. 2010.

SOUZA, Edinilsa Ramos de et al. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de (Org..). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 133-156.

SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION (SLA). **Competencies for information professionals of the 21st century**, 2003. Disponível em: < https://www.sla.org/wp-content/uploads/2013/01/0_LRNCompetencies2003_revised.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. Introdução. In: _____. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 17-27.

STRAUSS, Francisco. **Entre o ensino, a pesquisa e a assistência**: os dilemas da tríplice missão universitária no departamento de clínica médica da faculdade de medicina da UFRJ. 161 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Química Biológica) - Instituto de Bioquímica, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

STRAUSS, Francisco; LETA, Jacqueline. Entre o ensino, a pesquisa e a assistência médica: um estudo de caso. **História, ciências, saúde, manguinhos**, Rio de Janeiro, v.16, n.4, p.1027-1043, out.-dez. 2009.

TARAPANOFF, Kira. (Org.) **Perfil do profissional da informação no Brasil**. Brasília: IEL/DF, 1997. 134p.

TERSO, Iole; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Uma análise do uso da tecnologia por bibliotecários sob o enfoque da alfabetização informacional. 2013. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9. 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, USP, 2008.

TOBAR, Federico; YALOUR, Margot Romano. **Como fazer teses em saúde pública**: conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. 172p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Bibliotecas setoriais**. Disponível em: <http://www.uel.br/bc/portal/#>. Acesso em: 20 nov. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Escola de Enfermagem. **Biblioteca**. Disponível em: <http://bibliotecadaescoladeenfermagem-uff.blogspot.com.br/p/sobre-benf.html>. Acesso em: 20 nov. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOÍAS. **Sistema de Bibliotecas**. Disponível em: <https://bc.ufg.br/>. Acesso em: 20 nov. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Centro de difusão do conhecimento**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/biblioteca/>. Acesso em: 20 nov. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Bibliotecas setoriais**. Disponível em: <http://www.hrtn.fundep.ufmg.br/index.php?option=com_content&task=view&id=311&Itemid=91>. Acesso em: 20 nov. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Sistema de informação e bibliotecas**. Disponível em: <www.sibi.ufrj.br>. Acesso em: 20 nov. 2014.

URIBE TIRADO, Alejandro. La alfabetización informacional en las bibliotecas universitarias de Brasil: visualización de los niveles de incorporación desde la información publicada en sus sitios web. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.17, n.1, p.134-152, jan./mar. 2012.

VALENTIM, Maria Lígia. Atuação e perspectivas profissionais para o profissional dad informação. In: VALENTIM, Maria Lígia (Org.). **Profissionais da informação**: perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 135-152.

_____. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: VALENTIM, Maria Lígia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p.117-132.

VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional do profissional da informação bibliotecário: construção social da realidade. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 24, p.59-71, 2007.

_____ . Competência informacional: princípios para a formação contínua de profissionais da informação em bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (SNBU), 15, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: Consórcio CRUESP Bibliotecas, 2008. v. 15.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v.38, n.3, p.130-141, set./dez. 2009.

WARD, D. Revisioning information literacy for lifelong meaning. **The Journal of Academic Librarianship**, v.32, n.4, p.396-402, July, 2006.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.2, p.71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

WINNING, M.A; BEVERLEY, C.A. Clinical librarianship: a systematic review of the literature. **Health Information and Libraries Journal**, v.20, suppl. 1., p. 10-21, 2003.

APENDICE A - RELAÇÃO DOS HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS E ESTADUAIS

HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS					
REGIÃO	**ESTADO**	**HOSPITAL**	**UNIVERSIDADE**	**CONTATOS**	**BIBLIOTECA NO HOSPITAL**
Norte	**Amazonas**	**Hospital Universitário Getúlio Vargas (EBSERH)**	**Universidade Federal do Amazonas**	**Sistema de Bibliotecas (SISTEBIB) Diretora: Celia Simonetti Barbalho Email: centralbc@ufam.edu.br Tel: (92) 3305-5052**	**Não**
Norte	**Pará**	**Hospital Universitário Betina Ferro de Souza**	**Universidade Federal do Pará**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Cristina Alencar Email: bibliotecahubfs@ufpa.br Tel: (91) 3201-8599**	**Sim**
Norte	**Pará**	**Hospital Universitário João de Barros Barreto**	**Universidade Federal do Pará**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Rosiany Amaral Email:bibhujbb@ufpa.br Tel: (91) 3201-6619**	**Sim**
Norte	**Tocantins**	**Hospital Universitário**	**Universidade Federal do Tocantins**	**Sistema de Bibliotecas (SISBIB) Coordenador: Edson de Sousa Oliveira Email:coordbiblio@uft.edu.br Tel: (63) 3232-8125**	**Não**
Nordeste	**Alagoas**	**Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (EBSERH)**	**Universidade Federal de Alagoas**	**Sistema de Bibliotecas (SIBI) Biblioteca Central Email: direção@sibi.ufal.br Telefone: (82) 3214-1460**	**Não**
Nordeste	**Bahia**	**Hospital Universitário Professor Edgard Santos (EBSERH)**	**Universidade Federal da Bahia**	**Biblioteca universitária de Saúde. Email: buscoordenacao@ufba.br Tel: (71) 3283-8830/8831**	**Sim, mas não tem bibliotecário. Livros somente para consulta.**
Nordeste	**Ceará**	**Hospital Universitário Walter Cantídio (EBSERH)**	**Universidade Federal do Ceará**	**Biblioteca de Ciências da saúde Bibliotecária: Norma de Carvalho Linhares Email:blmedi@ufc.br Tel: (85) 3366-8022**	**Não**
Nordeste	**Maranhão**	**Hospital Universitário (EBSERH)**	**Universidade Federal do Maranhão**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Marla E-mail:bib@huufma.br Tel: (98) 3232-1058**	**Sim**
Nordeste	**Paraíba**	**Hospital Universitário**	**Universidade Federal da**	**Biblioteca do Hospital**	**Sim**

		Lauro Wanderley (EBSERH)	**Paraíba**	**Bibliotecária: Helton Figueiredo E-mail: heltonfigueiredo@hotmail.com Tel:(83) 3216-7602**	
Nordeste	**Paraíba**	**Hospital Universitário Alcides Carneiro**	**Universidade Federal de Campina Grande**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Heloísa Cristina Email:heloisacris@ufcg.edu.br Tel: (83)2101-5556**	**Sim**
Nordeste	**Pernambuco**	**Hospital das Clínicas (EBSERH)**	**Universidade Federal de Pernambuco**	**Biblioteca do Centros de Ciências da Saúde (CCS) Bibliotecária: Liliane Maria Baltar Monteiro Email: bibccs@ufpe.br Tel:(81)2126-8505**	**Não**
Nordeste	**Piauí**	**Hospital Universitário (EBSERH)**	**Universidade Federal do Piauí**	**Biblioteca setorial do Centro de Ciências da Saúde Bibliotecária: Fabíola Nunes Brasilino Tel: (86)3215-5681**	**Não**
Nordeste	**Rio Grande do Norte**	**Hospital Universitário Ana Bezerra (EBSERH)**	**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**	**Sistema de Bibliotecas (SISBI) Diretora: Ana Cristina Cavalcanti Tinoco Email: bcdir@bczm.ufrn.br Tel: (84)3215-3841**	**Não**
Nordeste	**Rio Grande do Norte**	**Hospital Universitário Onofre Lopes (EBSERH)**	**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**	**Sistema de Bibliotecas (SISBI) Diretora: Ana Cristina Cavalcanti Tinoco Email: bcdir@bczm.ufrn.br Tel: (84)3215-3841**	**Não**
Nordeste	**Sergipe**	**Hospital Universitário (EBSERH)**	**Universidade Federal de Sergipe**	**Biblioteca da área da saúde Bibliotecária: Márcia Rosário Teixeira Email: marciar@ufs.br Tel: (79) 2105-1780**	**Não**
Centro-Oeste	**Distrito Federal**	**Hospital Universitário (EBSERH)**	**Universidade de Brasília**	**Biblioteca do Hospital Universitário Bibliotecária: Naise Email: naise@bce.unb.br (61) 3448-5524**	**Sim**
Centro-Oeste	**Goiás**	**Hospital das Clínicas**	**Universidade Federal do Goiás**	**Sistema de Bibliotecas (SIBI) Diretora: Maria Silvério da Silva Email: asibi1980@gmail.com Tel: (62) 3251-1151/1230**	**Não**
Centro-Oeste	**Mato Grosso**	**Hospital Universitário Júlio Müller (EBSERH)**	**Universidade Federal do Mato Grosso**	**Biblioteca Central Coordenador: Carlos Henrique**	**Não**

				E-mail: bibliotecacentral@ufmt.br	
Centro-Oeste	**Mato Grosso do Sul**	**Hospital Universitário (EBSERH)**	**Universidade Federal da Grande Dourados**	**Biblioteca do Hospital Universitário Bibliotecária: Maria Isabel Email:bibliotecahu@ufgd.edu.br Tel:(67)3410-3065**	**Sim**
Centro-Oeste	**Mato Grosso do Sul**	**Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (EBSERH)**	**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**	**Biblioteca Central Coordenadora: Lucia Regina Vianna Oliveira Tel:(67)3345-7174 E-mail: bibliotecacentral.preg@ufms.br**	**Não**
Sudeste	**Rio de Janeiro**	**Hospital Universitário Antônio Pedro**	**Universidade Federal Fluminense**	**Superintendência de Documentação (SCD) Coordenadora: Sandra Coelho Tel: (21)2629-2766/2768 Email: sandra@ndc.uff.br**	**Não**
Sudeste	**Rio de Janeiro**	**Hospital Universitário Gaffrée e Guinle**	**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**	**Biblioteca Central Email: atendimentobiblioteca@unirio.br**	**Sim**
Sudeste	**Rio de Janeiro**	**Hospital Universitário Clementino Fraga Filho**	**Universidade Federal do Rio de Janeiro**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Eliana Rosa Email: biblioteca@hucff.ufrj.br Tel: (21) 3938-2355**	**Sim. Porém não fará parte da pesquisa, pois já participou do pré-teste.**
Sudeste	**São Paulo**	**Hospital São Paulo**	**Universidade Federal de São Paulo**	**Biblioteca Campus - SP Tel: (11) 5576-4562 E-mail: biblioteca@epm.br**	**Não**
Sudeste	**São Paulo**	**Hospital Universitário Professor Doutor Horácio Carlos Panepucci (EBSERH)**	**Universidade Federal de São Carlos**	**Biblioteca Comunitária (Bco) Diretora: Lígia Maria Silva e Souza Email: ligia@ufscar.br Tel: (15) 3351-8422**	**Não**
Sudeste	**Minas Gerais**	**Hospital Universitário**	**Universidade Federal de Juiz de Fora**	**Centro de Difusão do Conhecimento (CDC) Coordenadora: Adriana Aparecida de Oliveira Tel: (32) 2102-3670 Email:cdc@ufjf.edu.br**	**Sim, mas está em obras. Não está atendendo.**
Sudeste	**Minas Gerais**	**Hospital das Clínicas (EBSERH)**	**Universidade Federal de Minas Gerais**	**Biblioteca do Campus Saúde Bibliotecária: Mariza Talim Email:marizatalim@gmail.com Tel: (31) 3409-9733**	**Não**
Sudeste	**Minas Gerais**	**Hospital das Clínicas de**	**Universidade Federal de**	**Sistema de Bibliotecas (SISBI)**	**Sim, mas não tem**

		Uberlândia	**Uberlândia**	**Diretora: Kelma Patrícia de Souza Email:dirbi@dirbi.ufu.br Tel: (34) 3239-4225/4267**	**bibliotecário.**
Sudeste	**Minas Gerais**	**Hospital Escola (EBSERH)**	**Universidade Federal do Triângulo Mineiro**	**Biblioteca Universitária Email:biblioteca@cppg.uftm.edu.br diretoria@biblioteca.uftm.edu.br Tel: (34) 3318-5610**	**Não**
Sudeste	**Espírito Santo**	**Hospital Universitário Antonio de Moraes (EBSERH)**	**Universidade Federal do Espírito Santo**	**Sistema de Bibliotecas (SIB) Diretora Arlete Franco Email: arlete.franco@ufes.br Tel: (27) 4009-2400**	**Não**
Sul	**Paraná**	**Hospital das Clínicas (EBSERH)**	**Universidade Federal do Paraná**	**Sistema de Bibliotecas (SiBi) Email: portalsibi@ufpr.br Tel: (41) 3360-5284**	**Não**
Sul	**Rio Grande do Sul**	**Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Junior**	**Fundação Universidade Federal do Rio Grande**	**Biblioteca do Hospital Universitário Bibliotecária: Conceição Lima Email: conceicaolima@furg.br Tel: (53) 3233-8848**	**Sim, mas só tem uma bibliotecária que está de licença**
Sul	**Rio Grande do Sul**	**Hospital Escola (EBSERH)**	**Universidade Federal de Pelotas**	**Sistema de Bibliotecas (SIBI) Diretora: Daiane de Almeida Schramm Email: daiane.schramm@gmail.com Tel: (53) 3921-1282**	**Não**
Sul	**Rio Grande do Sul**	**Hospital Universitário (EBSERH)**	**Universidade Federal de Santa Maria**	**Sistema de Bibliotecas (SIB) Diretora: Lizandra Veleda Arabidian Email: atendimento.sib@ufsm.br Tel: (55) 3220-8651**	**Não**
Sul	**Rio Grande do Sul**	**Hospital de Clínicas de Porto Alegre**	**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**	**Biblioteca de Medicina Bibliotecária: Ana Paula Araújo Cabral Email: bibmed@ufrgs.br (51) 3308-5598**	**Não. Tinha até 1998, hoje a biblioteca está em um prédio próximo ao Hospital**
Sul	**Santa Catarina**	**Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago**	**Universidade Federal de Santa Catarina**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Maria Gorete Savi Email:gorete.savi@ufsc.br Tel: (48) 3721-9088**	**Sim**

HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS ESTADUAIS					
REGIÃO	**ESTADO**	**HOSPITAL**	**UNIVERSIDADE**	**CONTATOS**	**BIBLIOTECA NO HOSPITAL**
Sul	**Paraná**	**Hospital Universitário Regional de Maringá**	**Universidade Estadual de Maringá**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Sandradi Email:hum-bse@uem.br Tel: (44) 3011-9132**	**Sim**
Sul	**Paraná**	**Hospital Universitário Regional Norte do Paraná**	**Universidade Estadual de Londrina**	**Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde Bibliotecária: Vilma Email: biblioteca@uel.br Tel: (43) 3371-2259**	**Não**
Sul	**Paraná**	**Hospital Universitário do Oeste do Paraná**	**Universidade Estadual do Oeste do Paraná**	**Biblioteca de Cascavel Email: bibcvel@gmail.com Tel: (45) 3220-3178**	**Sim, mas não tem bibliotecário**
Sudeste	**São Paulo**	**Hospital Universitário**	**Universidade de São Paulo**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Maria Alice Email: sbdc@hu.usp.br**	**Sim**
Sudeste	**São Paulo**	**Hospital das Clínicas**	**Universidade de São Paulo**	**Biblioteca da Faculdade de Medicina Email:referencia@biblioteca.fm.usp.br Tel: (11) 3061-7266**	**Não**
Sudeste	**São Paulo**	**Hospital das Clínicas**	**Universidade do Estado de Campinas**	**Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas Email:bibfcm@fcm.unicamp.br Tel: (19) 3251-7551**	**Não**
Sudeste	**Rio de Janeiro**	**Hospital Universitário Pedro Ernesto**	**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**	**Biblioteca do Hospital Bibliotecária: Angela Velho Email: angela.velho@hotmail.com**	**Sim**

APENDICE B - QUESTIONÁRIO PILOTO

Apresentação e Termo de Consentimento

Prezado(a) Bibliotecário (a),

O (a) Sr(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa qualitativa, de abrangência nacional, intitulada "Perfil e Competência em Informação dos bibliotecários da área da saúde: investigando os hospitais universitários federais". Este estudo tem por objetivo, identificar e conhecer, a partir de questionário online, o perfil dos bibliotecários que atuam na área da saúde, suas motivações e opiniões sobre o exercício da profissão na área escolhida, quais os maiores desafios, como mantêm-se atualizados e capacitados no exercício de suas funções como bibliotecários de hospitais universitários.

Sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/IBICT e me chamo Vanessa Souza Mendonça. Este questionário é parte de minha dissertação que tem a orientação da Profa. Dra. Jacqueline Leta.

Caso concorde voluntariamente em participar desse estudo, será solicitado responder algumas perguntas sobre seus dados pessoais e profissionais, a exemplo: idade, sexo, instituição que trabalha, tempo de atuação profissional. O (a) Sr(a) tem o direito de recusar a responder qualquer pergunta que o (a) deixe constrangido (a).

Em qualquer etapa do estudo poderá ter acesso ao pesquisador responsável e aos membros da equipe através do telefone (21) 98226-0602 e e-mail: vanessamendonca@hucff.ufrj.br. Falar com Vanessa Mendonça. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho HUCFF/FM/UFRJ, situado à Rua Rodolpho Paulo Rocco, 255 - Cidade Universitária/Ilha do Fundão - Sala 01D-46/1º andar pelo e-mail cep@hucff.ufrj.br ou telefone (21) 3938-2480/2481.

Vale ressaltar que sua participação nesta pesquisa é opcional. O (a) Sr. (a) terá a garantia da liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento. Caso aceite participar dela, todas as informações acessadas e coletadas serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Além disso, todas as informações serão tratadas de forma sigilosa, mesmo em situações em que haja cruzamento dos dados. Desta forma, garantimos o total sigilo de suas informações pessoais e confidenciais, de forma a respeitar os princípios éticos expressos na Resolução nº 466/2012, que asseguram "a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa". O estudo é composto pelas seguintes etapas: Levantamento bibliográfico preliminar e Análise Documental; Identificação e seleção das bibliotecas de Hospitais Universitários Federais (campos de estudo); Elaboração / aplicação / análise dos questionários; Divulgação dos resultados.

Muito obrigada!

Vanessa Mendonça
vanessamendonca@hucff.ufrj.br

***1. AUTORIZO o uso das minhas respostas a este questionário segundo as regras de confidencialidade apresentadas anteriormente.**

- ◯ Sim
- ◯ Não

***2. Estou ciente de que a participação nesta pesquisa é voluntária e que fui devidamente esclarecido quanto aos seus objetivos.**

- ◯ Concordo
- ◯ Discordo

Parte 1: Dados pessoais e profissionais

Nesta seção, gostaria de ter algumas informações pessoais e profissionais

***3. Sexo:**

***4. Data de Nascimento**

DD MM AAAA

01/07/2014 ___ / ___ / ___

***5. Curso da Graduação:**

***6. Ano de conclusão do curso de graduação:**

***7. Nome da instituição de vínculo profissional atual:**

***8. Ano de admissão na instituição de vínculo atual:**

***9. Nome da biblioteca:**

PARTE 2: Biblioteca e seu público

Nesta seção, gostaria de conhecer a biblioteca e seu público

***10. Quantos bibliotecários trabalham nesta biblioteca?**

Outro (especifique)

***11. Há assistentes administrativos?**

- não
- sim

***12. Se sim, quantos?**

***13. Para cada um dos tipos de usuários abaixo, indique a frequencia média que eles usaram a biblioteca no último mês letivo:**

	Raramente	pelo menos um dia por semana	de dois a quatro dias por semana	todos os dias da semana
Graduação				
Residência Médica				
Residência Multiprofissional				
Especialização				
Mestrado				
Doutorado				
Docentes				
Profissionais da área da saúde				

***14. Para cada uma das atividades da biblioteca, indique a frequencia média com que os usuários as procuraram no último mês letivo:**

	raramente	pelo menos um dia por semana	de dois a quatro dias por semana	todos os dias da semana
Empréstimo de livros				
Recuperação de artigos científicos				
Pesquisa bibliográfica e levantamento de dados				
Capacitação de usuários no uso de bases de dados				
Normatização de dissertações e teses				

***15. Para cada um dos tópicos abaixo, indique a frequencia media que serviços e produtos da bibliloteca foram divulgados no último mês:**

	raramente	semanalmente	diariamente
Página da Biblioteca	◯	◯	◯
Perfis em redes sociais	◯	◯	◯
Palestras e em treinamentos no uso de bases de dados	◯	◯	◯
Cartazes, panfletos e distribuição de folders	◯	◯	◯
Informes instituicionais	◯	◯	◯

PARTE 3: Perfil e capacitação profissional

Nesta seção, gostaria de conhecer sobre seu perfil profissional e como se capacita para o exercício de suas funções

***16. Indique o seu maior nível de formação acadêmica**

***17. Das atividades listadas abaixo indique aquelas que você já exerceu ou exerce atualmente:**

	não	sim
Gestão da biblioteca	○	○
Processamento técnico	○	○
Processo de recuperação da informação	○	○
Serviço de referência	○	○
Capacitação de usuários no uso de bases de dados	○	○
Indexação e análise da informação	○	○
Disseminação seletiva da informação	○	○
Formação e desenvolvimento de coleções	○	○

Outro (especifique)

***18. Preencha as afirmativas abaixo:**
Desde que assumi o cargo de bibliotecário(a) desta Biblioteca, eu:

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Sempre
Integro as equipes multidisciplinares e/ou clínicas	○	○	○	○
Colaboro com os profissionais realizando pesquisas para o desenvolvimento de seus estudos	○	○	○	○
Me ocupo das atividades de recuperação e transferência da informação, adaptando-as às necessidades de informação dos usuários	○	○	○	○
Recupero informação baseada em evidências para tomada de decisão da equipe clínica	○	○	○	○
Analiso os conhecimentos que sustentam a prática clínica com base na literatura científica produzida	○	○	○	○
Capacito os usuários no uso de bases de dados	○	○	○	○
Medio a busca da informação em parceria com o usuário	○	○	○	○
Acompanho clínicos e residentes em suas rondas médicas	○	○	○	○

***19. Considerando os tópicos abaixo, indique se você considera importantes para a sua atualização profissional:**

	sem importância	importante
Gerência e planejamento de unidades de informação	○	○
Indexação e análise da informação	○	○
Formação e desenvolvimento de coleções	○	○
Uso das tecnologias de informação	○	○
Processamento técnico	○	○

Outro (especifique)

***20. Considerando os tópicos abaixo, indique aqueles que contribuem para manter você atualizado (a) e capacitado(a) para o exercício de suas funções:**

	Não contribui	Contribui
Cursos e/ou mini-cursos presenciais	○	○
Cursos a distância	○	○
Participação em eventos da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação e/ou da área de Ciências da Saúde	○	○
Durante o serviço	○	○
No convívio com os usuários especializados	○	○
Através de tutoriais disponíveis na internet	○	○

Outro (especifique)

***21. Abaixo são listadas algumas competências relacionadas ao fazer do bibliotecário, indique como você se sente em relação a elas:**

	não tenho essa competência	tenho pouca competência	tenho competência	tenho grande competência
Ter competência em indexação	○	○	○	○
Ter conhecimento de termos e descritores médicos	○	○	○	○
Ter conhecimento sobre indexação e análise de assuntos	○	○	○	○
Saber manusear as ferramentas de Busca em bases de dados	○	○	○	○
Ter conhecimento dos métodos de pesquisa	○	○	○	○
Ter habilidade na prática da recuperação e disseminação da informação	○	○	○	○
Ter conhecimento da Prática baseada em evidências	○	○	○	○
Ter conhecimento clínico sobre anatomia e fisiologia	○	○	○	○
Ter conhecimento em epidemiologia e estatística	○	○	○	○
Ter conhecimento da língua inglesa	○	○	○	○

Outro (especifique)

PARTE 4: Dificuldades e perspectivas para o desenvolvimento profissional

Nesta seção, gostaria de conhecer as dificuldades enfrentadas e suas perspectivas para o desenvolvimento profissional

***22. Considerando os tópicos abaixo, você considera que foram barreiras para o seu desenvolvimento profissional**

	não	sim
Ausência de política de aperfeiçoamento de pessoal na instituição	○	○
Falta de motivação para a educação continuada por parte dos bibliotecários	○	○
Falta de apoio institucional para educação continuada e capacitação	○	○
Baixa oferta de cursos voltados para informação em saúde	○	○

Outro (especifique)

***23. Que nível de dificuldade enfrentou para atuar na área de Ciências da Saúde**

24. Quais eram essas dificuldades?

25. Como foram vencidas?

26. Quais as suas perspectivas em relação à atuação do bibliotecário no desenvolvimento da pesquisa científica em saúde?

27. Quais são suas sugestões para otimizar essa atuação?

Muito obrigada pelas respostas!

Agradeço sua participação e também gostaria de contar com uma última ajuda: deixe abaixo sua opinião sobre esta pesquisa.

28. Você considera que este tema de pesquisa é:

29. O que você achou do formato do questionário?

30. As perguntas são claras e adequadas ao tema?

31. Gostaria de deixar aqui seus comentários sobre o questionário?

32. Gostaria de ser informado sobre os resultados desta pesquisa?

APENDICE C - QUESTIONÁRIO PILOTO: ANÁLISE DO RESULTADO

Uma vez concluída a elaboração do questionário piloto e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi aplicado um pré-teste com quatro bibliotecárias de referência que atuam na área da saúde, nas seguintes bibliotecas: biblioteca do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), biblioteca do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e biblioteca da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Para garantir o anonimato, os respondentes deste primeiro diagnóstico foram identificados a partir de códigos como R1 para respondente 1 e assim sucessivamente.

A seguir, são apresentados os resultados do pré-teste, buscando manter a sequência dos temas tal como aparecem no questionário piloto.

SOBRE O PERFIL PESSOAL E PROFISSIONAL DOS RESPONDENTES

No que diz respeito ao perfil pessoal e profissional deste grupo, todas as participantes são mulheres, com idades entre 38 a 48 anos. Todas são graduadas no curso de Biblioteconomia e Documentação, duas no ano de 1992 e duas no ano de 1999. R1, R2 e R3 têm menos de dez anos de instituição, enquanto a respondente R4 tem vinte anos de vínculo institucional.

SOBRE O AMBIENTE DE TRABALHO

Questionadas sobre a quantidade de bibliotecários que cada biblioteca tem, as respondentes indicaram: R1 tem duas, R2 tem quatro, R4 tem sete. A exceção é R3 que trabalha com quinze bibliotecários. Com relação ao número de assistentes administrativos, três respondentes contam com esses funcionários, R1 com seis, R3 com quatorze e R4 com seis. A biblioteca da R2 disse não ter assistentes administrativos.

As respondentes indicaram que o público mais frequente da biblioteca são os alunos de graduação e da residência, os quais segundo as respondentes, visitam a unidade pelo menos de dois a quatro dias por semana. Já os alunos de doutorado, foram indicados como o público menos frequente das bibliotecas, conforme o Quadro 1c:

Quadro 1c – Distribuição das respostas dos participantes na questão 13: *"Para cada um dos tipos de usuários abaixo, indique a frequencia média que eles usaram a biblioteca no último mês letivo".*

Questão 13	Raramente	pelo menos um dia por semana	de dois a quatro dias por semana	todos os dias da semana
Graduação	0	0	2	2
Residência médica	1	0	2	1
Residência multiprofissional	0	2	2	0
Especialização	1	1	2	0
Mestrado	1	0	3	0
Doutorado	2	1	1	0
Docentes	1	1	2	0
Profissionais de saúde	1	1	1	1

Sobre os serviços procurados pelos usuários da biblioteca, destacam-se: o empréstimo de livros, a recuperação de artigos científicos e a pesquisa bibliográfica e levantamento de dados que são procurados diariamente. O serviço de capacitação de usuários no uso das bases de dados tem uma frequencia menor, de dois a quatro dias por semana, e a normatização de teses e dissertações pelo menos um dia por semana.

Com relação à divulgação dos produtos e serviços da biblioteca, as respondentes, dizem que, raramente, utilizam a página da biblioteca e os perfis nas redes sociais para divulgação. Foi observada, neste grupo, uma maior frequencia na divulgação dos serviços e produtos da biblioteca em palestras e em treinamentos no uso das bases de dados. Cartazes, distribuição de folders e informes institucionais também são instrumentos pouco utilizados para divulgação, conforme apresentado no Quadro 2c.

Quadro 2c – Distribuição das respostas dos participantes na questão 15: *"Para cada um dos tópicos abaixo, indique a frequencia média que serviços e produtos da biblioteca foram divulgados no último mês letivo".*

Questão 15	raramente	semanalmente	diariamente
Página da biblioteca	2	1	1
Perfis em redes sociais	3	1	0
Palestras e em treinamentos no uso de bases de dados	1	1	2
Cartazes, panfletos e distribuição de folders	3	0	1
Informes institucionais	2	1	1

CAPACITAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS

A terceira parte do questionário piloto buscou conhecer o perfil e a capacitação dos bibliotecários da área da saúde. Inicialmente os participantes foram solicitados a indicar o maior nível de formação: R1 tem mestrado, R2 e R3 têm especialização e R4 bacharelado.

No que se refere à indicação de atividades que exerce ou já exerceu ao longo da sua vida profissional em bibliotecas, R1 foi a única respondente que marcou todas as atividades listadas como exercidas, além de ter participado no desenvolvimento e organização de serviços de informação (bibliotecas virtuais), participação em rede de colaboração (rede de bibliotecas do SUS, rede do patrimônio cultural da saúde) e gestão de projetos. R2 também exerce/exerceu praticamente todas as atividades listadas, com exceção da formação e desenvolvimento de coleções. R3 exerce/exerceu atividades de processo de recuperação da informação, serviço de referência, capacitação de usuários no uso de bases de dados, indexação e análise da informação e formação e desenvolvimento de coleções. R4 também indicou exercer praticamente todas as atividades, com exceção da gestão de bibliotecas. Indicou também treinar usuários para normatização e normalização de trabalhos acadêmicos.

Com o intuito de verificar em quais perfis (médico, clínico ou informacionista) as respondentes se enquadram, foi solicitada a indicação da frequencia com que desenvolvem algumas atividades listadas. Destas, quatro atividades são exclusivas dos perfis de bibliotecários clínicos e informacionistas: integrar equipes multidisciplinares; recuperar informação baseada em evidências para tomada de decisão de equipes; analisar os conhecimentos que sustentam a prática clínica com base na literatura científica produzida; e acompanhar clínicos e residentes em rondas médicas.

Integrar equipes de saúde, recuperar informação baseada em evidências e principalmente acompanhar clínicos e residentes são atividades que raramente ou nunca são desempenhadas por estes profissionais. Por outro lado, colaborar com profissionais realizando pesquisas bibliográficas ou recuperando e transferindo informação e capacitar o uso de bases de dados, além de mediar a busca da informação são atividades que elas assumem com maior frequencia entre elas, conforme apresentado no Quadro 3c:

Quadro 3c – Distribuição das respostas dos participantes na questão 18: *"Preencha as afirmativas abaixo: Desde que assumi o cargo de bibliotecário (a) desta biblioteca, eu".*

Questão 18	**Nunca**	**raramente**	**frequentemente**	**sempre**
Integro as equipes multidisciplinares e/ou clínicas	2	2	0	0
Colaboro com os profissionais realizando pesquisas para o desenvolvimento de seus estudos	0	0	1	**3**
Me ocupo das atividades de recuperação e transferência da informação, adaptando-as às necessidades de informação dos usuários	0	0	1	**3**
Recupero informação baseada em evidências para tomada de decisão da equipe clínica	1	2	1	0
Analiso os conhecimentos que sustentam a prática clínica com base na literatura científica produzida	1	1	1	1
Capacito os usuários no uso de bases de dados	0	0	1	**3**
Medio a busca da informação em parceria com o usuários	0	0	1	**3**
Acompanho clínicos e residentes em suas rondas médicas	**4**	0	0	0

As respondentes indicaram fazer as atividades tidas como tradicionais por quem atua no ambiente da biblioteca, tais como: a busca em bases de dados e a capacitação de usuários. A partir deste cenário, pode-se inferir, assim, que todas as respondentes se encaixam no perfil de bibliotecário médico.

No que diz respeito aos tópicos que consideram os mais importantes para sua atualização profissional, todos os itens listados foram considerados por todas as respondentes como importantes: gerência e planejamento de unidades de informação; indexação e análise da informação; formação e desenvolvimento de coleções; uso das tecnologias de informação e processamento técnico. O mesmo se repetiu na questão seguinte, onde todas as respondentes indicaram que os itens listados contribuem para os bibliotecários manterem-se atualizados e capacitados no exercício de suas funções: cursos e/ou mini-cursos presenciais; cursos a distância; participação em eventos da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação e/ou da área de Ciências da Saúde; durante o serviço; no convívio com os usuários especializados e através de tutoriais disponíveis na internet.

Foi solicitado às respondentes indicarem como se sentem com relação à algumas competências do fazer bibliotecário. Indicaram ser competentes na indexação, no conhecimento de termos e descritores médicos, em manusear ferramentas de busca em bases

de dados, no conhecimento dos métodos de pesquisa, na prática em recuperação e disseminação da informação. Porém indicaram ter pouca ou não ter competência na prática baseada em evidências, conhecimento sobre anatomia, fisiologia, epidemiologia e estatística e da língua inglesa.

Quadro 4c – Distribuição das respostas dos participantes na questão 21: *"Abaixo são listadas algumas competências relacionadas ao fazer do bibliotecário indique como você se sente em relação a elas".*

Questão 21	**não tenho essa competência**	**tenho pouca competência**	**tenho competência**	**tenho grande competência**
Ter competência em indexação	0	1	2	1
Ter conhecimento de termos e descritores médicos	0	0	**3**	**1**
Ter conhecimento sobre indexação e análise de assuntos	0	1	2	1
Saber manusear as ferramentas de busca em bases de dados	0	0	**3**	**1**
Ter conhecimento dos métodos de pesquisa	0	0	**4**	0
Ter habilidade na prática da recuperação e disseminação da informação	0	0	**3**	1
Ter conhecimento da prática baseada em evidências	1	2	1	0
Ter conhecimento clínico sobre anatomia e fisiologia	**1**	**3**	0	0
Ter conhecimento em epidemiologia e estatística	1	2	1	0
Ter conhecimento da língua inglesa	1	2	1	0

DIFICULDADES E PERSPECTIVAS NA PROFISSÃO

A quarta parte do questionário voltou-se para conhecer as dificuldades e perspectivas no desenvolvimento profissional dos bibliotecários da área da saúde. A maioria das questões são abertas, deixando espaço para que os respondentes possam colocar sua visão e opinião sobre sua capacitação profissional.

Nesta etapa, foi solicitado às respondentes que indicassem os itens considerados barreiras para seu desenvolvimento profissional. A maioria das respondentes indicou o item "falta de apoio institucional para educação continuada e capacitação".

Quadro 5c – Distribuição das respostas dos participantes na questão 22: *"Considerando os tópicos abaixo, você considera que foram barreiras para o seu desenvolvimento profissional".*

Questão 22	**Sim**	**Não**
Ausência de política de aperfeiçoamento de pessoal na instituição	1	3
Falta de motivação para a educação continuada por parte dos bibliotecários	1	3
Falta de apoio institucional para educação continuada e capacitação	3	1
Baixa oferta de cursos voltados para informação em saúde	2	2

A questão 23 do questionário piloto perguntava as bibliotecárias qual foi o nível de dificuldade enfrentado por elas para atuar na área de ciências da saúde. R1, R2 e R4 consideram o nível como baixo e R3 indica o nível como médio.

Posteriormente, as respondentes foram solicitados a relatar quais foram as dificuldades encontradas no desempenho profissional na área da saúde. Foi perceptível que cada uma das respondentes indicou dificuldades diferentes, desde o domínio de recursos de informação da área até indexação, conforme expressos nas seguintes falas:

> "*Conhecer, dominar e manusear a diversidade de fontes de informação existentes para a área. Considerando suas diferentes plataformas e recursos especializados*". (R1)

> *"Dificuldade normal de quando se começa a trabalhar numa área que nunca trabalhou".* (R2)

> *"A área de Ciências da Saúde é uma área muito ampla e com termos muito específicos. O indexador quando fica restrito a uma única área (ex: odontologia), com o passar do tempo torna-se um especialista. Agora, indexar várias áreas diferentes dentro da Ciências da Saúde (ex: medicina, farmácia, biofísica, nutrição, etc.) quase que diariamente, é a maior dificuldade enfrentada. Principalmente, quando essa não é a sua única atividade na Biblioteca".* (R3)

> *"No início, a maior parte dos cursos era presencial, realizada em outro Estado da União. Dificuldade com idiomas diversos do Português, Inglês e Espanhol."* (R4)

Na questão 24 foi solicitado às respondentes que descrevessem como venceram essas dificuldades.

> *"Cursos de capacitação, estudo e troca com os pares".* (R1)

> *"Na pratica das atividades".* (R2)

> *"Na verdade, ainda estão sendo vencidas. A partir de agora, o bibliotecário de indexação ficará restrito ao serviço de indexação e*

não fará mais as outras atividades da biblioteca. Podendo assim, se dedicar mais a esse serviço que requer muita pesquisa, leitura, atenção e dedicação". (R3)

"A Instituição contratou serviços de instrutores e organizou cursos específicos para os bibliotecários, e a internet avançou possibilitando o uso de tradutores online". (R4)

Com relação às perspectivas das respondentes sobre a atuação do bibliotecário no desenvolvimento da pesquisa científica em saúde, todas as participantes deste pré-teste foram otimistas, indicando um espaço de atuação promissor para os bibliotecários na área, conforme as seguintes falas:

"Que entenda da área de informação em saúde, sendo um colaborador que participa ativamente, esclarecendo e orientando a atividade de pesquisa - mediando a informação por meio da interação com o usuário e sua necessidade de informação". (R1)

"Considero que o bibliotecário possui todas as condições necessárias para atuar no desenvolvimento de pesquisa científica. Deve ser um campo de atuação profissional onde o bibliotecário deva estabelecer raízes". (R2)

"No meu ponto de vista, o bibliotecário dentro da sua área de atuação poderá contribuir cada vez mais para o desenvolvimento da pesquisa científica em saúde com sua competência, habilidade, técnica e avanço tecnológico. Importante, esse trabalho conjunto entre o pesquisador e o bibliotecário". (R3)

"Em crescente demanda. O mercado de trabalho vem aumentando consideravelmente". (R4)

Na última questão foram solicitadas sugestões para otimizar a atuação do bibliotecário na área da saúde. A maior parte das participantes indicou a atualização e capacitação como forma de otimizar a atuação, conforme expressos nas seguintes falas:

"Estudar, buscar capacitação e trocar experiências". (R1)

"Aceitar os desafios e novas propostas para atuação profissional". (R2)

"O Bibliotecário dentro da sua área de atuação deve estar sempre procurando formas de se atualizar". (R3)

"Que os treinamentos sejam oferecidos desde os cursos de graduação". (R4)

Para este primeiro grupo de respondentes, que é limitado em número, buscou-se gerar um quadro descritivo sem traçar qualquer relação entre as variáveis pessoais e profissionais (sejam elas dependentes ou independentes) com as respostas às questões de perfil e

competência em informação dos bibliotecários da área da saúde. O conjunto de dados aqui apresentados foi, então, suficiente para formar uma visão geral dos aspectos a serem observados no questionário final, quando submetido a um grupo maior, ou seja, os bibliotecários de referência que atuam em bibliotecas dos hospitais universitários federais.

AVALIAÇÃO DO QUESTIONÁRIO PILOTO

Todos as quatro bibliotecárias responderam ao questionário e consideraram o tema desta pesquisa como muito relevante. Além de todas as questões serem respondidas por todas as participantes, há comentários sobre o formato do questionário expressos nas seguintes falas:

> *"O formato é ótimo. Simples e interativo".* (R1)

> *"Não conhecia e achei bem interessante e interativo".* (R3)

Outra questão respondida pelas participantes foi com relação à clareza e à adequação das perguntas. Foi indicado que algumas questões não estavam suficientemente claras quanto à formulação e abrangência de conteúdo. Alguns comentários estão expressos nas seguintes falas:

> *"Em sua maioria são claras, mas podem ser melhor focalizadas com relação ao serviço de referência ou algum serviço especifico do serviço de referência - não ficou claro que o foco possa estar nesta área/atividade da biblioteca".* (R1)

> *"Sim, mas em alguns momentos fiquei sem saber como responder quando pensava na realidade da minha biblioteca".* (R3)

Foi aberto também um espaço no questionário para comentários e sugestões, onde os participantes podiam colaborar com ideias para a reformulação de algumas perguntas e inserção de outras mais objetivas ao estudo. A respondente R1 indicou alterações nas questões 13, 19, 20 e 21.

Diante dos comentários expostos sobre o formato, a clareza e a adequação das perguntas e sugestões, foi realizada uma revisão no texto de algumas questões do questionário piloto com o intuito de deixá-lo mais objetivo, claro e preciso. Um exemplo foi a questão 15 (Apêndice B) cujo texto original era *"Para cada um dos tópicos abaixo, indique a frequência média que os serviços e produtos da biblioteca foram divulgados no último mês"* e na questão 11 (Apêndice D) passou para *"Em quais canais de comunicação são divulgados os serviços e produtos da biblioteca?"*

Além dessa mudança, também identificaram-se algumas questões que tinham conteúdo ambíguo ou pouco relevante para o trabalho e, por isso, foram excluídas. Este foi o caso da questão 11 (Apêndice B), que perguntava se havia assistentes administrativos na equipe da biblioteca e caso a resposta fosse positiva, solicitava a indicação da quantidade dos referidos funcionários, por exemplo.

APENDICE D - QUESTIONÁRIO FINAL

Apresentação e Termo de Consentimento

Prezado(a) Bibliotecário (a),

O (a) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa qualitativa, de abrangência nacional, intitulada "Competência em Informação e perfil dos bibliotecários da área da saúde: investigando os hospitais universitários". Este estudo tem por objetivo, identificar e conhecer, a partir de questionário online, o perfil dos bibliotecários que atuam na área da saúde, suas motivações e opiniões sobre o exercício da profissão na área escolhida, quais os maiores desafios, como mantêm-se atualizados e capacitados no exercício de suas funções como bibliotecários de hospitais universitários.

Sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/IBICT e me chamo Vanessa Souza Mendonça. Este questionário é parte de minha dissertação que tem a orientação da Profa. Dra. Jacqueline Leta.

Caso concorde voluntariamente em participar desse estudo, será solicitado responder algumas perguntas sobre seus dados pessoais e profissionais, a exemplo: idade, sexo, instituição que trabalha, tempo de atuação profissional. O (a) Sr(a) tem o direito de recusar a responder qualquer pergunta que o (a) deixe constrangido (a).

Em qualquer etapa do estudo poderá ter acesso ao pesquisador responsável e aos membros da equipe através do telefone (21) 98226-0602 e e-mail: vanessamendonca@hucff.ufrj.br. Falar com Vanessa Mendonça. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho HUCFF/FM/UFRJ, situado à Rua Rodolpho Paulo Rocco, 255 - Cidade Universitária/Ilha do Fundão - Sala 01D-46/1º andar pelo e-mail cep@hucff.ufrj.br ou telefone (21) 3938-2480/2481.

Vale ressaltar que sua participação nesta pesquisa é opcional. O (a) Sr. (a) terá a garantia da liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento. Caso aceite participar dela, todas as informações acessadas e coletadas serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Além disso, todas as informações serão tratadas de forma sigilosa, mesmo em situações em que haja cruzamento dos dados. Desta forma, garantimos o total sigilo de suas informações pessoais e confidenciais, de forma a respeitar os princípios éticos expressos na Resolução nº 466/2012, que asseguram "a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa". O estudo é composto pelas seguintes etapas: Levantamento bibliográfico preliminar e Análise Documental; Identificação e seleção das bibliotecas de Hospitais Universitários Federais (campos de estudo); Elaboração / aplicação / análise dos questionários; Divulgação dos resultados.

Muito obrigada!

Vanessa Mendonça
vanessamendonca@hucff.ufrj.br

***1. AUTORIZO o uso das minhas respostas a este questionário segundo as regras de confidencialidade apresentadas anteriormente.**

- ◯ Sim
- ◯ Não

***2. Estou ciente de que a participação nesta pesquisa é voluntária e que fui devidamente esclarecido quanto aos seus objetivos.**

- ◯ Concordo
- ◯ Discordo

Parte 1: Dados pessoais e profissionais

Nesta seção, gostaria de ter algumas informações pessoais e profissionais

***3. Sexo:**

***4. Ano de Nascimento**

***5. Ano de conclusão do curso de graduação:**

***6. Ano de admissão na instituição de vínculo atual:**

***7. Nome da instituição de vínculo profissional atual:**

PARTE 2: Biblioteca e seu público

Nesta seção, gostaria de conhecer a biblioteca e seu público

***8. Quantos bibliotecários trabalham nesta biblioteca?**

***9. Para cada um dos tipos de usuários abaixo, indique quais mais utilizam a biblioteca. Enumere de 1 a 8 em ordem de maior frequencia.**

- Graduação
- Residência Médica
- Residência Multiprofissional
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Docentes
- Profissionais da área da saúde

***10. Para cada uma das atividades do serviço de referência, indique a frequência com que os usuários as procuram. Enumere de 1 a 6 em ordem de maior procura.**

- Recuperação de artigos científicos (em portais, acervo e comutação)
- Pesquisa bibliográfica e levantamento de dados
- Capacitação de usuários no uso de bases de dados (orientação e treinamentos)
- Capacitação para gerenciadores de referência (Endnote, Zotero, Mendeley)
- Acompanhamento em revisões sistemáticas
- Normatização de dissertações, teses e outros trabalhos

***11. Em quais canais de comunicação são divulgados os serviços e produtos da biblioteca?**

- Página da Biblioteca
- Perfis em redes sociais
- Palestras e em treinamentos no uso de bases de dados
- Cartazes, panfletos e distribuição de folders
- Informes institucionais

Outro (especifique)

12. A biblioteca participa de serviços em rede? Se sim, qual(is)?

- ◯ Não
- ◯ Sim

Qual(is)?

***13. No serviço de referência de sua biblioteca, você observa que atende com mais frequencia demandas de informação referente à pesquisas científicas em andamento, à situações pontuais na assistência ao paciente ou à outras necessidades? Comente brevemente.**

PARTE 3: Perfil e capacitação profissional

Nesta seção, gostaria de conhecer sobre seu perfil profissional e como se capacita para o exercício de suas funções

***14. Indique o seu maior nível de formação acadêmica**

15. Além das atividades do serviço de referência, você exerce alguma atividade de outra seção? Caso sim, indique:

- ☐ Gestão da biblioteca
- ☐ Processamento técnico
- ☐ Indexação e análise da informação
- ☐ Formação e desenvolvimento de coleções

Outro (especifique)

***16. Preencha as afirmativas abaixo:**

Desde que assumi o cargo de bibliotecário(a) de referência desta Biblioteca, eu:

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Sempre
Identifico as necessidades de informação dos usuários	○	○	○	○
Realizo pesquisas e levantamentos bibliográficos para os usuários	○	○	○	○
Medio a busca da informação em parceria com o usuário	○	○	○	○
Capacito os usuários no uso de bases de dados	○	○	○	○
Integro as equipes multidisciplinares e/ou clínicas	○	○	○	○
Acompanho clínicos e residentes em suas rondas médicas	○	○	○	○
Participa de sessões clínicas ou outras atividades científicas	○	○	○	○
Recupero informação baseada em evidências para tomada de decisão da equipe clínica	○	○	○	○
Localizo e organizo recursos informacionais para viabilizar que os clínicos encontrem respostas mais adequadas no cuidado com o paciente	○	○	○	○
Analiso a informação própria dos especialistas	○	○	○	○

***17. Pense agora nas atividades que desenvolve na biblioteca e indique quais competências foram exigidas de você durante o último mês.**

- [ ] Conhecimento de termos e descritores em Ciências da Saúde
- [ ] Conhecimento sobre indexação e análise de assuntos
- [ ] Conhecimento no manuseio das ferramentas de busca em bases de dados
- [ ] Conhecimento dos métodos de pesquisa
- [ ] Conhecimento na prática da recuperação e disseminação da informação
- [ ] Conhecimento da prática baseada em evidências
- [ ] Conhecimento clínico sobre anatomia e fisiologia
- [ ] Conhecimento em epidemiologia e estatística
- [ ] Conhecimento da língua inglesa

Outra (especifique)

***18. Participa ou atua em atividades fora do ambiente da biblioteca, por exemplo, em algum projeto de pesquisa ou assistência com setores ou serviços do Hospital Universitário? Se sim, qual(is)?**

- ( ) Não
- ( ) Sim

Qual(is)?

***19. Considerando os tópicos abaixo, indique quais você prefere para se manter atualizado(a) e capacitado(a) no exercício de suas funções:**

- [ ] Cursos presenciais e/ou a distância
- [ ] Participação em eventos da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação e/ou da área de Ciências da Saúde
- [ ] Através de tutoriais disponíveis na internet
- [ ] Participação em listas de discussão
- [ ] No convívio com os usuários especializados

Outro (especifique)

***20. Indique se você já fez algum dos cursos abaixo:**

- [ ] Cursos promovidos pela Bireme
- [ ] Epidemiologia clínica
- [ ] Ética em pesquisa
- [ ] Metodologia da Pesquisa
- [ ] Informação em saúde

Outro (especifique)

***21. Você participa de algum grupo de bibliotecários de Informação e documentação na área da saúde? Se sim, qual(is)?**

- ( ) sim
- ( ) não

Qual(is)?

PARTE 4: Dificuldades e perspectivas para o desenvolvimento profissional

Nesta seção, gostaria de conhecer as dificuldades enfrentadas e suas perspectivas para o desenvolvimento profissional

***22. Que nível de dificuldade enfrentou para atuar na área de Ciências da Saúde**

***23. Quais foram as principais necessidades e/ou barreiras que encontrou para o seu desenvolvimento profissional na área da saúde?**

***24. Pense agora em alguma ocasião específica em que você teve dificuldades para atender à demanda de informação solicitada pelo usuário. Relate brevemente a situação e indique qual foi a dificuldade, se e como foi vencida.**

25. Quais as suas perspectivas com relação à atuação do bibliotecário em hospitais universitários?

Muito obrigada pelas respostas!

Agradeço sua participação!

26. Espaço para seus comentários sobre o questionário

ANEXO A - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
CLEMENTINO FRAGA FILHO
((HUCFF/ UFRJ))

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMPETÊNCIA INFORMACIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS ATUANTES EM HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Pesquisador: Jacqueline Leta

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 30872414.0.0000.5257

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 640.768

Data da Relatoria: 22/05/2014

Apresentação do Projeto:

Protocolo 093-14 do grupo III, recebido em 6.5.2014.

Os seguintes documentos foram anexados em 06.05.2014: 1.Folha de Rosto; 2.Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 3.Carta de Apresentação do Projeto, assinada pelo do Instituto de Bioquimica; 4.Curriculo Lattes JLeta; 5. Curriculo Lattes VMendonça ; 6.Projeto de Pesquisa; 6. A presente Lista de Anexos (Apêndice).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Esta pesquisa tem por objetivo identificar e conhecer, a partir de questionários, os bibliotecários que atuam na área da saúde, suas motivações e opiniões sobre o exercício da profissão na área escolhida, quais os maiores desafios, como mantêm-se atualizados e capacitados no exercício de suas funções como bibliotecários de hospitais universitários.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não se aplica

Benefícios:

Durante as pesquisas bibliográficas sobre o assunto, foi perceptível que existem poucos, porém

Endereço: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco Nº255 Sala 01D-46
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 21.941-913
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-2480 **Fax:** (21)3938-2481 **E-mail:** cep@hucff.ufrj.br

interessantes trabalhos nacionais sobre a atuação
do bibliotecário na área da saúde. O bibliotecário deve buscar entender, além da estrutura organizacional da instituição onde trabalha, a organização
dos conhecimentos da área e os tipos de profissionais que são seus clientes, de acordo com as várias formações acadêmicas, para então satisfazer
as necessidades informacionais destes profissionais em diferentes estágios de suas carreiras. É hora dos bibliotecários agirem pró-ativamente em
direção a novos conceitos e novas práticas profissionais no campo da saúde, sem esperar que a demanda surja de médicos ou de alguma
necessidade pontual e específica. Sem dúvida, é uma área com enorme potencial transformador e criativo no trabalho com a informação. É nesse contexto, que pretende-se desenvolver a pesquisa sobre os bibliotecários na área da saúde e sua atuação nos hospitais universitários.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa cujo principal método de coleta de dados será um questionário que será aplicado aos bibliotecários atuantes de hospitais universitários no Brasil. O estudo terá 4 etapas principais: Levantamento bibliográfico preliminar e Análise Documental; Identificação e seleção das bibliotecas de Hospitais Universitários Federais (campos de estudo); Elaboração / aplicação / análise dos questionários; Divulgação dos resultados.

Resumo:

As bibliotecas universitárias têm como objetivo oferecer aos seus usuários recursos de pesquisa que facilitem o desenvolvimento de seus estudos e projetos. Na área da saúde, as bibliotecas de hospitais universitários têm por responsabilidade prover, organizar e disseminar a informação, proporcionando a atualização dos conhecimentos dos profissionais da saúde e da prática médica. A sobrecarga informacional e o volume de resultados de pesquisa em saúde se estabelecem como um desafio aos profissionais bibliotecários que devem estar habilitados a elaborar estratégias de busca em variadas bases de dados para recuperar a informação necessária na literatura. O domínio dessas habilidades em níveis mais altos de eficiência pressupõe treinamento especializado e experiência substancial. Este trabalho tem como objetivo identificar e conhecer, a partir da aplicação de questionários, os bibliotecários que atuam na área da saúde, suas motivações e opiniões sobre o exercício da profissão na área escolhida, quais os maiores desafios, como mantêm-se atualizados e capacitados no exercício de suas funções como bibliotecários de hospitais universitários.

Introdução:

A informação é considerada hoje em dia como um bem precioso. O saber e o conhecimento, constantemente renovados, têm um valor essencial na vida das pessoas e na sociedade moderna. Na área da saúde, o volume de informação e os de novos conhecimentos gerados assim como, a troca de ideias e impressões, são ainda mais relevantes ganham uma nova dimensão: , pois se encontram ligadas à busca por maior qualidade de vida das pessoas e das populações. Nesse sentido, a medicina e a saúde têm conhecido progressos espantosos, revolucionando assim as perspectivas de combate às doenças, consolidando o prolongamento de uma vida saudável, e garantindo maior dignidade da vida humana, individualmente e no seu conjunto. É no ambiente das universidades e centros de formação, onde se criam e aperfeiçoam os novos profissionais da saúde como médicos, enfermeiros, nutricionistas assim como os gestores hospitalares e técnicos de saúde; é também o lugar onde se gera o conhecimento. Esses profissionais e os estudantes são, simultaneamente, agentes produtores e utilizadores de informação e, neste processo, eles recorrem a recursos informacionais dos mais diversos tipos para o bom desempenho da sua atividade profissional e/ou científica. Tradicionalmente, a organização, o armazenamento, a preservação e a disseminação da informação têm sido feitos no âmbito dos chamados serviços de informação, sendo as bibliotecas e os arquivos os exemplos mais típicos de tais serviços. Especificamente na área de saúde, Ribeiro afirma que "as bibliotecas das Faculdades de Medicina ou de outras instituições de ensino ligadas à saúde como, por exemplo, as escolas de enfermagem, e os hospitais universitários são consideradas serviços especializados" (RIBEIRO, 2009, p. 117) que procuram reunir informações de caráter científico para apoio dos profissionais de saúde, incluindo-se os docentes e estudantes. A biblioteca universitária desempenha, assim, um papel central ?? na missão organizacional de uma universidade, na medida em que desenvolve os seus valores e contribui para a realização do seu plano pedagógico e científico. Neste contexto, o profissional de informação, o/a bibliotecário/a, passa a ser entendido não como ¿um mero fornecedor de informação, mas um mediador assertivo, pró ativo e crítico para a construção do conhecimento científico" (ANTUNES, 2007, p. 1). As transformações da área da saúde se refletem na ação de todos aqueles que trabalham com a área e também com áreas afins, como é o caso do profissional da informação em saúde. Tendo sua atuação reconhecida na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil esse profissional não possui uma capacitação voltada para atuação em áreas especificas. Desta forma, a capacitação é moldada pela prática, ou seja, pelas instituições empregadoras que se dispõem a fazêlo. "Uma questão fundamental é identificar como planejar e implementar a capacitação do bibliotecário para que ele atue eficazmente". (BERAQUET; CIOL, 2003, p.57) O profissional da informação que atua na área da saúde tem a possibilidade de

auxiliar em diversos serviços de saúde. No Brasil, este profissional é mais freqüente empregado em bibliotecas acadêmicas especializadas em saúde e menos freqüente, na área da prática médica ou clínica médica(CIOL; BERAQUET, 2003), embora exista a figura do bibliotecário hospitalar, com os diversos serviços por ele oferecidos.

Hipótese:

Tem-se como hipótese que o preparo específico do bibliotecário na área da saúde, se dá, geralmente, em serviço e no convívio com os usuários especializados e a partir da necessidade destes no acesso aos documentos e bases de dados especializadas da área.

Objetivo Primário:

Esta pesquisa tem por objetivo identificar e conhecer, a partir de questionários, os bibliotecários que atuam na área da saúde, suas motivações e opiniões sobre o exercício da profissão na área escolhida, quais os maiores desafios, como mantêm-se atualizados e capacitados no exercício de suas funções como bibliotecários de hospitais universitários.

Metodologia de Análise de Dados:

A técnica de levantar dados através de pesquisa qualitativa, junto aos bibliotecários com o questionário on-line se identifica como a mais acessível e de fácil avaliação, mensuração, distribuição dos dados, gerando assim os resultados para a comprovação das hipóteses. Estas deverão ser testadas nessa proposta de estudo e provar a sua viabilidade, correta ou incorreta de seus objetivos de acordo com o relatório de pesquisa com a apresentação dos dados e discussão.

Desfecho Primário:

Tomando a área da saúde como campo do fazer biblioteconomico e considerando como características desta área, o saber científico, a necessidade de atualização de seus profissionais, a alta especialização, a profusão de literatura e de produção científica, é importante apreender, da parte dos bibliotecários inseridos nesta área, quais são as sua percepções e opiniões a respeito deste campo de atuação e como se capacitam para melhor atender os usuários da biblioteca hospitalar universitária .

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Há Folha de rosto devidamente preenchida; Há curriculum lattes das pesquisadoras; Há carta de apresentação; Há TCLE.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
CLEMENTINO FRAGA FILHO
((HUCFF/ UFRJ))

Continuação do Parecer: 640.768

Recomendações:

1. No TCLE, atualizar o telefone do CEP

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

1. Trata-se de projeto de pesquisa da mestranda Vanessa Souza Mendonça, sob orientação da pesquisadora responsável Jacqueline Leta, docente do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ.
2. O pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais. Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP, de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada..

RIO DE JANEIRO, 08 de Maio de 2014

Assinador por:
Carlos Alberto Guimarães
(Coordenador)

Endereço: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco Nº255 Sala 01D-46
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 21.941-913
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-2480 **Fax:** (21)3938-2481 **E-mail:** cep@hucff.ufrj.br